



Raimundo Nonato
Rocha do Lago

A EVOLUÇÃO DE POVOS PÓS-DILUVIANOS

 VISEU



Copyright © Viseu

Copyright © Raimundo Nonato Rocha do Lago

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

editor: Thiago Domingues Regina

projeto editorial: BookPro

coordenação editorial: Blenda Castro

revisão: Maria Carolina Gonçalves

copidesque: Évelin Tiedt

diagramação: Aline Garcia

capa: Vinicius Ribeiro

e-ISBN 978-65-598-5031-0

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Viseu Ltda.

contato@editoraviseu.com

www.editoraviseu.com

Dedicatória

Dedico este livro à minha amada esposa Sonia Maria P. do Lago, aos nossos queridos filhos Raquel, Natanael, Ismael e Isaque e à minha netinha Ana Júlia, filha do Isaque, um dos muitos presentes valiosos que Deus nos deu para trazer mais alegria à nossa família. Dedico também ao amado pastor Nilton César Abreu Ferreira (in memoriam), que foi um grande incentivador na minha vida para que eu pudesse realizar esta obra. Lamento que ele não se encontre mais entre nós para ver este meu sonho sendo realizado.

Ao meu amado pastor Joacy Almeida Costa, presidente de honra da Assembleia de Deus, campo do Tirirical, São Luís, Maranhão, que foi o nosso grande mestre no ensino da palavra por muitos anos; um grande exemplo de fidelidade e amor e um grande líder que a nossa igreja teve, a quem trazemos em grande estima. E ao nosso atual presidente do campo, o pastor Osiel Gomes da Silva, o nosso grande mestre na área da teologia e do ensino da palavra.

Dedico também esta obra a todos os irmãos da igreja Assembleia de Deus, campo do Tirirical, e especialmente aos da área 15, área na qual congrego e sirvo ao meu Deus. Enfim, a todos vocês que adquirirem este livro. Certamente ninguém ficará decepcionado com o conteúdo desta obra.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao meu Deus, a quem devemos toda a nossa vida, por ter me dado a inspiração e o entendimento para escrever esta obra.

À minha querida e amada esposa Sonia Maria P. do Lago, pelo incentivo quando eu estava desanimando e querendo desistir. Ela me dava a maior força e eu me encorajava novamente. Agradeço também pelas muitas orações feitas por ela para que esta obra fosse realizada.

Quero agradecer também ao meu ilustre amigo, o pastor Valberto Magalhães, que me ajudou de uma forma extraordinária, me dando dicas e fazendo algumas correções teológicas em vários capítulos desta obra.

Introdução

As crises do mundo antigo

A Bíblia registra que, na proporção em que a humanidade antediluviana crescia na Terra (Gn 6.1), também cresciam os problemas (Gn 6.2,3,5,11,12). Então, o escritor sagrado diz que a corrupção e a maldade eram tão grandes na Terra que Deus se arrependeu de ter feito o homem (Gn 6.6). A partir daí, o Senhor Deus resolveu destruir toda a sua criação com um dilúvio. Porém, o Senhor percebeu que entre todos os seres humanos um homem era diferente e vivia em sua presença: esse homem se chamava Noé (Gn 6.8); dessa forma Deus fez um pacto com ele e mandou que construísse uma arca sob medida para que ele e sua família, além de um par de todas as aves e animais que viviam sobre a Terra, se salvassem do dilúvio (Gn 6.13-20).

Assim foi, aconteceu o dilúvio e todos os seres vivos da Terra morreram, sobrevivendo apenas Noé com sua esposa, os seus três filhos - Sem, Cam e Jafé - com suas esposas e os bichos que entraram na arca, cumprindo assim a palavra do Senhor a Noé (Gn 7.1-3;7,8). E Deus abençoou Noé e os seus filhos e lhes deu o poder de fecundidade para povoarem novamente a Terra (Gn 9.1,7). No entanto, na proporção em que a humanidade começou a se multiplicar, começaram também os problemas, a desobediência, a insubordinação a Deus, a discórdia, a maldade, a idolatria e as constantes crises (Gn 11.1-9).

No mundo atual existem vários sistemas de governo, nos quais as nações são às vezes bem e às vezes mal regidas. Assim, o mundo está caminhando para um futuro no qual só Deus sabe o destino de cada uma das nações nele contidas. No passado, não foi diferente. Apesar de terem existido poucos sistemas governamentais, o mundo da época passou por muitos momentos de glória e, às vezes, momentos de crises políticas, sociais, econômicas, morais e espirituais. Tomo, por exemplo, algumas passagens bíblicas para comprovar a veracidade de tudo isso.

1 - Crise política: Em Gênesis 14.1-17, fala-se da guerra de quatro reis contra cinco, na qual Quedorlaomer, rei de Elão, subjugou por 12 anos as nações da região do Mar Morto, as quais se rebelaram contra ele, causando uma grave crise política, que, mais tarde, causou uma grande guerra entre nove nações.

2 - Crise social: Tomo como exemplo a torre de Babel (Gênesis 11.1-9), com a confusão das línguas. Enquanto era construída a torre, Deus confundiu a língua do povo, causando a maior crise social de todos os tempos, para que o povo não continuasse com aquele intento maligno de construir uma torre para chegar até o céu.

3 - Crise econômica: Em Gênesis 42.54, fala-se da grande crise econômica que houve nos dias de José enquanto governador do Egito; o mundo inteiro ficou sem mantimentos e só havia fartura no Egito por causa da sabedoria de Deus dada a José, que havia sido vendido pelos seus irmãos como escravo aos ismaelitas, os quais o levaram ao Egito e o venderam a Potifar, eunuco e chefe da guarda do faraó (Gn 37.26-36). José, por sua vez, serviu a Potifar com retidão, pois o Senhor estava com ele em tudo o que fazia; vendo Potifar que o Senhor era com José e que tudo o que ele fazia o Senhor abençoava grandemente, resolveu colocá-lo como mordomo de sua casa, responsabilizando-o sobre todos os seus bens. E Deus abençoou a casa de Potifar por causa de José de uma forma muito especial. José era um jovem muito formoso; por essa causa, a mulher de Potifar o assediava diariamente, até que um dia tentou seduzi-lo; não conseguindo o seu intento, pois José não cedera aos seus desejos, ela então tramou contra ele, e levantou-lhe uma calúnia denunciando-o ao seu marido e dizendo que ele tentara se aproveitar dela. Em função disso, Potifar o encerrou na prisão, juntamente com os presos do rei (Gn 39.2,20).

O Senhor abençoou José na prisão e o usou através de sonhos, levando-o a interpretar os sonhos do padeiro-mor e do copeiro-mor do Faraó, que foram

postos na prisão com ele; e aconteceu da maneira como interpretou, (Gn 40.5-19). Depois de algum tempo, José foi levado a interpretar os sonhos do faraó, que, acreditando na veracidade da interpretação, o colocou como governador do Egito, tornando-o o salvador do mundo diante da grande crise econômica pela qual o mundo passou naqueles dias (Gn 41.25-32).

4 - Crise moral: Em Gênesis 18.20.21, Deus decide destruir Sodoma e Gomorra e cidades adjacentes por causa do pecado moral de seus habitantes. Aquele povo praticava a homossexualidade e muitas outras imoralidades existentes naquela época. Deus, olhando do seu divã, disse: “com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem se multiplicado e o seu pecado tem se agravado muito. Descerei e verei se, de fato, o que tem sido praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei”.

5 – Crise espiritual: O capítulo 10 do livro de Esdras fala sobre a grande crise espiritual que o povo de Judá enfrentou nos dias do pós-cativeiro babilônico; naqueles dias, o povo havia se esquecido dos mandamentos do Senhor; ainda mais, tinham tomado para si mulheres pagãs como esposas, as quais estavam atrapalhando a comunhão do povo com o seu Deus. Enquanto Esdras orava e confessava o pecado do povo ao Senhor, todos se arrependeram e pediram perdão a Deus, despedindo suas mulheres pagãs para que o Espírito Santo novamente viesse agir em suas vidas.

Com essas constantes crises, o mundo daquela época sofria grandes decepções. Superavam, contudo, as crises e chegavam aos grandes momentos de glória sobre todas as áreas da vida humana.

I. Pequenos reinos da Antiguidade

Sinar (ou Sinear)

Nome de uma região da Babilônia da qual fazia parte as cidades de Babel, Ereque, Acade e Calné. Situava-se nessa região a planície da Babilônia. Essa região era um dos pequenos reinos da Antiguidade, tendo como fundador o rei Nino, a quem a Bíblia chamou de Ninrode (vem da raiz marad, que significa “ele se rebelou”): homem poderoso, grande caçador e construtor. Também edificou na Assíria as cidades de Nínive, Reobote-ir, Calné e Ressém (Gn 10. 8-12).

O nome Sinar, ou simplesmente Sinear, é uma designação de característica ampla aplicada à Mesopotâmia e aparece apenas oito vezes nas escrituras sagradas (Bíblia hebraica). Em Gênesis 10.10, relata-se o início do reino de Ninrode. Em Gênesis 11.2, aparece a planície de Sinar como a primeira habitada depois do dilúvio, quando a humanidade ainda falava a mesma língua. Em Gênesis 14.1,9, Sinear aparece tendo como rei Anrafel, que tinha como aliados Arioque, rei de Elasar; Quedorlaomer, rei de Elão; e Tidal, rei de Goim, os quais lutavam contra os reis de Sodoma e Gomorra: Edimar, Zeboim e Bera ou Zoar. Em Josué 7.21, Babilônia aparece como sinônimo de Senar. Em Isaías 11.11, relata-se o Senhor resgatando o seu povo das cidades da Assíria, do Egito, de Patros, da Etiópia, de Elão, de Sinar, de Hamate e das terras do mar. Em Daniel 1.2, Sinar aparece como sinônimo da Babilônia, para onde foram levadas por Nabucodonosor as coisas sagradas do Templo de Jerusalém. Em Zacarias 5.11, o profeta tem uma visão na qual aparece Sinar para onde a mulher foi, a fim de edificar uma casa.

De acordo com H. Welsh, cujo ponto de vista provém da associação com Ur dos Caldeus, é provável que Sinar tenha como significado “a terra de Sin”, deusa mesopotâmica da lua, cujo templo mais antigo localizava-se em Ur. Sinar possuía uma rede de templos, abarcando o Crescente Fértil, incluindo um templo de destaque na Babilônia em um de seus famosos portões – este também um

importante templo em Harã –, além da probabilidade de haver um outro em Jericó, cidade antiga cujo nome significa “local do deus da Lua”.

Dinastias do reino de Sinar

A tabela apresentada abaixo é baseada nos escritos gregos compilados por Nicola Lenglet Dufresnoy (1762 a.C.):

■

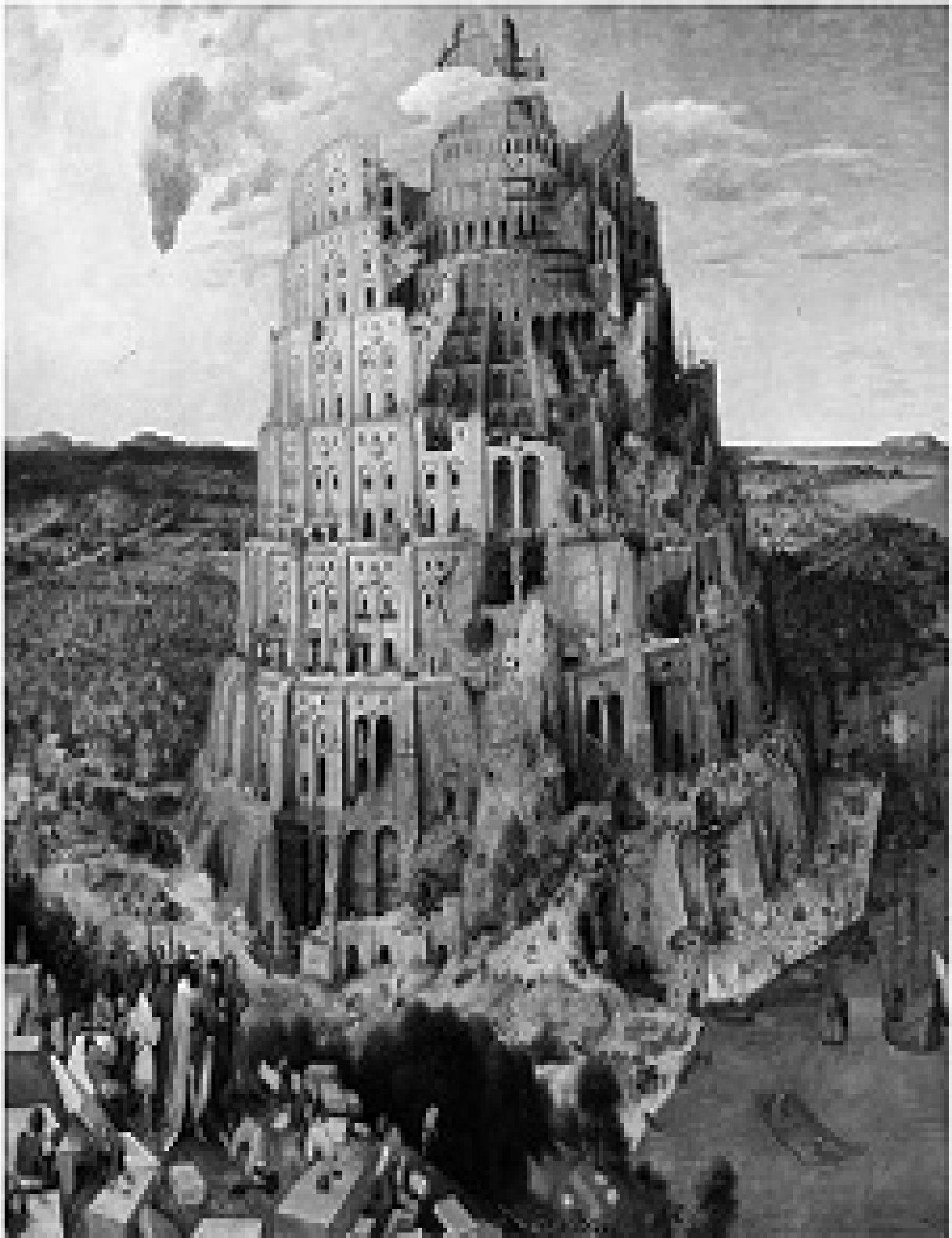
Nome	Início do reinado	Duração do reinado (anos)	Notas
Nimrod	?	35 anos	O primeiro rei de
Evechoos	?	6 anos e 8 meses	
Chomas-Belus	?	7 anos e 8 meses	
Porus	?	35 anos	
Nechubes	?	43 anos	
Abius	?	48 anos	
Oniballus	?	40 anos	
Zinzirus	?	45 anos	

■

O reino de Ninrode

Conforme os escritos dos rabinos, o nome Ninrode vem do verbo hebraico ma'rádh, que significa “rebelar-se” ou “ele se rebelou contra Deus”. Flávio Josefo, historiador judeu do século I, escreveu o seguinte: “Ninrode, neto de Cam, um dos filhos de Noé, foi quem os levou a desprezar Deus dessa maneira. Ao mesmo tempo valente e corajoso, persuadiu-os de que deviam unicamente ao seu valor, e não a Deus, toda a sua boa fortuna. E como ele aspirava ao governo, queria levá-los a escolhê-lo para seu chefe e a deixar Deus, oferecendo-se para protegê-los contra Ele (se Ele ameaçasse a Terra com outro dilúvio). Construiu uma torre para esse fim, tão alta que as águas não podiam chegar ao cimo, afirmando que ele ainda vingaria a morte de seus antepassados. O povo insensato deixou-se dominar por essa astuta persuasão de que seria vergonhoso ceder a Deus e começou a trabalhar nessa obra com ardor incrível” (1º Livro, cap. 4).

Ninrode foi o criador de toda sorte de ídolos daquela época e ainda se intitulou deus, dizendo ser o deus-sol, filho do céu. Com isso, chamou a atenção do povo pela sua bravura e valentia, persuadiu o povo a segui-lo e o colocou contra Deus; por ser ele um homem valente e poderoso, o povo o colocara como o seu rei. Ninrode estabeleceu o seu reino. Segundo as escrituras, o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que Ninrode edificava “e o Senhor disse: eis que o povo é um e todos falam a mesma linguagem. Isso é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo o que tentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem do outro. Destarte, o Senhor os dispersou dali pela superfície da Terra; e cessaram de edificar a cidade” (Gn 11.5-8).



Torre de Babel

Ninrode era um rei muito ganancioso e tinha desejo ardente de poder. Sua mãe, esposa de Cuxe, se chamava Semíramis e também tinha desejo ardente de poder. Assim, assediou o filho, que, por sua vez, assassinou o próprio pai, que se chamava Cuxe, filho de Cam, filho de Noé. Ninrode fez isso para tomar a própria mãe como esposa. Seu reinado durou mais ou menos 35 anos no pequeno reino de Sinar. Foi um rei muito cruel com os seus inimigos. No entanto, era bondoso com os seus súditos e todos gostavam dele.

Semíramis, encontrando-se casada com o homem mais poderoso da Terra, que era o “deus-sol, filho do céu”, achou-se no direito de autointitular-se a “deusa-lua”.

Depois de tudo o que aconteceu no início de uma nova povoação da Terra, Sem, filho de Noé, que era tio-avô de Ninrode, não suportou toda a rebeldia do sobrinho contra Deus e toda a persuasão que ele fez aos habitantes da Terra para realizar os seus feitos gananciosos e malignos. Vendo Sem que isso só trouxe confusão, assassinou-o e esquartejou-o, mandando os pedaços de seu corpo a todo o reino, sendo que somente suas partes íntimas não foram encontradas. O povo se revoltou pela morte de Ninrode, mas Semíramis acalmou os ânimos do povo, dizendo que isso tinha de acontecer e que ele não poderia ressuscitar devido ao fato de não haverem encontrado suas partes íntimas. Disse ainda que Ninrode era um deus e precisava voltar para o céu, que era o seu lugar, de onde iria governar a Terra e então tem início toda a história da idolatria no mundo. Diz uma tradição antiga que Semíramis assumiu o reino de Sinar e reinou por 42 anos sobre todo o reino, incluindo também a Assíria (Gn 10.10,11). Semíramis havia ficado grávida de um relacionamento extraconjugal, pois havia traído o marido-filho quando este ainda vivia.

O filho de Semíramis se chamava Tamuz e nascera em um dia que, segundo os estudiosos, corresponde ao mês de tebet (dezembro-janeiro) de um calendário antigo dos babilônios, que equivale ao dia 25 de dezembro do calendário gregoriano, o calendário usado no nosso país. Quando Tamuz nasceu, Semíramis, para enganar o povo, disse que aquela criança era um presente dos

deuses e era a reencarnação de Ninrode e dessa forma começa a doutrina da reencarnação, que é seguida pelos espíritas da atualidade.

Tamuz foi um grande caçador, como Ninrode. Em uma de suas caçadas, foi atacado por um animal selvagem e morreu. Seu corpo ficou caído sobre um tronco apodrecido de árvore. Semíramis, por sua vez, não se conformou e saiu pelas matas à procura do filho, encontrando-o morto no dia do seu aniversário, equivalente ao dia 25 de dezembro. Então, Semíramis juntou as profetizas do reino, com as quais passou 40 dias chorando sobre o cadáver do filho. Depois disso, segundo uma tradição antiga, no lugar em que Tamuz morrera, nasceu um pinheiro. A partir de então, Semíramis criou uma tradição de enfeitar o pinheiro no dia do aniversário do filho com a cabeça de pessoas que eram degoladas em sacrifícios pagãos por não estarem em conformidade com sua religião. Mais tarde, passaram a utilizar objetos redondos e brilhantes de cores vivas e o povo fazia troca de presentes no dia do aniversário de Tamuz.



osiris (Ninrode), Isis (Semiramis) e Hórus (Tamuz)

Tamuz foi considerado um deus, filho do deus-sol. A partir daí, surgiu uma tradição de prestação de culto a uma trindade profana: pai (Ninrode), mãe (Semíramis) e filho (Tamuz), mas com outros nomes. No Egito, Osíris era o pai (Ninrode); Ísis, a mãe (Semíramis); e Hórus, o filho (Tamuz).

Para os cananeus, Dagom era o pai (Ninrode), Astarote, sua mulher, era a mãe (Semíramis) e Baal era o filho (Tamuz).

Na Grécia, Ares era o pai (Ninrode), Afrodite era a mãe (Semíramis) e Eros era o filho (Tamuz). Em Roma, antes de Constantino, Saturno era o pai (Ninrode), Vênus era a mãe (Semíramis) e Cupido era o filho (Tamuz). Depois de Constantino, não se espante com o que vou dizer: o pai é o mesmo Ninrode, a mãe é a mesma Semíramis e aquele a quem chamam de Jesus (o mesmo nome do filho de Deus) é Tamuz.



Ares o pai (nirrode), Afrodite a mãe (Semírammis) e Eros o filho (Tamuz)



Roma antiga Saturno era (ninrode), Venos era (semíramis e Cupido era (Tamuz)



Pai (ninrode), Mãe (Semíramis) e o Filho era Tamuz

Não existem fatos históricos dos demais reis da primeira dinastia do reino de Sinar; encontramos apenas a lista contendo pelo menos mais sete monarcas que sucederam Ninrode. Existiram também outras dinastias que se seguiram. Entretanto, não encontramos muito a respeito delas.

A Bíblia menciona outro monarca do reino de Sinar, e lhe chama de Anrafel (Gn 14.1), provavelmente um dos reis pertencentes à dinastia de Quis, que reinou desde 1975 a.C. até 1945 a.C., totalizando 30 anos em Sinear. No final desse período, conquistou pelo fio da espada todo o território babilônico e, unindo-o ao seu território, fundou o reinado da Babilônia propriamente dito e reinou mais 25 anos sobre toda a região. Anrafel foi, portanto, o último rei do pequeno reino de Sinear. Depois que começou o novo reinado, o seu nome foi mudado para Hamurabi.

Elasar

Não há registros históricos claros sobre esse reino, mas a Bíblia registra que, nos dias de Abraão, existiu um homem chamado Arioque (que significa servo do deus-lua). Esse homem era rei de Elasar e era aliado de Quedorlaomer, rei dos elamitas.

Nas inscrições babilônicas, é encontrado o nome de um suposto rei de “Larsa” de nome Eriacu, filho de um homem chamado Cudurmabuque; subentende-se que esse reino de Larsa babilônico é o mesmo que Elasar, tendo como capital uma cidade de mesmo nome, atualmente identificada por montões de ruínas na região de Senquerá, a leste das ruínas de Ereque, antiga cidade de Sinear.



Mapa do império elamita .XXVII - VII a.C.

Elão

Elão, que significa “alto”, era uma região além do rio Tigre e ficava a leste da Babilônia. Era limitada ao norte pela Assíria e pela Média; ao sul, pelo Golfo Pérsico; e a leste e sudeste, pela Pérsia. Atualmente, é uma parte do Irã.

Os habitantes desse reino eram descendentes de um dos filhos de Sem, filho de Noé, chamado Elão (Gn 10.22). A capital do reino era Susa, uma importante cidade da Antiguidade.

Elão, nos tempos de Abraão, tornou-se um poderoso império, cujo rei se chamava Quedorlaomer. Não sabemos quando começou o seu reinado nem quanto tempo durou; sabe-se que ele conquistou pela força toda a região do Vale do Jordão e os reinos dessa região lhe pagavam tributos.

O monarca Quedorlaomer (cujo nome significa “servo do deus Lagamar”) teve como aliados Anrafel, rei de Sinear; Arioque, rei de Elasar; e Tidal, rei de Goim (Gn 14.1). Quedorlaomer fez de Bera rei de Sodoma; Birsa, rei de Gomorra; Sinabe, rei de Admá; Semeber, rei de Zoar, seus tributários (Gn 14. 2). Todos esses reis o serviram por 12 anos. No décimo terceiro ano, resolveram se rebelar contra ele (Gn 14.4). Diante dessa circunstância, no décimo quarto ano, Quedorlaomer convocou todos os seus aliados e foi de encontro a esses reis e muitas outras nações do Vale do Mediterrâneo, vencendo todas elas, inclusive Sodoma e Gomorra, Admar, Zeboim e Bela (ou Zoar).

No final dessa guerra, Quedorlaomer e seus aliados levaram muitos como cativos, inclusive Ló, sobrinho de Abraão (Gn 14.5-12). Sabendo este que seu

sobrinho tinha sido levado cativo, convocou todos os seus servos e foi de encontro a Quedorlaomer, vencendo-o e resgatando o seu sobrinho com toda a sua família e todos os seus bens (Gn 14. 13-17).

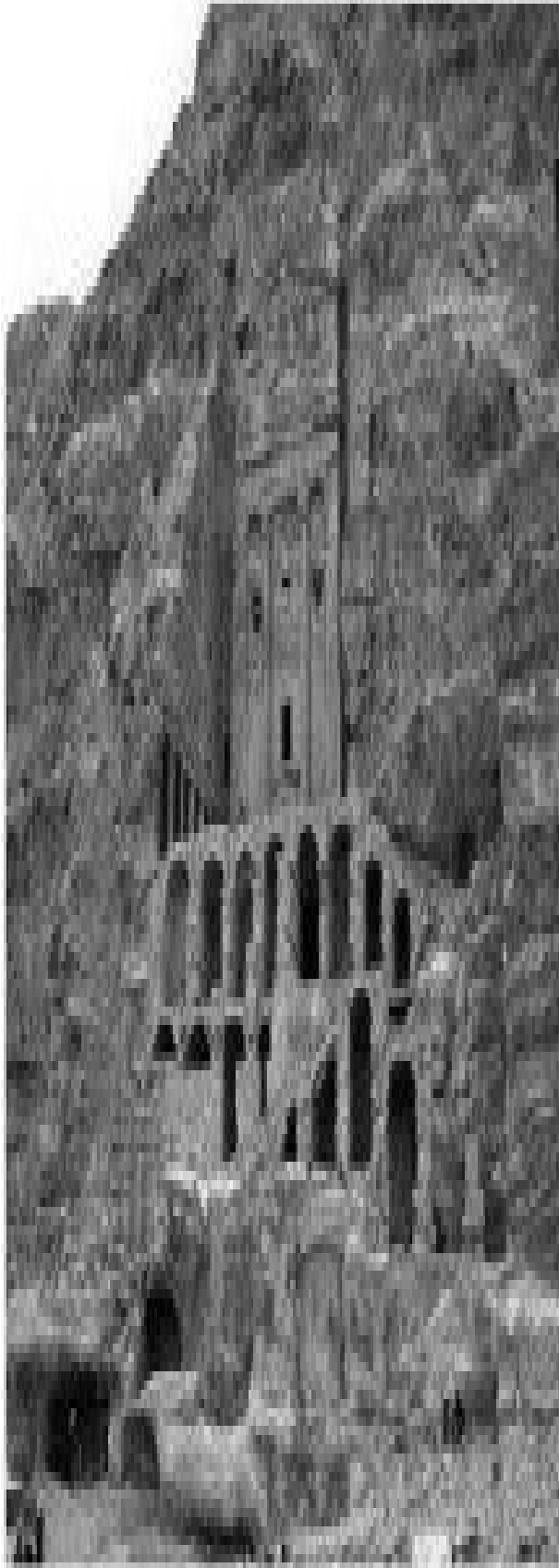
O reino de Elão teve várias dinastias desde o início do reino até o século VII a.C., mas, por ser um grande opositor dos assírios, houve alguns confrontos entre ambos. Elão foi dominado e tornou-se tributário e prestador de serviço militar para os assírios. Por esse tempo, finalizou-se o período dinástico de Elão.

No ano 645 a.C., Assurbanipal, rei da Assíria, invadiu novamente Elão, tomou sua capital, Susa, e cativou o reino, fazendo dele uma província da Assíria. No ano 607 a.C., o poder assírio foi derrubado por Nabopolassar, rei da Babilônia. Com a derrota da Assíria, Elão foi libertado e, depois de alguns anos, uniu-se à Média e conquistou a Babilônia (Is 21. 2).

Moabe

Moabe foi um reino de pouco destaque na Antiguidade. O seu território ocupava uma grande área ao longo do deserto. Seus limites se estendiam desde as planícies de Hesbom até ao Wady Kurahi, que se situava no extremo sul do Mar Morto e formava a linha divisória entre Moabe e Edom. Atualmente é chamado de Jordânia. Os moabitas eram parentes bem próximos dos israelitas, pois eram descendentes de Ló com sua filha primogênita (Gn 19.31-37).

Quando Israel peregrinava pelo deserto em direção à terra de Canã, aproximando-se do território dos moabitas, pediu passagem; o rei dos moabitas não permitiu, forçando Israel a passar por um caminho mais difícil; mesmo assim, Balaque, rei de Moabe, tentou atrapalhar a todo custo a vida do povo, contratando o profeta Balaão para o amaldiçoar. Balaão, contudo, foi impedido por Deus de proferir qualquer maldição e só os abençoou.



Quir-Harezete (Kerak) foi uma antiga fortaleza e capital do reino de Moabe; a arquitetura de pedra é o símbolo máximo da arquitetura de defesa dos cruzados.

Os reis de Moabe

Não temos informações sobre as dinastias desse reino. Encontramos na Bíblia os nomes de alguns reis, como o já citado Balaque, que não deu permissão aos filhos de Israel para passar por suas terras; e Eglom, o rei que subjuguou os israelitas no tempo dos juízes por 18 anos (Jz 3.12-14), sendo derrotado por Eudes, o segundo juiz libertador de Israel depois de Josué.

Nos dias de Davi, rei de Israel, o rei de Moabe levantou-se contra ele e foi derrotado, ficando assim a nação moabita submissa e tributária a Israel por muito tempo (2 Sm 8.2). Nos dias de Omri rei de Israel, Moabe se recusou a pagar o tributo. Omri convocou o seu exército e foi de encontro a Moabe. Houve uma grande batalha e Moabe foi novamente vencido e subjugado. Após a morte do rei Acabe, filho de Omri, rei de Israel, Jorão, filho de Acabe, assumiu o reinado. Nesse tempo, Mesa, rei de Moabe, se levantou contra Jorão para não mais pagar o tributo (2 Rs 3.4,5). Jorão aliou-se com Josafá, rei de Judá, e derrotou Mesa com todos os seus aliados e, dessa forma, Moabe continuou pagando tributo e dependente de Israel (2 Rs 3. 21-27).

Amom



Os amonitas são também descendentes do patriarca Ló por uma união incestuosa com sua filha mais nova. Dessa união, nasceu Bem-Amin, que significa “filho do meu povo” e tem pronúncia igual a “bebê-Amom”, significando filho de Amom (Gn 19. 38).

Tanto os moabitas quanto os amonitas habitavam as proximidades do Mar Morto. Os descendentes de Ló eram aparentados dos israelitas e eram parentes bem próximos.

O Senhor havia dado como possessão aos filhos de Amom o território pertencente a uma família de gigantes chamados Zom-Zumins (Dt 2. 20,21). Esse território ficava a leste do Mar Morto, entre o Arnon e a torrente de Jaboque, ao norte do território dos moabitas, sendo que Seom, rei dos amorreus, havia lutado contra os moabitas e tomado parte deste território. Mais tarde, Israel o tomou de Seom, rei dos amorreus, porque não havia deixado Israel passar quando vinha do Egito a caminho de Canaã (Nm 21. 21-26), ficando os amonitas apenas com a parte norte do território. Por isso os filhos de Amom ficaram inimigos de Israel por muito tempo: por causa da outra parte do território.

Os reis dos amonitas

Não temos conhecimento de quantas dinastias houve neste reino e nem de quantos reis. Temos conhecimento de apenas alguns, como Naás, que começou a reinar antes que Saul reinasse em Israel. Sendo ele inimigo da nação israelita, sitiou a cidade de Jabes-Gileades, amedrontando-a. O povo da cidade apelou para que Naas fizesse aliança com eles. Porém, Naas só aceitaria com uma condição: que o povo de Jabes arrancasse o olho direito.

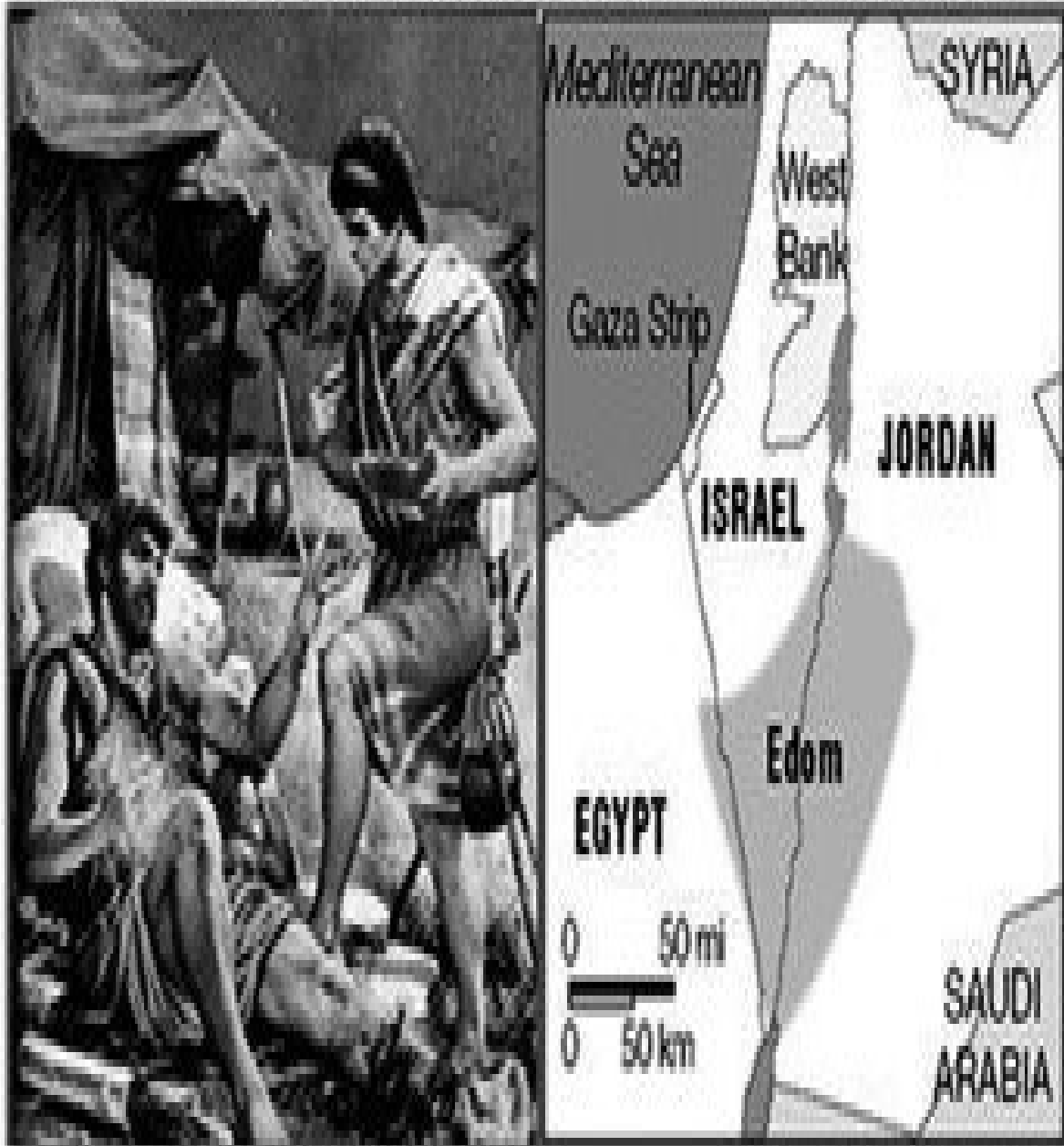
Saul, ao assumir o reino de Israel, foi de encontro a Naas, rei dos amonitas, e derrotou-o, livrando a cidade de Jabes-Gileades das mãos dos amonitas (1 Sm 1.11). Naas protegeu Davi quando este era perseguido por Saul, sendo este seu inimigo até a morte.

Morrendo Naas, Davi já havia assumido o reino de Israel e reinou Hanum, filho de Naas, no lugar de seu pai. Davi mandou uma embaixada para prestar-lhes os pêsames pela morte de seu pai, mas Hanum mandou raspar a metade da barba e da cabeça dos servos de Davi. Sabendo disso, Davi foi contra Hanum e seus aliados, derrotando-os e subjugando-os à condição de servos.

Edom

EDOM

OS EDOMITAS TRAM DESCENDENTES DE ESAÚ. POR CAUSA DO GUISADO QUE JACÓ USOU PARA COMPRAR DE ESAÚ A SUA PRIMOGENITURA, O NOME DA TRIBO PASSOU A SER "EDOM"



Edom (em hebraico, “vermelho”) é um nome dado a Esaú, irmão de Jacó, filho de Isaque. Esaú ganhou esse nome porque vendeu o seu direito de primogenitura para o seu irmão Jacó por um prato de lentilha (Gn 25. 30-34).

O nome “Edom” também era dado à região ocupada pelos descendentes de Esaú (Gn 36.1,8,9). Essa região tinha aproximadamente 185 quilômetros de comprimento por 30 quilômetros de largura e estendia-se para o sul, desde as terras de Moabe e o Mar Morto até o Mar Vermelho. A região era habitada anteriormente por um povo chamado horeu, que significa “habitante de cavernas”. Esse povo foi expulso pelos descendentes de Esaú, que é Edom, porque o Senhor havia dado suas terras como possessão para os edomitas.

As terras de Edom no tempo do Novo Testamento eram chamadas de Idumeia, uma região montanhosa; a principal montanha era chamada de Monte Seir, com aproximadamente 1.155 metros acima do Mediterrâneo. Essa região não era tão fértil para o cultivo de cereais como Canaã, mas, nos dias de Moisés e Josué, havia lá vinhas e muito gado, como ovelhas, bodes e outros animais.

Os israelitas, em sua jornada a caminho de Canaã, pediram passagem aos edomitas, que também eram seus irmãos. O rei de Edom não permitiu que eles passassem e ainda reuniu todo o seu exército para impedir que Israel seguisse caminho por suas terras. Em função disso, Israel se desviou deles (Nm 20.14-21).

Reis e príncipes de Edom

Quando os edomitas se organizaram como nação, seus governantes eram uma espécie de sheiks árabes (Gn 36.15-19; 1 Cr 1.51,54). Cada família tinha o seu príncipe (Gn 36. 40,46). Ao que parece, não durou muito tempo para que tivesse início um período monárquico sem dinastia. Observando minuciosamente Gênesis 36.31-39 e 1 Crônicas 1.43-50, vemos que só aparecem reis que são filhos de pais e cidades diferentes. Esse período monárquico deu-se antes que houvesse reis sobre Israel (Gn 36.31; 1 Cr 1.43-50). Subentende-se que houve algumas dinastias no reino dos edomitas, pois todos os reinos do passado foram regidos dinasticamente.

Os edomitas foram inimigos dos israelitas por muito tempo e, sempre que havia guerra entre eles, aqueles eram derrotados. Saul, quando assumiu o reino de Israel, pelejou contra todos os inimigos do reino e os venceu, inclusive os edomitas (1 Sm 14.47).

Joabe, chefe de guarnição do exército do rei Davi, a mando do rei, permaneceu juntamente com toda a sua guarnição por seis meses em todo o território do reino dos edomitas, onde matou os homens de guerra dos filhos de Edom e subjugou o reino que ficou tributário a Davi (2 Sm 8.14; 1 Rs 11.15,16).

Nos dias da velhice do rei Salomão, rei de Israel, este veio a pecar contra o Senhor, aderindo aos deuses pagãos e adorando-os. O Senhor, então, levantou outras nações contra ele, inclusive um príncipe edomita chamado Hadade e pertencente à linhagem real dos filhos de Edom; este foi um dos piores inimigos que o rei Salomão teve em todos os seus dias de vida.

No período do reinado de Jorão, rei de Israel, o rei Josafá, de Judá, juntamente com o rei de Edom, aliaram-se para derrotar Mesa, rei de Moabe, que se levantou contra Jorão para não mais lhe ser tributário (2 Rs 3.4-9,21-27). Essa aliança só foi possível devido ao fato de o rei de Edom ser submisso ao rei Josafá, rei de Judá. Essa submissão provavelmente foi imposta pelo rei Asa, pai de Josafá (1 Rs 22.47,48). O versículo 48 fala que não havia rei em Edom, mas sim um governador; fica subentendido que o rei acima citado era o próprio governador que auxiliou Jorão e Josafá na batalha.

No reinado de Jeorão, filho de Josafá, os edomitas se revoltaram contra o poderio de Judá e constituíram um rei para si. Jeorão foi de encontro a eles e feriu muitos dos edomitas, mas não conseguiu subjugar-los. Dessa forma, os edomitas conseguiram sua independência (2 Rs 8.20-22; 2 Cr 21.8-10).

O rei Amazias, filho de Josafá, rei de Judá, derrotou os edomitas no Vale do Sal e atirou de um despenhadeiro abaixo 10 mil soldados dos filhos de Edom. Também tomou Sela, a capital do reino, mudando seu nome para Jocteel (2 Rs 14.7).

Nos dias de Acaz, filho de Jotão, rei de Judá, os edomitas aproveitaram a oportunidade quando Judá estava sendo atacado – por Peca, rei de Israel; Resim, rei da Síria; e o rei da Filistia (2 Rs 16.5-9; 2 Cr 28.17,18) – e invadiram Judá, derrotaram Acaz e levaram cativos muitos dos filhos de Judá para suas terras. Acaz pediu socorro para Tiglate-Pilezer, rei da Assíria; porém, este não o ajudou em nada (2 Cr 28.16,20).

Os edomitas sempre foram inimigos de Judá. Quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, levou cativo o povo de Judá para a Babilônia e subjugou Jerusalém, os edomitas louvaram e cantaram de alegria pela derrota dos seus inimigos (Sl 137.7). No entanto, os profetas predisseram a destruição de Edom, pois, com o cativeiro de Judá, eles se apoderaram de suas terras e também de muitas cidades de Judá (Ez 36.5; 25.12-14; Ob 1.14,21; Is 34.5-17; Am 1.11,12).

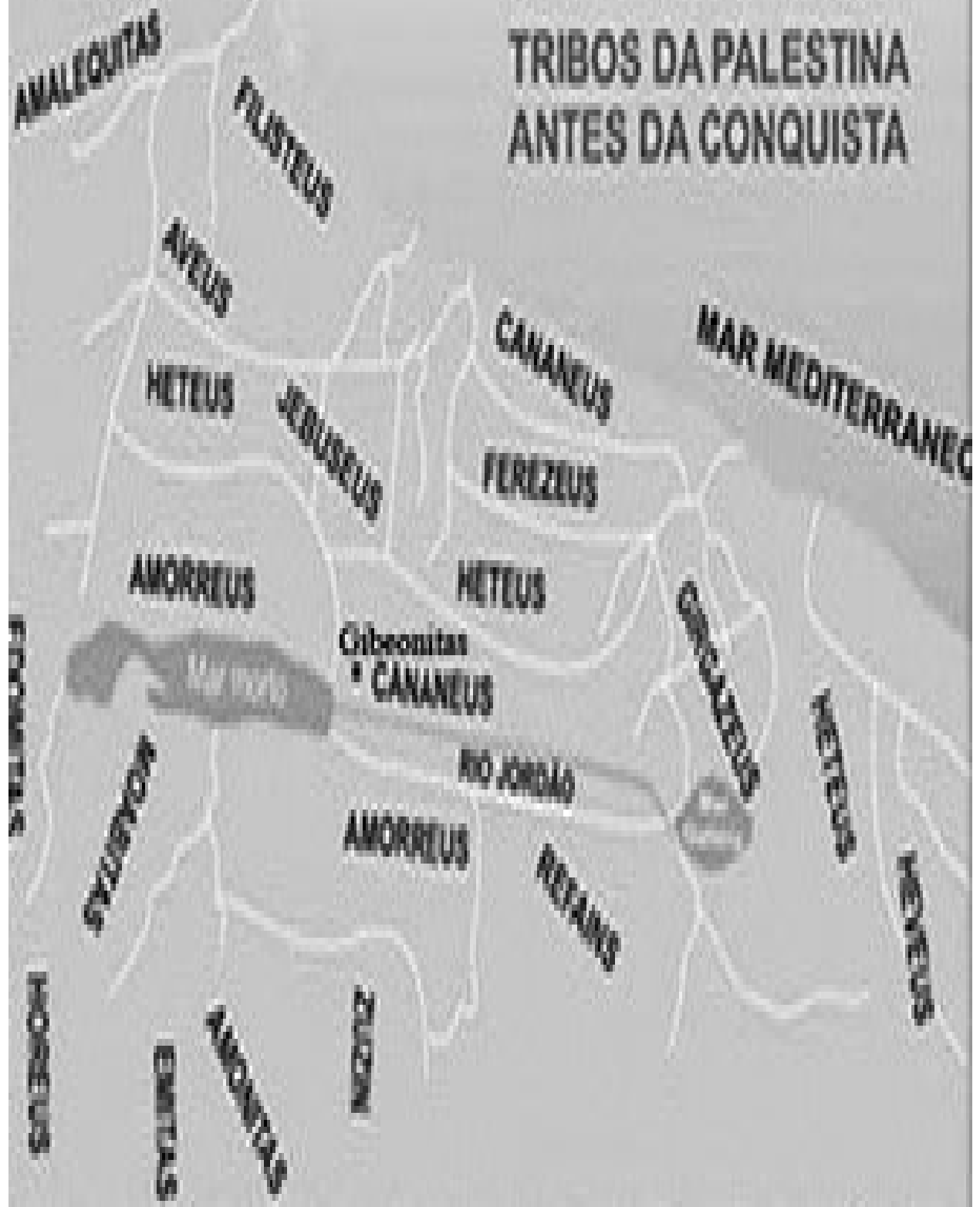
Judas Macabeu retomou todas as cidades ocupadas pelos edomitas e posteriormente João Ircano obrigou-os (na época, já chamados de indumeus) a circuncidarem-se, vindo assim a incorporá-los ao povo judeu. Herodes, o Grande era idumeu, bem como os seus sucessores Herodes Antipas, Agripas I e Agripas II.

II. Os reinos de Canaã

Canaã

Canaã é o nome do quarto filho de Cam, filho de Noé. Esse nome também é dado para a região ocupada pelos descendentes desse neto de Noé. Essa região ocupava a parte baixa da costa da Palestina, distinguindo-se, assim, da parte montanhosa do país (Nm 13.29). Posteriormente, veio a estender-se por todo o vale do Jordão e toda a parte ocidental da Palestina, às margens do Mar Mediterrâneo.

TRIBOS DA PALESTINA ANTES DA CONQUISTA



O Prof. John. D. Davis diz que, em conformidade com a designação geográfica, a palavra Canaã é empregada em dois sentidos: um mais lato e o outro, mais restrito. No sentido restrito, a palavra designa o povo residente na costa e nos vales. No sentido lato, o nome designa todas as tribos enumeradas em Gênesis 10. 15-19, isto é, todos os povos descendentes de Canaã.

O povo que residia na costa e nos vales era chamado cananeu; os demais povos chamavam-se heteus, amorreus, fereseus, heveus, jebuseus, filisteus (Êx 3.17; Js 13.1-6) e outros povos que só aparecem em Gênesis 10.18. Todos esses povos foram previamente condenados por Deus ao aniquilamento (Gn 15. 16; Êx 23.23,24).

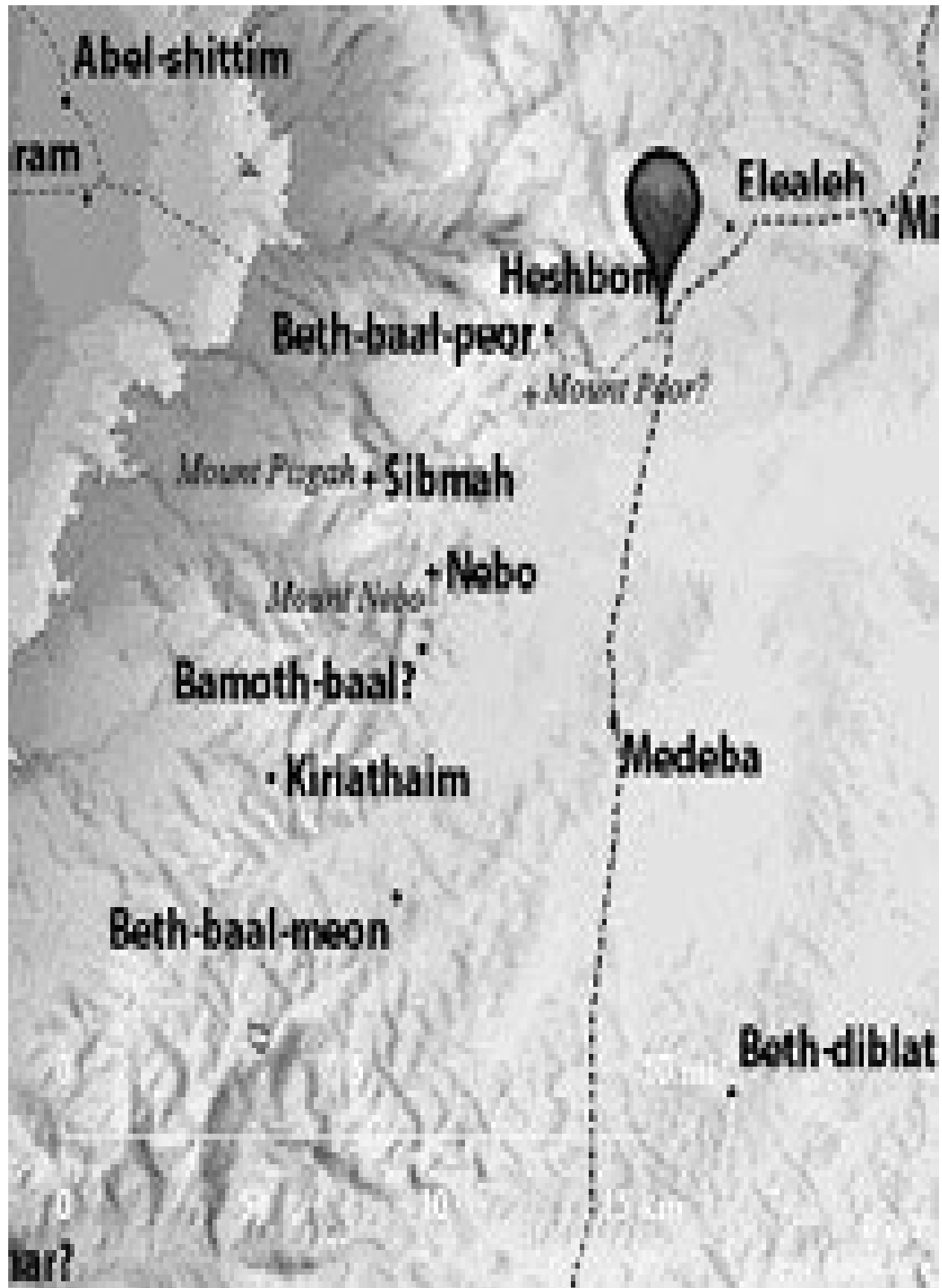
A capital de todos os reinos do norte e da parte central de Canaã chamava-se Hazor (em hebraico, “cercado”), conforme Josué 11.10. Segundo Josefo, essa cidade era situada ao norte da Palestina, nas proximidades do mar de Merom. Não temos muitas informações sobre ela; sabemos apenas que nos dias de Josué ela tinha como rei um monarca chamado Jabim (em hebraico, inteligente”) (Js 11.1).

Jabim, rei de Hazor

O nome Jabim era possivelmente um título conferido aos reis que aparecem como reis da cidade ou um título de uma dinastia de reis dos cananeus. A Bíblia registra o Jabim que foi derrotado por Josué e teve sua cidade totalmente destruída (Js 11.1,10,11), além de Jabim, rei de Hazor, nos dias de Debora (Jz 4.1-5), a mesma cidade destruída por Josué (Js 11.11b) e reconstruída, provavelmente pela tribo de Naftali (Js 19.36), sendo reconquistada novamente pelos cananeus depois da morte de Josué (Jz 1.1,; 4.1,2).

Não temos registro de outros reis cananeus com esse nome nem antes de Josué, nem depois de Débora e Baraque; sabemos apenas que os cananeus foram escravos dos israelitas por muito tempo (1 Rs 9.15).

Os amorreus



Os amorreus (em hebraico, “montanheses”) eram um dos povos descendentes de Canaã que se estabeleceram na Palestina muito antes que os descendentes de Israel fossem constituídos como povo (Gn 10.16-19; 15.18-21).

Nos dias de Abraão, os amorreus habitavam uma região que envolvia uma das praias ocidentais do Mar Morto, atrás das montanhas (Gn 14.7,13). Era um povo respeitado e poderoso na região que habitava. No tempo do Êxodo de Israel, eles continuavam na mesma região serrana (Nm 13.29); nessa época, eles já haviam conquistado muitas outras terras, até o oriente do Jordão e todo o território entre o Arnom e o Monte Hermom, desde o deserto até o Jordão (Dt 3.8; 4.48), além de muitas outras terras na região a oeste do Jordão. Os amorreus ocupavam toda a região desde Jebus (Jerusalém) até Hebrom, inclusive as terras baixas a norte, as quais se estendiam até Ajalom, e as terras que posteriormente foram dadas como possessão para a tribo de Efraim (Js 10.5; 16.5-10).

Os reis dos amorreus

Os amorreus tiveram vários reis desde que surgiram como nação até que Israel tomou suas terras. Assim como todas as outras nações que descendiam de Canaã, os amorreus possuíam cidades importantes e todas essas cidades tinham sua posseção de terras e seu rei.

Hesbom

Hesbom (em hebraico, “razão”) foi uma das importantes cidades dos amorreus e, nos dias da jornada de Israel pelo deserto, reinava sobre ela um rei chamado Seom (Nm 21.26). A região pertencente a esse rei ficava a leste do rio Jordão e a norte de Moabe, isto é, desde o ribeiro de Arnom até o ribeiro de Jaboque, mais ou menos a oeste das terras dos filhos de Amon (Nm 21.23).

Seom

Seom (em hebraico, “escova”), nome de um rei dos amorreus que reinava sobre Hesbom nos dias da jornada de Israel pelo deserto, era um rei poderoso e temido entre as nações da região, muito conhecido entre todos por suas conquistas. A região acima citada foi conquistada por ele pelo poder da espada.

A cidade de Hesbom e sua região pertenciam aos moabitas, descendentes de Ló; Seom lutou contra eles e tomou toda a sua terra até o Arnôm (Nm 21.26).

Outras importantes cidades pertencentes aos moabitas conquistadas por Seom, rei dos amorreus, foram Ar de Moabe (Nm 21.28), Dibom, Nofá e Medeba (Nm 21.30). Todas essas cidades foram destruídas a fogo e seus habitantes foram mortos à espada ou pelo fogo. Outros fugiram ou se tornaram cativos dos amorreus (Nm 21.28,29).

Quando Moisés e o povo de Israel chegaram às proximidades do território de Hesbom, às margens do ribeiro de Arnôm, Moisés mandou mensageiros a Seom, rei dos amorreus, para pedir passagem pelo seu território. Seom, contudo, não deu permissão e ainda convocou todo o seu exército e foi ao encontro de Israel no deserto de Jaza, pelejou contra Israel e foi ferido à espada. Israel tomou posse das suas terras e todas as suas cidades e aldeias e habitou todas elas (Nm 21.21-23). Essa região foi dada como herança às tribos de Rubem e de Gade, uma região muito desejada para a criação de rebanho.

Basã

Basã (em hebraico, “terra larga” ou “solo fértil”) era situada a leste e nordeste do mar da Galileia. O Antigo Testamento dá-nos uma ampla visão da grandeza dessa região, que se estendia desde as vizinhanças do Alto Jordão até os limites da Arábia desértica e a sul das Montanhas Haurã; a norte, estendia-se até Gesur e Macati (Dt 3.8-10; Js 12.4,5;13.11).

Nos limites de Basã, havia uma região chamada Argobe, muito famosa por nela existirem 60 cidades fortificadas, defendidas por altas muralhas (Dt 3.4,5; 1 Rs 4.13).

Na região montanhosa, existiam muitas outras cidades e aldeias. Os habitantes dessa região eram considerados pelos contemporâneos de Josué como descendentes da família dos amorreus (Js 1.10), chamavam-se refains (Gn 14.5; Dt 1.11) e eram um povo de grande estatura. Não sabemos ao certo de quem esse povo descende, mas fica subentendido que são descendentes de Canaã por habitarem eventualmente a mesma região dos cananeus.

Basã possuía duas capitais: Astarote e Edrei, ambas no extremo sul do país. Edrei distava de Astarote aproximadamente 9 quilômetros e ficava no lado oriental do mar da Galileia.

Basã possuía uma dinastia de reis da família dos refains, cuja estatura variava, podendo passar de três metros de altura. Ogue foi o último desses reis; era um homem gigante com uma estatura enorme e o seu sarcófago foi construído de ferro e media 3 metros e 96 centímetros de comprimento por 1 metro e 76

centímetros de largura, construído em Rabá pelos filhos de Amom (Dt 3.11).

Esse monarca, ao tomar conhecimento da derrota de Seom, rei de Hesbom, seu grande amigo e aliado, saiu de encontro a Israel na intenção de derrotá-lo (Dt 3.1). Ogue, pelo tamanho do seu porte e dos seus homens de guerra, achava-se na ousadia de pensar ser invencível, pois nunca havia perdido uma batalha. Sempre que lutava, saía vitorioso. Com Israel não foi assim, pois o Senhor entregou Ogue juntamente com todo o seu exército nas mãos do seu povo, o qual feriu todos eles até que não sobrou nenhum homem. E habitaram suas cidades e possuíram totalmente suas terras (Nm 21.33-35; Dt 3.3-6).

Os heteus

Os heteus eram descendentes de Hete, o segundo filho de Canaã, filho de Cam e neto de Noé. Habitavam desde a região norte da PALESTINA até o rio Eufrates (Js 1.4). Assim como Basã, os heteus possuíam duas capitais. Uma chamava-se Carquemis e ficava no extremo norte do país, a oriente do Eufrates, fazendo fronteira com um vau deste rio, e a norte da confluência com o Saju. Essa cidade era comercial por causa do acesso fluvial e era riquíssima.

A outra capital chamava-se Cades e ficava no extremo sul do país. Não sabemos ao certo sua localização; sabe-se apenas que ela também era uma importante cidade dos heteus. Assim como Cades e Carquemis, existiam muitas outras cidades. Entre elas, estava Hamate, uma cidade fortificada na costa ocidental do Mar da Galileia.

Os reis dos heteus

Os heteus tiveram dinastias e reis, mas não temos conhecimento do nome de nenhum deles; sabemos apenas que durante um período de aproximadamente 500 anos esses monarcas estiveram em luta contra os egípcios e travaram grandes batalhas contra os faraós Tetimés III, Seti I e Ramsés II, entre os séculos XV e XIV a.C..

Ramsés II, já no final do seu reinado, fez um tratado de paz com os heteus, mantido pelo seu filho Meneptá II, trazendo mais um período de trégua para eles. O início da queda do império dos heteus se deu no século IX a.C., quando Assurbanipal I, rei da Assíria, sitiou a cidade de Carquemis, tiranizando-a por certo período, até que o rei dos heteus que governava a parte norte do país se rendeu, ficando todo o seu território tributário a Assurbanipal I.

No ano 717 a.C., o monarca que governava Carquemis se revoltou contra o domínio assírio. Então, Sargom invadiu a cidade de Carquemis e tomou o domínio do país, derrubando o grande império dos heteus.

Os heteus continuaram governando uma pequena porção de terra, tendo como capital a cidade de Cades. Esta, no século VI a.C., foi sitiada pelo faraó Hofra, do Egito. Subentende-se que Hofra invadiu a cidade e pôs termo ao pequeno reino, finalizando o poderio dos heteus.

Os ferezeus

Os ferezeus (em hebraico, “habitantes de aldeias sem muralhas”) estão na lista dos habitantes das terras de Canaã (Ex 3.17). Não sabemos de quem eles foram descendentes. Eram aborígenes, talvez de raça bem diferente da dos cananeus e bem anterior à habitação dos descendentes de Canaã na Palestina; ou seja, antes de estes chegarem, aqueles já habitavam a terra (Gn 13. 7). Nos dias de Josué, eles ocupavam a região serrana do país, parte central da Palestina (Js 11.3).

Não temos conhecimento do nome da capital desse povo nem dos reis que reinaram sobre eles; sabemos apenas que eles eram famosos agricultores. Os israelitas, em suas conquistas, não os expulsaram, mas contraíram com eles estreitas relações, casando seus filhos e filhas com eles. Esse foi o principal fator que levou Israel à idolatria (Jz 3.5,6). Salomão os fez tributários juntamente com outras tribos que não foram expulsas do país (I Rs 9.20,21).

Os heveus

Os heveus são descendentes de Canaã, filho de Cam e neto de Noé (Gn 10.1,6,15-17); uma das nações que habitavam a Palestina antes da conquista de Israel àquela terra. Eles se estabeleceram em grande parte da costa do Mediterrâneo, na região do Líbano, nas proximidades do Monte Hermom (Js 11.3). Nessas terras, possuíam cidades e aldeias. Não sabemos qual era a sua capital. Além dessa região, possuíam ainda as cidades de Siquém, Gibeom, Cefira, Beerote e Quiriate-Gerim, na região central da Palestina. Essas cidades eram habitadas por comunidades de heveus.

Nos dias de Jacó, a comunidade dos siquemitas tinha como príncipe um homem chamado Hamor, pai de Siquém, o jovem que molestou Diná, filha de Jacó, e a humilhou (Gn 34.1,2); por causa disso, Simeão e Levi, filhos de Jacó, usaram uma estratégia, pedindo que todos os siquemitas daquela comunidade se circuncidassem. Essa era a única condição para que Siquém pudesse se casar com Diná. Todavia, três dias após a circuncisão, eles invadiram a cidade e mataram todos os varões daquela comunidade, inclusive Siquém e toda a casa de Hamor, por vingança ao mal que Siquém havia feito a Diná, sua irmã (Gn 34.15-26).

Nas cidades de Gibeom, Cefira, Beerote e Quiriate-Gerim, habitavam as comunidades que usaram o estratagema para enganar Josué e os israelitas para não serem mortos ou expulsos da terra: dizendo que vinham de uma terra muito remota, pediram que Josué fizesse um acordo com eles para viverem nas terras que Israel estava conquistando. Josué, sem consultar o Senhor, aceitou o acordo (Js 9.3-18). Algum tempo depois, isso causou uma catástrofe espiritual para o povo de Deus, que adotou os costumes pagãos daquele povo e serviu outros deuses, sendo castigado duramente pelo Senhor.

Os jebuseus

Os jebuseus eram descendentes de Jebus, filho de Canaã e neto de Cam, filho de Noé; assim como as outras nações, habitavam a Palestina antes da conquista do país pelos filhos de Israel.

A área geográfica dos jebuseus não era tão grande. Gênesis 14. 18 indica que eles já habitavam a região na época de Abraão.

Jebus, a capital dos jebuseus, era uma cidadela fortificada; a área geográfica dessa cidade era pequena demais se comparada à Jerusalém dos dias de Salomão.

Nos dias da conquista de Canaã por Josué, Jebus tinha como rei um homem chamado Adoni-Zedeque. Este, ao saber que a cidade de Ai havia sido conquistada por Josué e que os gibeonitas haviam feito aliança com Israel, temeu muito e convocou todos os seus aliados para dar uma lição nos gibeonitas por terem se aliado aos seus inimigos, mas foram derrotados por Josué e mortos (Js 10.1-5,23-27).

Na divisão da Palestina pelas tribos de Israel, o território dos jebuseus entrou na partilha de Benjamim (Js 18.28). Jebus, porém, continuou nos domínios dos jebuseus, sendo mais tarde conquistada pela tribo de Judá, que passou seus habitantes ao fio da espada e, em seguida, tocou fogo na cidade (Jz 1.8). Depois de tudo isso, parece que os jebuseus ainda continuaram no controle da cidadela ou reconquistaram posteriormente toda a cidade, ou parte dela, uma vez que, no princípio do reinado de Davi, a fortaleza de Sião era conservada pelos jebuseus.

Davi a conquistou totalmente, passando a ser chamada de Cidade de Davi (2 Sm 5.6,7).

Os filisteus

Os filisteus eram descendentes de Cam por Misraim, seu terceiro filho (Gn 10.6,13,14). Eram originários da ilha de Caftor (Jr 47.4; Am 9.7) e filhos de Casluim, filho de Misraim (pertencentes ao Egito).

Os filisteus eram um povo aguerrido e violento e habitavam a costa do Mediterrâneo, entre o Egito e a Palestina, em uma extensão de 80 quilômetros de comprimento por 25 de largura que se estendia de Jope até o sul de Gaza. Essa região era chamada de Filístia ou terra dos filisteus.

Os nativos dessa terra chamavam-se avins e habitavam a maior parte da região; a outra parte era habitada por povos não identificados. Todos esses povos foram exterminados pelos caftorins, que mais tarde foram chamados de filisteus (Dt 2.23). Nos dias do patriarca Abraão, os filisteus já habitavam a região (Gn 20.1,2; 21.32,34).

Nos dias de Abraão, a capital dos filisteus chamava-se Gerar. Naqueles dias, o reino dos filisteus ocupava uma porção de terra que ia de Cades a Sur (Gn 20.1). Eles tinham como rei um homem chamado Abimeleque (que significa “pai de reis”). Segundo alguns historiadores, Abimeleque não era o nome do rei de Gerar, mas um título, assim com o “faraó” do Egito.

Abimeleque foi um rei pacífico e tudo indica que ele temia ao Senhor (Gn 20.6); esse rei fez pacto com Abraão após ser repreendido por Deus por causa de Sara, mulher de Abraão (Gn 20.2-7; 21.22-34).

Nos dias de Isaque, filho de Abraão, encontramos na Bíblia outra referência a Abimeleque, rei dos filisteus (Gn 26.1); não temos certeza se este é o mesmo Abimeleque dos dias de Abraão ou se é seu filho e sucessor no trono.

No período em que Israel foi livre da escravidão do Egito, Deus não permitiu que o povo seguisse pelo caminho do mar em direção à terra de Canaã, que era bem mais perto da Palestina. Esse caminho estendia-se pelas terras dos filisteus e estes, por serem um povo aguerrido, iriam apresentar resistência; quanto ao povo de Israel, por não ser experiente em guerras poderia desistir da viagem e retornar ao Egito (Ex 13.17).

No período da conquista de Canaã por Josué, os filisteus não estavam cotados na lista das nações que haviam de ser expelidas da região; por isso, Josué não se preocupou em conquistar suas terras, ficando eles como “pedra de tropeço” para Israel (Js 13.1-3).

Não sabemos quantas dinastias houve na Filístia; sabemos apenas que existiam reis em todas as cidades fortificadas. Esses reis foram os maiores inimigos de Israel durante toda a sua existência desde que Israel conquistou a Palestina.

As cidades fortificadas dos filisteus nos dias de Josué eram Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ecrom (Js 13.3); os demais lugares eram aldeias com pequena quantidade de pessoas.

Quando Josué dividiu a PALESTINA entre os filhos de Israel, a terra dos filisteus ficou para a tribo de Judá. Esta, depois da morte de Josué, convidou a tribo de Simeão para, juntas, concluírem a conquista das terras de sua possessão (Jz 1.1-3). Judá conseguiu expelir muitos outros povos dos cananeus, mas os

filisteus continuaram com suas cidades (Jz 3.1,2).

No período em que Israel foi regido por Juízes, os filisteus conseguiram oprimir Israel algumas vezes, devido a deixarem de observar as leis do Senhor para servir aos deuses dos cananeus, por esse motivo que Jeová o entregou nas mãos deste povo (Jz 3.5-8; 10.6,7; 13.1).

Nos dias de Samuel, novamente os filisteus desbarataram o exército de Israel. Dessa vez, mataram 30 mil homens, entre os quais estavam Ófine e Finéias, filhos de Eli (1 Sm 4.10,11). Tomaram os filisteus a Arca da Aliança do Deus de Israel, que permaneceu em seu poder por sete meses (1 Sm 6.1). Isso trouxe aos filisteus muitas calamidades e logo foram obrigados a devolvê-la a Israel novamente (1 Sm 5.1-12; 7.1). Vinte anos mais tarde, Samuel derrotou os filisteus em Mispa e chamou aquele lugar Ebenézer, que tem como significado “pedra de socorro”, porque naquele lugar o Senhor socorreu Israel. Então, alegrou-se Samuel e disse: “até aqui nos ajudou o Senhor” (1 Sm 7.2-12).

Essa derrota sofrida pelos filisteus foi a mais vergonhosa de todos os tempos. A partir daí, eles não mais conseguiram ultrapassar os limites de fronteira com Israel. Toda vez que faziam alguma investida e tomavam posições estratégicas, não chegavam a ultrapassar a linha divisória entre os dois países. Isso durou por todo o ministério de Samuel.

Próximo de Saul ser proclamado rei em Israel, os filisteus formaram pontos de guarnições em vários lugares das terras de Israel (1 Sm 10.5). Após um ano de reinado de Saul, os filisteus começaram novamente suas investidas contra Israel. Foram derrotados, mas não desistiram. Posteriormente, reuniram 30 mil carros, 6 mil cavaleiros e o “povo em multidão como a areia do mar, deixando toda nação apavorada de medo” (1 Sm 13.1-7). Dessa vez, Jônatas, filho de Saul, usou de estratégia e conseguiu desbaratar as multidões do exército dos filisteus fazendo a espada de um virar contra o outro; assim o Senhor livrou Israel das mãos dos filisteus (1 Sm 14.6-23).

Durante todo o reinado de Saul, os filisteus fizeram muitas investidas, sendo derrotados em umas e vitoriosos em outras. Por fim, derrotaram Saul, matando Jônatas, Abinadabe e Malquisua, filhos de Saul, levando o rei de Israel ao desespero e ao suicídio (1 Sm 31.1-7).

No período do reinado de Davi, os filisteus foram desbaratados por ordem do Senhor e nunca mais se levantaram (2 Sm 3.18; 5.17-25; 8.1,12). Após a morte de Davi, pouco se ouviu falar nesse povo que muito oprimira Israel antes de Davi, servo do Senhor.

III. O Egito

O Egito é um país situado ao norte da África, tendo como limites o Sudão ao sul, o Mar Mediterrâneo ao norte, o Mar Vermelho a leste e a Líbia a oeste.

Segundo Heródoto, historiador grego do século V a.C., o Egito é uma “dádiva do Nilo”. Falava assim porque o Nilo recebia grandes inundações no período entre os meses de siviã (junho) e marchesviã (novembro); em chisleu (dezembro), as águas baixavam, deixando o rio no seu leito normal; em tabete (janeiro), as terras, ainda cobertas de lodo, eram cultivadas pelos camponeses, que, após três meses, faziam suas grandes colheitas, trazendo grande abundância para o Egito.

Os antigos egípcios exprimiam-se em adoração ao Nilo com as seguintes palavras: “salve, ó Nilo, que te manifestas sobre estas terras e dás vida ao Egito! Tu vens misterioso, das trevas regas os pomares, criados por Deus, e matas a sede da terra!”.

Os egípcios adoravam o Nilo como uma das duas fontes conservadoras da vida. Eles desconheciam as causas das inundações periódicas do Nilo, mas sabiam muito bem o quanto lhe deviam por suas terras, riquezas e prosperidade. Esses benefícios anuais os levavam a considerar o Nilo como o deus maravilhoso. Julgavam que o Nilo nascia no paraíso e por isso o adoravam, entoavam-lhe cânticos, ofereciam-lhe dádivas e presentes.

Nos tempos pré-históricos, o Egito se transformou em dois reinos: o reino do Baixo Egito e o reino do Alto Egito. Isso aconteceu talvez para que houvesse um fortalecimento da nação, pois, antes disso, o Egito era dividido em províncias independentes formadas por nômades habitantes da terra. Devido aos muitos

problemas, surgiu a ideia, que foi aceita por todos.

Os dois reinos duraram pouco tempo. Em meio às crises entre eles, surgiu uma grande guerra, o reino do Sul venceu o reino do Norte e se assenhoueou de toda a nação, formando um só reino, tendo como chefe supremo um homem chamado Menés, que se intitulou faraó ou “grande casa”.

Por que Baixo Egito e Alto Egito



Há uma simplicidade em toda a configuração geográfica do Egito: o Nilo, no decorrer dos tempos, cavou um grande vale através do deserto. Esse vale, ao aproximar-se de Mênfis, vai se alargando em uma vasta planície que os numerosos braços de rios atravessam. Como os dois braços extremos vistos do mar parecem desenhar a letra grega “delta”, os gregos denominaram a planície fertilíssima de Delta, nome esse que ainda hoje é utilizado.

Essa região, que antes era um dos reinos existentes, ainda hoje é considerada uma região muito fértil para as plantações de cereais e legumes.

O Alto Egito, também conhecido como meridional ou Tebaiana, é compreendido pelo vale do deserto, onde as chuvas são muito escassas. Há grandes variações atmosféricas e clima desértico com ventos asfixiantes. Existem também cadeias de montanhas com alturas elevadíssimas, chegando a atingir 2.178 metros acima do nível do Mediterrâneo. Essas montanhas se estendem em linha paralela ao Mar Vermelho com numerosas ramificações, estendendo-se pelo interior do país. Nessas ramificações de montanhas, nas proximidades de Hamate, os antigos egípcios empregavam-se em cortar as duras rochas de cor escura para fabricarem sarcófagos e esfinges.

A região do Alto Egito, muito calamitosa, que antes era o outro reino, continua sendo a mesma região seca e improdutiva. Os antigos egípcios dessa região viviam da mineração de cobre e esmeralda. A região possuía uma extensa massa de calcário, estendendo-se desde as montanhas do Nilo. Produziam o alabastro para embalsamarem as suas casas, palácios e edifícios.

O povo egípcio, sua origem e população

Gênesis 10.6 menciona “os filhos de Cam: Cuxi, Misraim, Pute e Canaã.” Esse versículo nos declara ser Misraim filho de Cam e neto de Noé. Verificando também os versículos 13 e 14 do mesmo capítulo, vemos que Misraim era pai de Patrusim e Caftorim. Ambos tiveram suas descendências povoando terras egípcias. Patrusim foi o pai dos habitantes de Patro, no Alto Egito, ao sul de Mênfis. Caftorim foi o pai dos habitantes da ilha de Caftor, na costa do Mediterrâneo; e eles podem ter se espalhado também pelo Egito.

Além dos caftorins e dos patrusins, também habitavam ali os nômades que emigraram de outras terras e se misturaram a eles; eram aborígenes, de origem semita, e dominaram por muito tempo toda a região do Alto Egito antes da fundação dos dois reinos; eles também se somavam à povoação do Egito.

Conforme Diodoro Sículo, contemporâneo de Júlio César e Augusto, baseado na autoridade de antigos documentos egípcios, no grande império dos faraós, existiam 18 mil cidades e aldeias, com uma população de aproximadamente 7 milhões de habitantes em todo o país. Nos dias de Nero, imperador romano, a população egípcia foi estimada em 7 milhões e 500 mil habitantes, servindo de base o imposto de capitação, sendo excluídos os habitantes de Alexandria.

Linguagem, cultura e religião dos antigos egípcios

A linguagem

É muito difícil classificar a linguagem egípcia, pois eles usavam uma linguagem de origem turaniana, mas a gramática teve origem semítica. O idioma descendente e usado por eles era o copta, que foi falado até o século XVII no Baixo Egito. Hoje é uma língua morta, caída no esquecimento.

Na Antiguidade, a escrita usada pelos egípcios era a hieroglífica, chamada também de escrita “sagrada”. Essa escrita tinha suas palavras expressas por figuras ou símbolos, consistindo em representações de objetos da natureza e artes, como pássaros, animais, plantas, utensílios, juntamente com símbolos matemáticos, sendo assim, em partes, ideografia. Da mesma forma, representavam sons que, quando combinados, produziam palavras.

Durante muitos anos, durou esse tipo de escrita. No entanto, no decorrer dos tempos, os escribas egípcios foram abandonando essas pinturas a fim de facilitar a arte de escrever. Assim se originou uma nova escrita chamada hierática ou sacerdotal. No século VIII a.C., entrou em vigor uma nova forma de escrita chamada de demótica ou popular, usada nas relações comerciais e na vida social. Consistia em uma forma cursiva do velho hieroglífico.

Cultura e religião

Os egípcios eram um povo de cultura associada com a linguagem e a religião. Através da linguagem, expressavam os seus sentimentos pela natureza, usando a escrita hieroglífica ou sagrada. Através da religião, valorizavam o Sol e o Nilo como as duas fontes conservadoras da vida.

Além dessas duas fontes veneráveis, cultuadas por eles, existiam no Egito inúmeras divindades que eles adoravam enquanto forças fenomenais da natureza. Ptá era considerado o deus supremo e chefe de todos os deuses, representando a força organizadora e as causas fenomenais derivadas da umidade. Entre as muitas divindades, estavam Rá, o deus-sol, iluminador do mundo; Tum, o sol da tarde, segundo os egípcios, que possuía a força criadora e era despenseiro das brisas das tardes; Baste, o deus das paixões amorosas; Amom, o deus que anima a natureza.

No Egito, cada nome e cada distrito tinha sua divindade local, que era o seu deus tutelar e a esse deus tributavam honras e reverenciavam sua presença. Muitos desses povos eram monoteístas, isto é, adoradores de uma só divindade, que consideravam superior aos demais deuses e merecedora de um culto supremo.

Entre os deuses já citados, existiam muitos outros que os egípcios veneravam. Os principais eram Osíris, Isis e Horus, que constituíam uma trindade familiar; eram considerados divindades nacionais, sendo muito importantes na vida dos egípcios.

O Egito sob as dinastias faraônicas

Maneto, sacerdote de Sebento no reinado de Ptolomeu Filadelfo, registra uma faixa de 30 dinastias faraônicas desde Menés até a conquista dos persas sobre o Egito no ano 525 a.C. Essas dinastias estão agrupadas em cinco períodos:

1º Período: chamado de período arcaico ou primitivo (3100 a 2700 a.C., I e II dinastias). Esse período é marcado pela unificação dos reinos do Alto e do Baixo Egito. O fundador desse período, como também da primeira dinastia, foi Menés em 3100 a.C.

2º Período: durante esse período (2700 a 2050 a.C., da III à XI dinastia), foram construídas as gigantescas Pirâmides de Gizé para servirem de túmulos aos grandes faraós. Essas pirâmides foram construídas nas administrações dos faraós mais célebres do período: Quéops, Quéfren e Miquerinos. O período da III à VI dinastia foi chamado de antigo império.

Da VII à XI dinastia, podemos considerar o primeiro período intermediário, porque o Egito voltou a ser dividido em pequenas porções de terras e cada porção era governada por um grupo de nômades, sendo que o rei do Egito não tinha domínio sobre essas porções de terras.

3º Período: nesse período (2050 a 1550 a.C., da XII à XVII dinastia), a capital do Egito foi transferida para Tebas, no Alto Egito. Foi um período marcado pela conquista do Baixo Egito pelos hicsos ou reis pastores, que fundaram uma dinastia e dominaram o Egito por um período de dois séculos seguidos. Esse período é chamado de médio império.

Parece-me ter sido no domínio desse povo que Abraão visitou o Egito e José exerceu a função de primeiro-ministro.

4º Período: nesse período (1550 a 525 a.C., da XVIII à XXVI dinastia), o Egito passou por muitas mudanças, como a expulsão dos hicsos, a escravidão dos filhos de Israel e muitas outras conquistas de grandes monarcas. Da mesma forma, houve muitas derrotas e decepções, como as dez pragas que Deus fez cair sobre a nação para que tirasse o seu povo da escravidão e a precipitação do exército do faraó no Mar Vermelho por perseguir o povo de Israel no deserto.

Entre os anos 1090 e 945 a.C., houve a XXI dinastia. O período foi considerado o “período pós-império”, durante o qual os sacerdotes e nobres do Egito lutaram pelo poder real e deixaram o Egito dividido em pequenos estados.

5º Período: esse período (525 a 332 a.C., da XXVII à XXX dinastia), que podemos chamar de período dos persas, foi marcado pela conquista dos persas sobre o Egito. As três dinastias desse período foram as mais sofridas durante todos os 193 anos de existência: o Egito pagava tributo ao rei da Pérsia e não tinha liberdade para decidir sua própria situação.

IV. O Egito sob o domínio dos faraós

O Egito vivia sob o domínio de um monarca considerado por todos como supremo, chamado de faraó. Segundo a história, o faraó era considerado pelos egípcios como descendente de Rá, o deus sol, um ascendente celeste. Portanto, o faraó era um deus vivo ao qual todos deviam adorar.

O faraó, além de rei, exercia três funções supremas que eram as de sacerdote, guerreiro e juiz dos egípcios. Quando o faraó ordenava, todos tinham a obrigação de obedecer, pois ele dispunha da vida de seus súditos, bem como de todo o solo egípcio.

No Egito, o poder do faraó tornava-se absoluto. Ele dominava tudo e todos e a partir disso surgiu a ideia de um soberano onipotente, formando a monarquia egípcia teocrática e justificando-se a divindade do rei.

O absolutismo do faraó não foi suficiente para que ele governasse o império sozinho; houve necessidade de ele criar uma classe intermediária entre o rei e o povo, pois a sociedade tinha exigências sociais, culturais e religiosas; precisava de defesa, de ordem, de disciplina profissional e o faraó não podia fazer tudo sozinho. Por causa disso, formou-se uma pirâmide social, em cujo vértice estava o faraó, por se considerar descendente dos deuses. Abaixo dele, encontravam-se os sacerdotes, que tinham grande influência nas áreas religiosa e científica. Em seguida, vinham os guerreiros, dotados de poderio considerável. Mais abaixo, estavam os escribas, que superintendiam na administração. Depois deles, vinham os agricultores, que cultivavam a terra. No penúltimo lugar da pirâmide, estavam os artistas e artesãos, que fabricavam as coisas necessárias à vida. Na parte mais baixa da pirâmide, estavam os escravos, que viviam apenas para servir a sociedade, sem, no entanto, pertencerem a ela.

Nomes de alguns dos faraós que regeram o Egito durante todo o seu período dinástico

Menés

Em 3100 a.C., esse monarca conseguiu dominar o reino do Norte e unificar a nação, tornando-se assim senhor absoluto do Egito e sendo chamado de faraó, o supremo soberano. Como fundador do primeiro período dinástico egípcio, tornou-se o poderoso faraó. O Egito era composto por duas importantes regiões que se chamavam Alto Egito e Baixo Egito. Menés começou reinando no Baixo Egito e usava a coroa vermelha, enquanto o governante do Alto Egito possuía a coroa branca. Menés, por sua vez, conquistou o Alto Egito e a coroa branca e reinou sobre todo o Egito, unindo assim as duas regiões. Antes de Menés, outras pequenas regiões já costumavam se unificar para se tornarem mais fortes e formavam cidades-estados. Em outros casos, cidades-estados já existentes se uniam territorialmente para ficarem mais fortes na economia e até mesmo para se defenderem de invasões de outras nações que ampliavam seus territórios pela força.

No caso da união do Baixo Egito com o Alto Egito, aconteceu diferente: o Egito se tornou uma nação poderosa e Menés criou o primeiro império propriamente dito para um desenvolvimento social e econômico sólido que durou mais de 25 séculos. De acordo com o historiador grego Heródoto, Menés também foi o responsável pelo início dos sacrifícios de adoração aos deuses pagãos.

Com tanta influência cultural, Menés passou a criar cidades interdependentes. Com esse sistema, o Egito se desenvolveu muito, pois todas as cidades egípcias dependiam uma das outras, tornando-se uma potência mundial sob o comando do faraó Menés. Ele construiu grandes canais de irrigação, silos e canais fluviais com o objetivo de transportar alimentos e pessoas. Além disso, fabricou barcos e portos, transformando o Egito na maior potência mundial daquela época. Foi então que surgiu a figura do faraó como símbolo de riqueza, poder e domínio político e religioso, passando a ser adorado como um deus.

Menés tinha como capital uma cidade chamada Thinis, no sul do Egito, e depois fundou Mênfis nas proximidades da antiga fronteira que separava as duas regiões do Egito, fazendo dela a nova capital do seu reino egípcio. Acredita-se ter sido durante o reinado do faraó Menés que foi criado o primeiro alfabeto hieroglífico.

Os seus sucessores no trono continuaram com o trabalho de pacificação do reino. O período das duas primeiras dinastias foi de aproximadamente 400 anos.

Quéops, Quéfren e Miquerinos

Esses foram os soberanos mais célebres de toda a vida do Egito. Eles viveram e dominaram dentro do segundo período iniciado no ano 2700 a.C., conhecido como antigo império, e pertenceram à IV dinastia faraônica.

Quéops (2589 a.C. a 2566 a.C.)

Não se tem muitas informações sobre esse faraó, mas diz uma lenda antiga que ele foi um faraó tirano para o seu próprio povo. Quéops, quando iniciou o seu reinado, propôs no seu coração o desejo de construir um monumento que lhe servisse de túmulo no futuro e construiu uma grandiosa obra de arte, chamando-a pirâmide. Quéops, para construir a pirâmide, usou o seu próprio povo com trabalho forçado para concluir o seu feito ganancioso; talvez os egípcios comuns considerassem isso como uma honra para eles, mas, na verdade, o faraó estava fazendo do povo seu escravo.

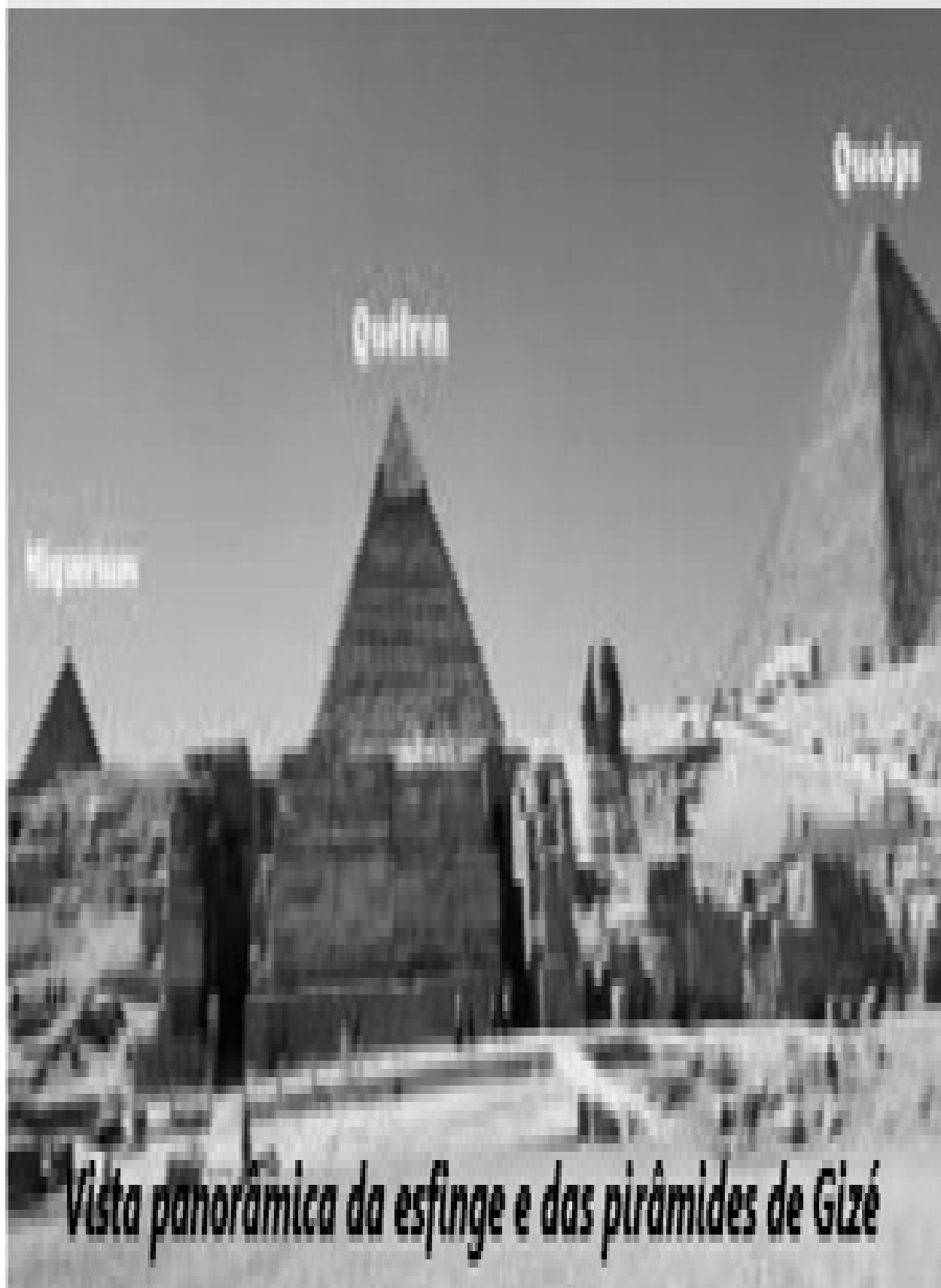
Quéfren (2558 a 2532 a.C.)

Esse Faraó era filho de Quéops e tomou o poder após a morte do seu irmão Djedefre, que sucedera o pai quando este morreu. Djedefre governou o Egito por mais ou menos 31 anos, quando também morreu, sem sucessor. Foi então que Quéfren assumiu o trono do Egito para construir a história como o seu pai. Fora ele o quarto monarca da IV dinastia.

Uma de suas mulheres foi a sua própria irmã, que se chamava Khamernernebti I, da qual nasceu Miquerinos. Quéfren também se casou com Meresankh II, sendo ela sua meia-irmã. O nome Quéfren significa “o que aparece como Ré”. Ele também adotou os nomes reais do seu irmão, Rá ou filho de Ré. Esse nome foi adotado por todos os outros faraós. Quéfren, assim como o seu pai, resolveu construir a segunda pirâmide, assim como a primeira, que serviu de túmulo para o seu pai, enquanto a segunda lhe serviria de túmulo também. Sua pirâmide foi a mais alta e mais bem preservada de todas. Deduz-se que a Esfinge tenha sido feita com sua aparência para sua glória, pois está localizada perto do Templo do Vale e do caminho de Lages do complexo funerário de Quéops, onde se encontram várias estátuas do rei.

Miquerinos (2532 a 2505 a.C.)

Miquerinos, ou Menkauré que significa: “os kau¹ de Ré são firmes”. Ele deu continuidade ao reinado e seguiu o exemplo do seu pai, casando-se com sua meia-irmã, que se chamava Khamererneti II e que tinha o mesmo nome da sua mãe. Teve também como esposas várias outras mulheres. Heródoto relata nos seus escritos que Miquerinos foi um rei próspero, teve muitas relações diplomáticas, o comércio externo era vasto, eliminou várias medidas repreensivas impostas pelos seus antecessores e voltou a abrir templos que foram fechados por causa das obras de túmulos. Segundo ele, isso teria agradado os deuses. Miquerinos erigiu a terceira pirâmide do complexo de Gizé, obra que só foi acabada depois da sua morte por seu filho Shepseskaf, que o sucedera no trono.



Vista panorâmica da esfinge e das pirâmides de Gizé

Miquerinos é considerado, assim como Quéops e Quéfren, um dos mais célebres faraós do Egito. Miquerinos também substituiu um grande número de estátuas que estavam incompletas em xisto, entre as quais se destacam as encontradas no templo do seu complexo funerário, que o representam integrado em díades com sua mulher e a deusa Hathor.

Após os três monarcas citados, seguiram-se muitos outros e diversas dinastias. O período da VII à XI dinastia é chamado de “primeiro período intermediário”. Nesse período, o poderio do Império Faraônico se enfraqueceu e o Egito foi dividido em diversas porções de terras. Diz a história que várias famílias lutaram para Jabim governar o país; julga-se que nesse tempo houvesse dinastias paralelas fundadas por essas famílias, que duraram aproximadamente 150 anos, desde 2200 até o ano 2050 a.C.

No ano 2050 a.C., uma família de Tebas venceu os demais clãs de governantes. O príncipe de Tebas invadiu o Baixo Egito, dominando-o e conquistando todo o país, transferindo assim a capital do reino para Tebas e transformando o Egito novamente em um reino feudal. Com essa vitória, deu-se início à XII dinastia faraônica, chamada de médio império, que durou 250 anos; foi um período de grande glória para quase todos os monarcas dessa dinastia.

Amenemete III (1860 a.C. a 1814 a.C.)

Amenemete III foi o sexto rei da XII dinastia do Antigo Egito. Governou entre 1860 a.C. e 1814 a.C., sendo considerado um dos soberanos mais importantes do Império Médio. O seu pai foi o faraó Sesostris III, que o fez corredor do reino quando ainda era vivo, tornando-o sucessor no trono.

Segundo alguns estudiosos, esse monarca foi o faraó que acolheu Abraão quando fugia da fome que houve nos seus dias em Canaã (Gn 12.10-20). Amenemete III foi o primeiro rei a tomar medidas para que houvesse água suficiente no país, evitando assim as terríveis fomes, que eram frequentes.

Ele mandou construir um grande reservatório chamando-o assim de Lago Moéris. Esse lago distribuía água por meio de uma série de canais vindos do Nilo.

Essa obra foi tão bem planejada e executada que ainda hoje causa admiração. Segundo os engenheiros modernos, valeria a pena restaurar o antigo lago, reparando os restos da antiga construção.

O período da XII à XVIII dinastia foi chamado de “segundo período intermediário”. Os clãs dominantes não eram egípcios, mas reis pastores descendentes dos hicsos; e foi considerado “o segundo período intermediário”. Vários reis fracos governaram durante este período, e, provavelmente houve duas dinastias paralelas

A Bíblia nos dá informações de dois monarcas do terceiro período: o faraó dos dias de Abraão (Gn 12.10-20) e o faraó que nomeou José como o governador do Egito (Gn 37.36; 39.1; 41.1-47).

O último monarca da XII dinastia teve um reino enfraquecido e perdeu autoridade. Enquanto isso, algumas famílias se levantaram novamente e tentaram dividir o império, mas uma só dominou as demais e fundou a XIII dinastia.

Amosi I (1550 a 1525 a.C.)

Amosi I era filho do faraó Taá II e da Rainha Ah-hotep I. Começou a reinar depois da derrota e morte do seu irmão Camés, irmão mais velho que foi derrotado na batalha contra os hicsos. Amosi I subiu ao poder com a idade de dez anos e reinou na cidade de Tebas, no Alto Egito. Nesse caso, sua mãe Ah-hotep I foi corregente até que ele completasse os seus 15 anos de idade. No período da sua gestão, lutou contra os hicsos e conseguiu derrotá-los, expulsando-os e juntando os territórios do Alto e Baixo Egito, fazendo apenas um reino.

Assim, foi fundada a XVIII dinastia, iniciando o período chamado de “primeiro novo império” ou “império tebano”, que durou até o ano 1069 a.C. Esse monarca era nativo do Egito e, por amor à sua nação, lutou contra todos os estrangeiros que residiam no Egito. Dessa maneira, Amosi I conseguiu restabelecer a ordem na sua nação.

A afirmativa bíblica de que “entrementes, se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecia José” (Ex 1.8) deixa claro que, para os descendentes de Israel que habitavam o país, estava começando um novo tempo.

A Bíblia diz que havia morrido José, além de seus irmãos e toda aquela velha geração (Ex 1.6). Uma nova dinastia de reis estava começando no Egito, talvez a XVIII dinastia, com o reinado de Amosi I.

Os filhos de Israel haviam se multiplicado muito no país e se tornado um povo muito forte. Por esse tempo, começou a reinar um rei que não reconheceu os

benefícios que José havia feito para a nação egípcia e analisou todos os problemas pelos quais o Egito passou, sendo governado pelos hicsos durante muito tempo. Ele disse ao seu povo: “Eis que o povo dos filhos de Israel é muito numeroso e mais forte do que nós. Eia, usemos de astúcia para com ele, para que não se multiplique, e seja o caso que se una aos nossos inimigos em caso de guerra, peleje contra nós e saia da terra” (Ex 1.9,10). A partir de então, os descendentes de Israel passaram a trabalhar em serviços forçados durante muitos anos.

Amosi I morreu no ano de 1525 a.C. e até hoje nunca se identificou o seu túmulo. Diz-se que sua múmia foi colocada no chamado “esconderijo” de Deir El-Bahari para que se evitasse o assalto dos saqueadores.

Tutimés III

No ano 1479 a.C., começou a reinar oficialmente sobre o Egito o faraó Tutimés III, o qual reinaria por 54 anos; sendo Tutimés III ainda muito criança quando o seu pai morreu, foi nomeada sua tia e madrasta Hatchepsut como regente do Egito e, no terceiro ano, mudou o título de “grande esposa real” de Tutimés II para faraó e governou por 22 anos. Subentende-se que o período de governo de Hatchepsut esteja incluído no período de governo de Tutimés III e, durante os 22 anos em que ela governou, Tutimés III, apesar de ter sido relegado a segundo plano, recebeu uma educação adequada pela rainha, que mandou que ele fosse instruído em todas as artes militares. É provável que Hatchepsut tenha atribuído a Tutimés III o comando de expedições para lutar contra os inimigos do Egito.

Tutimés III só começou a reinar de fato após a morte de Hatchepsut e, assim que assumiu o trono, ordenou a destruição de estátuas da sua madrasta, assim como as inscrições desta gravadas nos monumentos, que substituiu por inscrições do seu avô, do seu pai e pelo seu próprio nome.

No período de governo de Tutimés III, o Egito alcançou novamente o seu apogeu e teve um grande destaque entre as nações. Tutimés III foi um monarca muito respeitado e temido. Respeitado e temido por todos os monarcas da sua época, teve grandes conquistas e vitórias nas suas investidas militares e também realizou grandes construções.

Horemheb

Esse faraó foi o último governante da dinastia XVIII e foi sucessor do faraó Ay. Começou a reinar a partir de 1319 a.C. e reinou durante 14 anos. Seu reinado terminou quando ele morreu. Horemheb, antes de se tornar faraó, foi comandante dos exércitos dos faraós Tutankhamon e Ay. A história não menciona sua descendência. Acredita-se que ele tenha sido um plebeu, mas, por ser um homem muito influente no reino do Egito, sucedeu o faraó Ay.

No reinado de Tutankhamon, por ser o reinado deste muito precoce – Tutankhamon começou a reinar com aproximadamente nove anos de idade e não tinha experiência suficiente para comandar o reino sozinho. Por ser Horemheb um escriba e já ter muita experiência diplomática, foi colocado como porta-voz real dos negócios estrangeiros do Egito. Durante os nove anos de governo de Tutankhamon, Horemheb realizou várias missões diplomáticas, entre as quais se destacam as visitas aos governadores da Núbia, que trouxeram ao Egito muitos proveitos. Por esse feito, o faraó Tutankhamon o promoveu ao cargo de comandante-em-chefe do exército conselheiro do faraó.

Tutankhamon morreu precocemente aos 19 anos, talvez por contrair meningite. Por ainda não ter descendentes, de acordo com as leis do Egito, ele seria substituído por Horemheb, mas, por este estar com o exército egípcio em uma missão muito importante na Ásia naqueles dias, foi dado o direito a Ay, que já tinha ocupado o mesmo cargo de Horemheb no reinado de Tutimés III. Dessa forma, Ay foi empossado no trono como faraó do Egito.

Horemheb continuou com o mesmo cargo no governo de Ay. Este governou durante somente quatro anos e também morreu, quando Horemheb assumiu o

trono e se tornou o faraó do Egito.

O faraó Horemheb fez grandes reformas internas no Egito, mudando muitas coisas que julgava erradas feitas por Akhenaton e Semencaré (rainha faraó que reinou por apenas oito meses). Horemheb morreu e não teve descendentes, sendo, por isso, substituído por Ramsés I, o fundador da XIX dinastia, que reinou por aproximadamente um ano e depois morreu.

Seti I

Esse monarca foi o segundo faraó da XIX dinastia, também chamada de “segundo novo império”. Seti I era filho de Ramsés I, começou a reinar em 1290 a.C. e governou durante 19 anos. Antes de se tornar o grande faraó do Egito, Seti I era vizir de Horemheb, antes que Ramsés I assumisse o trono. Seti foi formado em todas as artes bélicas do Egito e se tornou um grande guerreiro. Dessa maneira, quando se tornou o grande faraó, fez guerra contra os líbios e os núbios, conseguindo manter as principais fronteiras do império intactas.

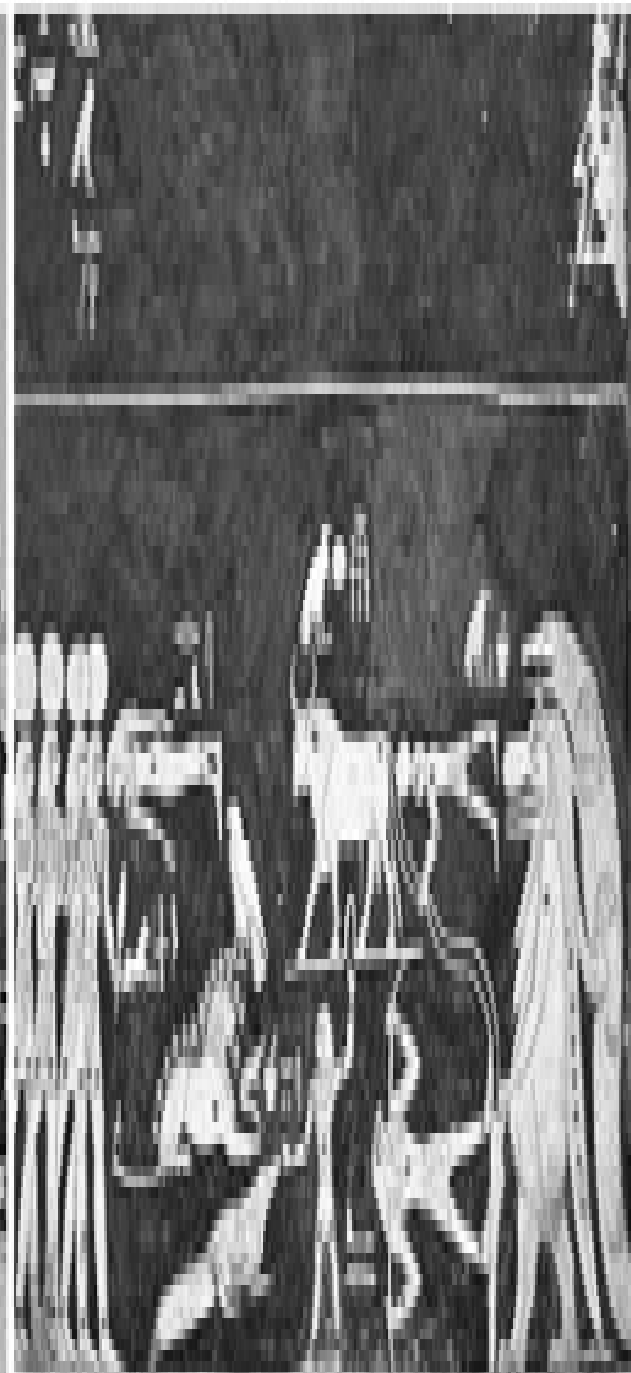
Durante o seu reinado, importantes obras de arquitetura e de desenvolvimento artísticos foram feitas. Construiu um magnífico templo ao deus Osíris e uma obra com sete santuários para abrigar, além de Osíris, os deuses Ptá, Ré-horakhti, Amom-Rá, Ísis, Horus e ele próprio. Nesse templo, foi colocada uma lista bem grande com os nomes dos faraós antecessores, incluindo em destaque os nomes do próprio Seti e do seu filho Ramsés II. Construiu ainda um templo em Abdju dedicado ao seu pai Ramsés I e outro dedicado a si próprio, também em Abdju, na cidade de Tebas. Deu início também a uma sala chamada de “Sala Hipostila” no Templo de Amon, na cidade de Carnaque, que foi concluída na gestão de seu filho Ramsés II.

O último feito de Seti foi o seu próprio túmulo no Vale dos Reis, todo decorado e bem enfeitado com o maior exagero naquele vale. Seti morreu aos 40 anos; sua múmia foi encontrada bem preservada, porém não no seu túmulo. Seu filho Ramsés II reinou no seu lugar.

Ramsés II



TEMPLO DE SETI EM ABIDOS



A TUMBA DE SETI NO VALE DOS REIS

Ramsés II foi o terceiro monarca da XIX dinastia. Era filho de Seti I e, desde bem jovem, associou-se ao reinado do pai e foi um grande guerreiro. Em suas conquistas, superou todos os limites de Totimés III, avançando até a Ásia Menor e as vizinhanças do Tigre. Houve grandes batalhas dos líbios e dos insulares do Mediterrâneo contra os egípcios, mas Ramsés II os derrotou.

Lutou Ramsés II contra os heteus e seus aliados, encontrando grandes dificuldades. No entanto, foi vitorioso.

O mais notável dos seus feitos foi uma expedição contra Cades, sobre o Orontes, capital do reino dos heteus. Foi Ramsés II guiado por beduínos traidores, que lhe prepararam uma emboscada, da qual só escapou por ser um guerreiro valente por natureza. Contudo, não pôde tomar a cidade nem derrotar os heteus de modo a dar fim à guerra.

Para que Ramsés II enserrasse a guerra, o rei dos heteus fez um pacto de paz e de amizade com ele, dando sua filha em casamento a Ramsés II como selo do pacto.

No período de trégua, Ramsés II voltou sua atenção para as grandes construções, que serviram de embelezamento para o país. Entre as grandes obras, são atribuídas a ele Pitom e Ramsés, as duas cidades-celeiros construídas com os serviços forçados dos filhos de Israel.

Pitom é uma adaptação ao hebraico do nome egípcio per-atum ou “casa”, ou seja, “templo de Atum”, deus egípcio.

Ramsés é abreviação de per-Ramsés, “casa de Ramsés”. Ambas as cidades se

encontram na parte oriental do delta do Nilo. Todo o reinado de Ramsés II durou um período de 66 anos.

Alguns estudiosos que se dedicam às questões relacionadas ao Egito dizem que Ramsés II e seu filho Meneptá II foram os faraós da opressão e do êxodo. Entretanto, observando a cronologia dinástica faraônica e comparando-a com a cronologia histórica de Israel, há um desacerto nas datas. Por outro lado, uma tradição antiga e os monumentos deixam bem aproximados esses monarcas ao episódio mencionado.

Meneptá II

Esse monarca foi o quarto faraó da XIX dinastia e o décimo terceiro filho de Ramsés II. Julga-se, no geral, que foi o faraó do êxodo.

Na época em que assumiu o trono, fez uma ratificação do tratado de paz que seu pai havia feito com os heteus. No quinto ano do seu reinado, o Baixo Egito foi invadido pelos líbios e seus aliados. Os mercenários do império foram de encontro aos invasores, lutaram e venceram a batalha, tendo uma completa vitória para o soberano egípcio.

Segundo pesquisadores, foi encontrada uma inscrição antiga em forma de um hino, celebrando essa vitória contra os líbios, atribuída a Meneptá II.

Os registros bíblicos de Números 14.39; 21.1 e Deuteronômio 1.41-46 nos falam da investida do rei de Arade contra Israel, que o desbaratou desde Seir até Horma, estando Israel acampado em Cades-Basnéias. Isso entra em harmonia com algumas inscrições de Meneptá II, identificada pelo Dr. W. W. Moore, que diz que, “dois ou três anos após o êxodo, os cananeus, súditos de Meneptá II, atacaram os israelitas perto de Cades-Basnéias e os derrotaram”.

Arade era uma cidade situada ao sul de Canaã, evidentemente perto de Horma (Nm 33.40), talvez dependente desta (Js 12. 14). Julga-se que as mesmas eram tributárias do Egito e, sob suas ordens, vieram a atacar os filhos de Israel quando estavam no deserto.

Encontra-se também registrado na história do Egito que Meneptá II fez várias investidas contra a Palestina, especificamente contra os cananeus. Nesses registros, ainda não aparece a nação israelita, porque certamente ainda estava peregrinando pelo deserto.

Como já foi dito, acredita-se que Ramsés II tenha sido o faraó da opressão e Meneptá II, o faraó do êxodo. Isso foi baseado nas seguintes considerações:

1 - Êxodo 1.11 diz que os israelitas edificaram para o faraó as cidades de Fitom e Ramsés;

2 - Em pesquisas arqueológicas, foram identificados os escombros da cidade de Fitom e ali foram encontrados os antigos celeiros, com o nome de Ramsés II gravado em algumas pedras. Isso dá a entender que Fitom foi construída durante o reinado desse soberano, já que nunca foi identificada nenhuma data anterior ao governo de Ramsés II;

3 – Há evidências que o rei de Arade que derrotou Israel no deserto era um forte aliado de Meneptá II.

A história não diz como Meneptá II morreu. A narrativa bíblica de Êxodo 14.26-31 não diz que o faraó do êxodo morreu com o seu exército no Mar Vermelho. A narrativa de Êxodo 14 diz que entraram atrás dos israelitas somente os cavalos do faraó, os seus carros e os seus cavaleiros (v. 23); diz também que as águas do mar cobriram os carros e os cavaleiros de todo o exército do faraó, que havia seguido Israel no mar, e que as águas retomaram o seu curso normal e nenhum deles sobreviveu (v. 28). Em êxodo 15, no cântico de Moisés, este celebra a vitória dada por Deus a Israel e diz que o Senhor lançou no mar os cavalos, os seus cavaleiros, os carros do faraó, o seu exército e os seus escolhidos príncipes, que se afogaram no Mar Vermelho, os abismos os cobriram, desceram as

profundezas como pedra (vv. 1,4,5). Na dança de Miriã, ela cantava e dizia que o Senhor havia lançado o cavalo com o seu cavaleiro (vv.20,21). Em nenhuma passagem é mencionado o faraó, mas sim os seus cavalos, carros, cavaleiros e os seus príncipes escolhidos. A múmia de Menephtá II já foi descoberta e se encontra no Cairo, atual capital do Egito, no Museu Egípcio.

Sisague I

Sisague I também é nomeado Sesenque I pelos monumentos e Sheshonk I por Maneto, historiador egípcio que viveu no século III a.C. Esse monarca foi o fundador da XXII dinastia egípcia. Pela sua valentia, lutou contra o rei que estava no poder, apossou-se do trono e fundou uma dinastia de soberanos líbios no Egito.

Encontramos uma narrativa bíblica que fala de uma investida do rei Sisague I contra Judá, no quinto ano de reinado do rei Roboão, portanto no ano 926 a.C. (1 Rs 14.25,26; 2 Cr 12.2-9). Nessa investida, Sisague I levou mil e 200 carros e 60 mil cavaleiros contra Roboão. Era inumerável os soldados que vinha com ele, composto de líbios, suquitas e etíopes (2 Cr 12.3). Com essa inumerável expedição, conseguiu derrotar Roboão e tomar as cidades fortificadas de Judá. Tomou também todos os tesouros da casa do rei, os tesouros da casa do Senhor e todos os escudos de ouro que Salomão tinha feito. Subjugou ainda o reino, que ficou tributário ao Egito (v. 4,8,9).

Em um muro de Tebas, encontra-se uma lista das cidades conquistadas por Sisague I: Bete-Horom, Ajalom, Megido, Edom e “Judahmele”. O Dr. Birch julga que esta seja a cidade real de Judá, isto é, Jerusalém.

Sisague I havia feito uma aliança com Salomão, pai de Roboão, rei de Judá. Apesar disso, quando Salomão perseguiu Jeroboão, filho de Nebate, ele fugiu para o Egito e foi acolhido por Sisague I, que lhe deu asilo político até a morte de Salomão (1 Rs 11.40).

Osorom I

Osorom I foi o segundo faraó da XXII dinastia. O escritor sagrado identifica esse monarca com o nome de Zera, o etíope. Esse monarca comandou uma grande expedição contra Asa, rei de Judá, com um exército formidável, composto de 1 milhão de soldados e 300 carros. Asa clamou ao Senhor e Deus lhe deu graças para derrotar todo o exército de Osorom I, desde Maressa até Gerar (2 Cr 14.9-15).

O exército de Osorom era composto de soldados etíopes e líbios, que suplementavam o exército egípcio. O escritor sagrado chamou Zera de “o etíope”, talvez por ele ter sido coroado no período em que comandava o grande exército etíope. Esse monarca não era filho de Sisaque I, mas sim genro.

Após a XXII dinastia, veio outra dinastia de reis líbios, a XXIII dinastia. O período das XXII e XXIII dinastias foi de 215 anos, com início no ano 945 a.C. e fim no ano 730 a.C., quando o último soberano líbio foi derrotado pelos sudaneses.

Piankhi

Esse soberano foi o fundador da XXIV dinastia. Sendo ele sudanês, invadiu o Egito e venceu o último soberano líbio que continuava no poder. Saindo Piankhi vitorioso, apossou-se do trono, dando início a um período sudanês no Egito, que durou 74 anos, isto é, desde o ano 730 a 656 a.C., possivelmente com duas dinastias paralelas.

Nesse período, o Egito deve ter sofrido uma divisão de terras e de poderes, sendo fundadas duas dinastias paralelas: a XXIV e a XXV dinastia.

Sô

O monarca Sô, rei do Egito, possivelmente tenha sido o fundador da XXV dinastia. Ele também era identificado como Sibe, um nome de origem sudanesa. Era considerado faraó, mas o nome mais usado para o soberano do Egito era “tartã”² do Egito, ou o comandante chefe.

Oséias, rei de Israel, pediu auxílio a Sô, rei do Egito, para se opor contra Salmanasar, rei da Assíria (2 Rs 17.4).

Sô, aliou-se com Hanum, rei de Gaza. Saíram contra Sargom, rei da Assíria, e travaram um sangrento combate. Sargom foi vitorioso, prendeu Hanum e perseguiu Sô, que fugiu sem deixar pistas. Assim, Sô, o “tartã” do Egito, ficou tributário a Sargom, rei da Assíria.

Taraca

Taraca foi o terceiro e último faraó da XXV dinastia. Senaqueribe, rei da Assíria, chamou-o “rei da Etiópia” (2 Rs 19.9) por ser etíope e casado com a viúva de Sabatana, rei da Etiópia. Com a morte de Sabatana, acredita-se que Taraca tenha assumido também a liderança da Etiópia, governando assim os dois territórios.

Esse monarca foi um grande opositor da Assíria. Por esse motivo, quando Senaqueribe fez sua segunda campanha contra Judá, ele saiu contra o rei da Assíria, tentando socorrer Ezequias, rei de Judá, mas sofreu grande derrota em Elteque.

No ano 670 a.C., Asaradom, rei da Assíria, invadiu o centro do Egito, derrotou Taraca, cativou os seus filhos e tomou Mênfis, a capital do reino, assumindo assim o controle do país por dois anos, quando veio a falecer. Após a morte de Asaradom, rei da Assíria, Taraca, que havia se refugiado na Etiópia, voltou para o Egito, assumido novamente o comando da nação. Assim, reformou o seu exército, deixando-o mais poderoso e forte para as batalhas. Assurbanipal II, filho de Asaradom, rei da Assíria, foi contra ele e venceu a batalha, matando também Taraca. Isso aconteceu por volta do ano 664 a.C. e os egípcios ficaram dominados pelos assírios durante um período de 14 anos.

Psamétrico I

No ano 656 a.C., Psamétrico I, que era príncipe em Saís, foi de encontro aos assírios, lutou pela independência do Egito e conseguiu uma vitória surpreendente. Com essa vitória, fundou a XXVI dinastia, também chamada de “período saíta”.

Pouco se sabe a respeito desse monarca. Sabe-se apenas que ele reinou por 46 anos, no período de 656 a 610 a.C., e era pai do faraó Neco II.

Faraó Neco II

Esse monarca foi o segundo faraó da XXVI dinastia e reinou durante um período de 16 anos, desde o ano 610 até 594 a.C.

Neco construiu grandes obras no Egito, entre as quais o canal que liga o Rio Nilo ao Mar Vermelho. Ele formou uma expedição para navegar pela costa da África.

Neco também foi um grande guerreiro e fez várias investidas contra a Assíria. Em uma dessas investidas, Josias, rei de Judá, foi de encontro a ele, tentando defender o rei da Assíria, que era seu amigo e aliado, mas foi derrotado e morto em Megido (2 Rs 23.29) e Judá ficou tributária ao Egito.

A Assíria foi derrotada e o faraó Neco tomou Caditus, uma de suas maiores cidades.

A Síria também sofreu vários ataques por Neco e foi derrotada em Magdulus.

Joacaz, filho de Josias, foi aclamado rei pelo povo em lugar do seu pai e reinou por apenas três meses em Jerusalém, quando foi surpreendido por Neco, que mandou prendê-lo, levando-o para o Egito. Em lugar de Joacaz, o soberano do Egito colocou seu irmão mais velho, chamado Jeoaquim, impondo-lhe uma pena de cem talentos de prata e um talento de ouro (2 Rs 23.31-35).

No ano 605 a.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, atacou o faraó Neco e seu exército nas proximidades de Carquemis quando este se preparava para novamente atacar a Assíria, que estava em decadência. Neco foi derrotado por Nabucodonosor, que tomou todas as possessões que ele havia conquistado na Ásia (2 Rs 24.7). Assim, o faraó Neco ficou tributário ao rei da Babilônia até a sua morte.

Psamétrico II

Psamétrico II foi o terceiro faraó da XXVI dinastia. Esse monarca era filho de Neco e não teve muito sucesso no seu reinado. Ele reinou por apenas cinco anos, desde o ano 595 até 589 a.C., um período de grandes dificuldades sob o domínio de Nabucodonosor rei da Babilônia.

Faraó Hofra

Esse monarca foi o quarto faraó da XXVI dinastia e reinou sobre o Egito por um período de 19 anos, desde o ano 589 até 570 a.C. Hofra foi contemporâneo do profeta Jeremias, o qual, por ordem do Senhor, anunciou a derrota do faraó Hofra, assim como Zedequias, que o Senhor entregou nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jr 44.30).

O faraó Hofra lutou contra os insulares de Chipre, uma colônia grega, e os sidônios, travando uma grande batalha naval, aprisionando todas as frotas desses povos. Em outro ataque a Chipre, Hofra foi malsucedido e, como consequência disso, foi aprisionado pelo seu próprio exército, que logo depois o matou.

O período saíta terminou com a conquista do Egito pelos persas no ano 525 a.C. Esse período durou aproximadamente 193 anos, desde o ano 525 até 332 a.C., um período governado por quatro dinastias.

No ano 332 a.C., Alexandre, o Grande conquistou o Egito e anexou-o ao seu império.

No ano 306 a.C., Ptolomeu I tornou-se rei do Egito. No ano 300 a.C., os exércitos romanos conquistaram o Egito. E no ano 642 d.C., os árabes completaram a conquista do Egito.

1 Na mentalidade Egípcia Kau plural de Ka, elemento constituinte do ser humano

2 Tartã, “comandante chefe” que ocupava a segunda posição em um império

V. A Assíria

Assíria é um nome originado de Assur, um dos filhos de Sem, filho de Noé (Gn 10.1,22). Assur foi o fundador de uma cidade que levou o seu próprio nome, a qual veio a ser a primeira capital do Império Assírio.

Assur foi idolatrado pelos seus contemporâneos e mais tarde foi considerado um deus. Os assírios às vezes chamavam o seu país de “terra do deus Assur”.

Assur, a princípio, não era um país, mas sim uma cidade fundada em tempos remotos. Logo depois, uma grande região estava sendo chamada de Assur por um povo desconhecido de uma raça semelhante à dos modernos turcos. Essa região veio a ser conquistada mais tarde pelos habitantes de Assur, que passaram a chamá-la de Assíria. Desde então, teve início o país da Assíria, tendo como capital a cidade de Assur. Antes, o nome da terra era Goim (nações) e tinha como rei um homem chamado Tidal (Gn 14.1). Tidal era aliado de Quedorlaomer, rei de Elão, nos dias de Abraão, quando este foi contra as nações tributárias da região do Jordão e do Mar Morto (Gn 14.5-9).

Naquela época, parece que os príncipes de Goim eram apenas governadores nomeados pelo rei de Elão, a quem pagavam tributos.

A Assíria foi um país situado a leste do Tigre, limitado ao norte pela Armênia, a leste pela Média e ao sul pela Susiana e Caldéia. Atualmente, as terras da antiga Assíria pertencem ao norte do Iraque.

Toda a região desse reino era cortada por vários rios, sendo o principal deles o

Tigre. Esse território, tanto ao norte quanto ao sul, era montanhoso e muito apropriado para a lavoura de trigo, algodão e cultivo de frutas.

Os assírios eram em sua maioria de origem semítica por parte de Assur, filho de Sem. Sua linguagem era muito parecida com a dos babilônios. Usavam também o sistema cuneiforme, que representava sons ou sílabas e era feito em forma de cunha em tabletes de barro com uma espécie de punção ou ponteiro.

A religião dos assírios

Os assírios eram um povo idólatra por natureza. Tinham como divindade principal Assur, que era considerado o rei dos deuses, o maioral entre todas as divindades da região. Além de Assur, os assírios adoravam a natureza e tinham-na como parte da alma humana. Para eles, cada fenômeno da natureza era animado por um espírito, considerado um grande deus proeminente.

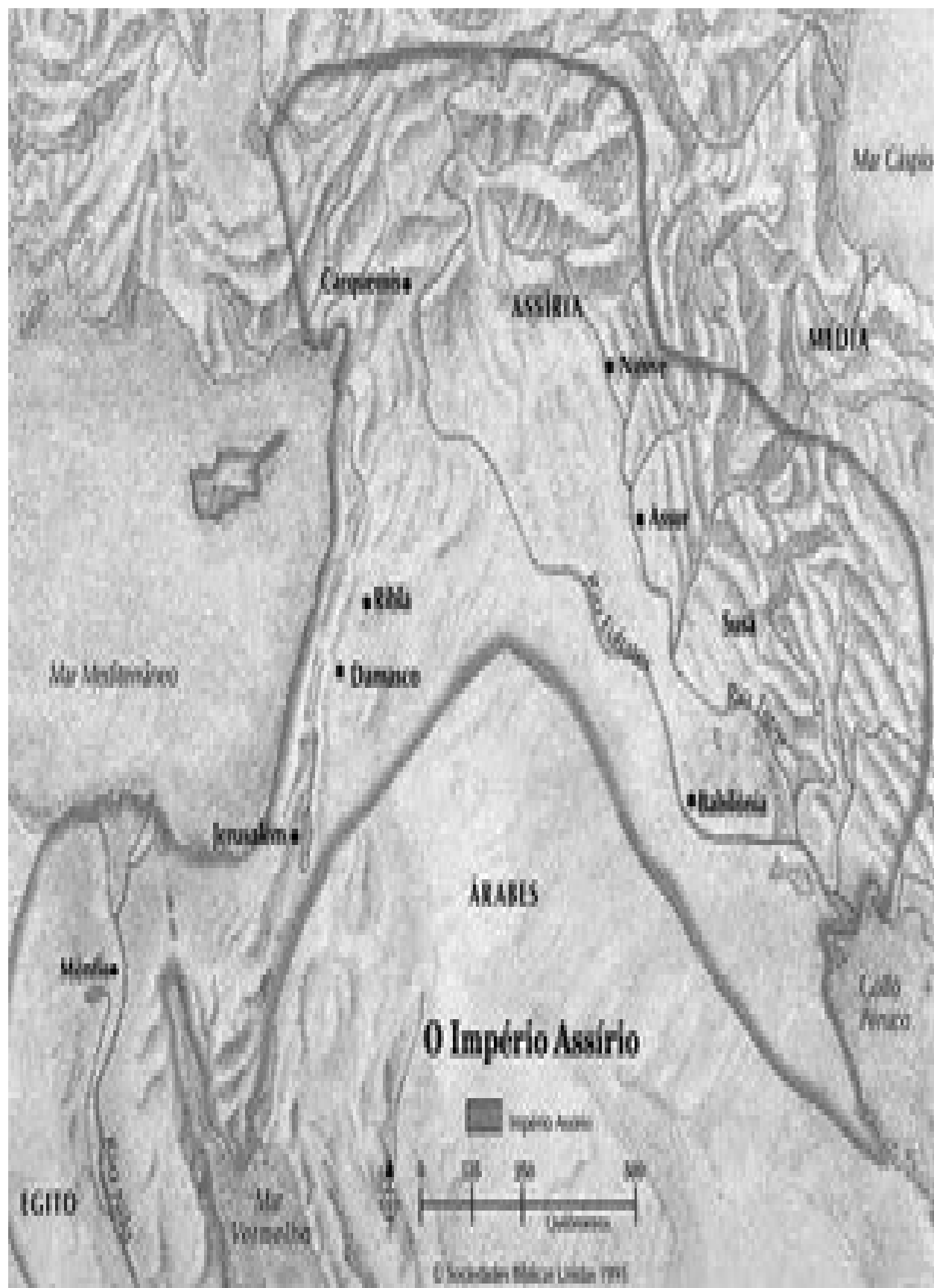
Esses deuses fenomenais, segundo os assírios, eram em quantidade de 11, divididos em duas tríades e uma penta. Os principais deuses pertenciam à primeira tríade: “Anu”, o deus Céu; “Bel”, o deus Terra; e “Ea”, o deus da profundidade; estes habitavam uma região não habitada pelos seres humanos, animais e pássaros, mas somente pelos próprios espíritos.

A segunda tríade era composta por “Sim”, o deus Lua; “Shamash”, o deus Sol; e Ramon, o deus das tormentas. Com o passar dos tempos, Shamash foi elevado à mais alta posição entre os deuses assírios, sendo invocado como Bel ou Baal, o supremo senhor. Bitis ou Bilate, o complemento feminino de Bel (Astarote), era considerada sua mulher.

A Penta era composta de cinco planetas, segundo a palavra grega representando o número cinco. Seguiam-se inumeráveis divindades, algumas com aspecto diferente das outras, e muitos deuses bem inferiores aos outros e subordinados a eles, com poderes limitados, sendo divindades apenas das principais cidades da região.

O Império Assírio

No período em que o país da Assíria ainda era chamado de Goim (“nações”), seus príncipes eram apenas vice-reis; a nação não tinha tanto poder e era tributária a outra nação mais poderosa que ela (Gn 14.1,5,9). A história registra pelo menos dois reinos dos quais Goim foi tributário, Elão e Babilônia.



O Império Assírio

Império Assírio



© Sociedade Brasileira de Geografia 1991

No século XVI a.C., a Assíria finalmente alcançou sua total independência do poderio babilônico, sob a liderança de Bel-Capcapi, o primeiro monarca independente a governar a nação. A partir daí, começa a história da Assíria como nação independente e suas grandes conquistas.

Os assírios eram um povo terrivelmente cruel e tinham o maior prazer em fazer os seus inimigos sofrerem. Seus monarcas eram homens sem misericórdia; ao conquistar uma nação, pegavam os seus príncipes e nobres e os levavam cativos para a Assíria. Os reis tinham os olhos vazados pelo próprio soberano e depois eram encarcerados até a morte. Os demais prisioneiros eram mortos aos poucos.

As principais cidades da Assíria

Assur

Essa cidade foi fundada em tempos remotos. Não sabemos quem a fundou; sabemos apenas que ela foi edificada por um povo de raça semelhante à dos modernos turcos e mais tarde conquistada pelos assírios. A cidade ganhou esse nome pela posição geográfica em que se encontrava e em homenagem a Assur, filho de Sem. Seu nome em hebraico significa “limites de águas”, sendo mudado pelos assírios para “gracioso”. Assur foi a primeira capital dos assírios.

Nínive

Essa cidade, sem dúvida, foi a segunda capital da Assíria, também fundada em tempos remotos. Não sabemos em que época foi sua edificação. Seu fundador foi Ninrode, filho de Cuxe e neto de Cam, filho de Noé (Gn 10.11).

Nínive situava-se na margem oriental do Tigre, 50 quilômetros acima da confluência do Zibe e 111 quilômetros ao norte de Assur.

Nos dias do profeta Jonas, a cidade de Nínive possuía uma população de aproximadamente 600 mil habitantes, contando com os moradores dos vilarejos e aldeias em volta dos muros da cidade.

Nínive era uma cidade idólatra e tinha como divindade principal a deusa Ishtar. A esta, os ninivitas edificaram um grandioso templo em tempos remotos. No início do século XVII, Sansiramã ficou impressionado com a beleza do santuário da deusa dos ninivitas. Com o decorrer dos anos, o templo foi ficando velho e caiu em decadência. Quatrocentos anos depois, Assurubali reconstruiu o santuário de Ishtar, deixando-o com um grande esplendor.

Nínive era também uma cidade cruel; seus habitantes eram perversos e impiedosos e não tinham misericórdia de ninguém. Seus governantes, toda vez que venciam uma guerra, tinham como costume levar para Nínive os príncipes e nobres da terra derrotada como prisioneiros de guerra para ali se divertirem com o sofrimento dos mesmos, que eram humilhados, maltratados, zombados e torturados até a morte.

Um grande exemplo dessa crueldade foi o rei Assur-Natsirpal. Ele estava acostumado, após suas vitórias, a matar os seus prisioneiros de guerra, cortando primeiramente as suas mãos; alguns dias depois, os pés; após alguns dias, o nariz e as orelhas; logo depois, arrancavam os seus olhos; e, por último, cortavam o pescoço e faziam pirâmides com suas cabeças.

Por causa dessas coisas e outras mais, o Senhor sentenciou a Assíria e sua capital rebelde, usando os profetas Naum (Na 1.14-3.19) e Sofonias (Sf 2.13-15) para profetizarem sua destruição total.

O profeta Jonas recebeu a ordem de Deus para levar aos ninivitas o recado de que a cidade haveria de ser destruída. Jonas, temendo aquele povo, tentou fugir da presença de Deus (Jn 1.1-3), mas sua tentativa foi em vão, pois o Senhor o encontrou no porão do navio, lançou-o ao mar e usou um grande peixe para trazê-lo de volta às praias de Jope (Jn 1.4-2.10).

O Senhor novamente lhe faz o desafio de ir à grande cidade de Nínive e pregar que o Senhor haveria de destruí-la em 40 dias (Jn 3.1-4).

O rei da cidade, ouvindo a mensagem do Senhor, humilhou-se, rasgando as suas vestes, vestindo-se de saco e sentando-se em cinzas. Proclamou um edito e mandou divulgar em todas as cidades que toda a população, juntamente com os animais, deveria se abster de todo e qualquer alimento e água e se arrepender dos seus maus caminhos e da sua violência para que o Senhor viesse a mudar de ideia, e não destruir a cidade. Então, Deus deu mais uma chance aos ninivitas e não destruiu a cidade (Jn 3.5-10).

A mudança de comportamento dos ninivitas foi por pouco tempo; voltaram a

pecar e começaram a cometer toda sorte de perversidade. Então, Deus não mais teve compaixão deles; no ano 607 a.C., no reinado de Esar-Hadom II, o Senhor enviou a Nabucodonosor o general do exército da Babilônia e filho de Nabopolassar contra a Assíria e sua capital rebelde, destruindo-a totalmente.

Desde essa época até hoje, só existem os escombros da cidade de Nínive, conservados pelos iraquianos.

Calá (Firmeza)

Essa cidade estava entre as mais antigas da Assíria. Assim como Nínive, também foi fundada por Ninrode, rei de Sinar (Gn 10.11). Calá estava localizada a 32 quilômetros ao sul de Nínive. Quando o rei Assur-Natsirpal I começou a reinar, construiu um grande palácio em Calá e fez dele sua residência oficial. Depois disso, essa cidade ficou sendo o lugar preferido para morada dos reis.

Tiglata-Pileser também construiu um luxuoso palácio em Calá. Da mesma forma fez Esar-Hadom, construindo um edifício de considerável extensão e grande magnificência.

Os objetos assírios que atualmente se encontram no Museu Britânico são, na maior parte, provenientes da antiga cidade de Calá.

Período dinástico assírio

Bel-Capcapi

No início do século XVI, a Assíria adquiriu sua total independência do poder da Babilônia; na época, ela tinha como vice-rei um homem chamado Bel-Capcapi; pouco se sabe sobre esse monarca, mas, quando ele começou a reinar sobre a Assíria, fortaleceu-se grandemente, preparou uma rebelião contra o soberano Babilônico e foi vitorioso. Com essa vitória, Bel-Capcapi conseguiu a total independência de seu país, não sendo mais obrigado a pagar tributo e nem prestar reverência ao rei da Babilônia.

A partir da independência assíria, Bel-Capcapi assumiu a total liderança do reino, sendo ele não mais vice-rei, mas, sim o primeiro soberano independente da Assíria.

Desde então, deu-se início a uma grande rivalidade entre a Babilônia e a Assíria. No decorrer dos tempos, a Assíria foi se fortalecendo sob o reinado de Bel-Capcapi, tornando-se assim um reino potente. Durante alguns séculos, houve grandes batalhas entre a Babilônia e a Assíria.

Rimom-Hirari I (1320-1300 a.C.)

Esse monarca foi o fundador de uma das dinastias da Assíria, talvez a segunda. No período do seu reinado, a Assíria teve muitas batalhas contra as nações inimigas, mas Rimom-Hirari I, grande guerreiro, era sempre o vencedor e toda vez que ele vencia uma batalha, conquistava cidades e porções de terras para o seu reino.

Rimom-Hirari I deixou gravadas inscrições registrando as suas guerras e as suas sucessivas vitórias. O seu filho sucessor no trono reedificou a cidade de Calá, onde construiu um palácio. Seis gerações de Rimom-Hirari I se assentaram no seu trono.

Salmanasar I

Do assírio, Shulmann-asharidu, “deus Shulman”, significa “chefe”, Esse monarca era filho de Rimom-Hirari I e, no período do seu reinado, a Assíria cresceu grandemente em poder, a ponto de dominar a Babilônia e, conseqüentemente, conquistá-la, fazendo-a sua tributária. Estudiosos de questões assírias identificam Salmanasar I com o nome de Tucultir-Adar. Foi ele quem reconstruiu a cidade de Calá.

Não sabemos quanto tempo durou o seu reinado, mas esse monarca foi um dos grandes monarcas da Assíria. Dessa dinastia, surgiram pelo menos mais três monarcas com o mesmo nome e durante aproximadamente 700 anos a Assíria foi uma potência dominante no Oriente.

Tiglata-Pileser I

O nome deriva do assírio, tukulti-Apil-Eshara, que quer dizer “a minha força está no deus Ninibe”. Houve vários monarcas com esse nome, talvez quatro. Pouco se sabe sobre Tiglata-Pileser I, pois a história é um obscura sobre o seu reinado, mas, segundo documentos antigos, ele foi um grande guerreiro e conquistador, e efetuou grandes obras na cidade de Nínive, deixando-a mais bela.

No ano 1130 a.C., Tiglata-Pileser I sitiou a Babilônia e em pouco tempo invadiu a cidade, conquistando-a e deixando-a tributária da Assíria. Seu reinado durou até o ano 1120 a.C., sendo sucedido por seu filho Tiglata-Pileser II.

Tiglate-Pileser II

Esse monarca foi o fundador do primeiro império assírio da história, estendendo os seus limites desde a região da Cilícia, a oeste, até o Curdistão, a leste. Tiglate-Pileser II estendeu-se em suas conquistas até o reino dos heteus e uma parte da região do Mediterrâneo.

Entre estas e outras conquistas, Tiglate-Pileser II conseguiu elevar o reino assírio ao mais alto grau de expansão territorial daquele tempo, transformando a Assíria em um grande e potente império que durou todo o seu reinado, vindo a ter um declínio nas gestões dos seus sucessores, principalmente no período dos reinados de Davi e seu filho Salomão em Israel.

Assur-Natsirpal

Esse monarca reinou sobre a Assíria no final do século XIX. Desde o final do reinado de Tiglate-Pileser II até o seu reinado, a Assíria passou por uma crise governamental muito grande. Os reis que governaram nesse período não tiveram força suficiente para conquistar outras nações; pelo contrário, foram perdendo espaço para elas, principalmente para Israel, que teve o seu território alargado, entrando no território assírio nos dias de Davi e Salomão.

Assur-Natsirpal, quando assumiu o trono da Assíria, deu início a mais um período de conquista, invadindo e conquistando várias nações, como a Armênia, a Mesopotâmia, o Hindustão, a Babilônia e a Fenícia. Com essas conquistas, a Assíria se fortaleceu novamente e os sucessores de Assur-Natsirpal prosseguiram com as conquistas. Sendo homens cruéis, cometiam grandes e horríveis barbaridades, tais como empalamentos e pirâmides de cabeças humanas.

Assurbanipal (885-860 a.C.)

Esse monarca provavelmente era filho de Assur-Natsirpal. Foi um grande guerreiro conquistador, restaurou o prestígio do império e fez grandes obras no país. Mudou a capital para a cidade de Calá, onde construiu um grande palácio na parte ocidental da cidade para ser sede do seu governo.

Assurbanipal reinou por um período de 25 anos, durante o qual o Império Assírio ficou mais forte ainda a partir de suas conquistas. Sucedeu-o no trono o seu filho Salmanasar II, o primeiro rei assírio a entrar em conflito contra Israel.

Salmanasar II (860-825 a.C.)

Esse monarca foi o primeiro rei assírio da história a entrar em conflito com os israelitas. Era um homem de temperamento muito forte e tenaz. A história diz que, quando ele se apossou do trono, atravessou o Eufrates e atacou com grande fúria os filisteus; além destes, atacou também as nações a norte, sul e leste de Nínive com intenção de conquistá-las, a fim de aumentar o seu império. Bem-Hadade II, rei da Síria, temendo uma possível derrota, convocou todos os reis aliados, que eram quatorze ao todos, e formou uma liga para oferecer resistência ao pior de seus inimigos, o rei Salmanasar II. Cada rei aliado do rei da Síria mandava suas tropas para Carcar, o lugar onde eles se concentravam para a batalha. Entre esses reis, estava Acabe, de Israel.

Quando Bem-Hadade começou a reinar na Síria, Acabe já reinava há 14 anos em Israel. Durante quase todo o governo do rei sírio, houve guerra entre os dois países. No sexto ano de reinado de Bem-Hadade, Acabe, certamente pelo medo de Salmanasar II, fez aliança com este e enviou tropas para defenderem sua nação de uma possível investida do rei da Assíria.

A história diz que Salmanasar II se gabou de ter vencido a batalha de Carcar contra Bem-Hadade e seus aliados, mas, na primeira investida, fugiu apressadamente, voltando a atacar as forças aliadas de Damasco um ano depois. Dessa vez, não obteve sucesso. Três anos depois, tornou a atacar; novamente, encontrou uma grande resistência e não obteve sucesso no seu intento. No ano seguinte, o décimo primeiro do seu reinado, ele atravessou o Eufrates e devastou muitas cidades do reino de Hamate, mas teve de parar. No décimo quarto ano, voltou a fazer novas investidas, conseguindo dominar outras cidades.

No ano 942 a.C., Salmanasar II finalmente conquistou a Síria, derrotando Hazael, filho de Bem-Hadade, no monte Hermom. Os reis de Tiro, Sidom e Jeú, filho de Acabe, de Israel, aterrorizados pelo medo, renderam-se ao rei da Assíria e lhe enviaram presentes.

Diante de tanta crueldade desse monarca, vinte e sete cidades da Assíria, inclusive Nínive, a capital, e Assur, a sede do seu governo, revoltaram-se contra ele por causa das constantes guerras e obrigaram Salmanasar II a conservar-se na sua nação, bem como o seu filho, que o sucedeu no trono.

Rimom-Hirari III (810 – 781 a.C.)

Tudo indica ter sido esse monarca neto de Salmanasar II; a história não aborda muito o seu reinado, mas diz ter sido um grande guerreiro e conquistador. Durante o seu governo, conseguiu dominar os fenícios, os edomitas e os filisteus, tornando-os tributários da Assíria.

No período em que Jeoacaz, filho de Jeú, reinava sobre Israel (2 Rs 13.1), de 814 a 798 a.C., Hazael, rei da Síria, oprimia-o, bem como o seu filho Benadade (2 Rs 13.2,3). Diante de tanta opressão, Jeoacaz lembrou-se do Senhor. Arrepentendo-se dos seus pecados e clamando a Ele, pediu misericórdia e o Senhor o ouviu e mandou um salvador a Israel. Dessa maneira, os israelitas foram libertos dos seus opressores e voltaram a viver em suas cidades (2 Rs 13.4,5,25). Subentende-se que esse salvador dado por Deus a Israel era Rimom-Hirari, rei da Assíria, quando bloqueou Damasco, fazendo-a tributária, no ano 803 a.C.

A Bíblia diz, contudo, que Israel não se apartou de todos os pecados da casa de Jeroboão, filho de Nebate (2 Rs 13. 6). Então, o Senhor deixou que Jeoacaz caísse nas mãos de Rimom-Hirari III, ficando Israel tributário à Assíria.

No final do reinado de Rimom-Hirari III, o Império Assírio entrou em decadência, ficando enfraquecido. Isso durou até o ano 745 a.C., quando Pul se apoderou da coroa, fundando assim um segundo império.

Tiglate-Pilezer III (745 – 727 a.C.)

Também conhecido pelo nome de Pul. Ptolomeu, ao organizar uma lista dos nomes dos reis da Babilônia, menciona-o com o nome de Poro; nos registros dinásticos da Babilônia, ele aparece com o nome de Pulu; e nas crônicas do Império Caldeu, ele aparece com o nome de Tiglate-Pileser. Pul provavelmente foi o seu nome primitivo; quando ele assumiu o reinado assírio, tomou o título grandioso encontrado nas crônicas, título já famoso de um rei anterior.

No ano 745 a.C., em 13 de marchesevã, ele tomou posse do trono e, sete meses depois, marchou contra a Babilônia. Após dois anos de reinado, fundou um quartel general em Arpade, uma cidade ao norte da Síria e próxima de Antioquia. Dessa base militar, Tiglate-Pileser espalhava o terror às nações que ficavam às margens do Mediterrâneo e do Jordão, chegando até Israel. Menaém, rei de Israel, deu-lhe mil talentos de prata para que ele o socorresse das investidas dos seus inimigos e firmasse o seu reino, pois o reino de Israel era tributário à Assíria (2 Rs 15.20).

O rei Acaz, de Judá, pediu a Tiglate-Pileser III que o socorresse das investidas dos edomitas e dos filisteus, que estavam em guerra contra ele e já haviam tomado várias cidades e aldeias pertencentes a Judá. Isso porque o Senhor havia entregado o reinado de Acaz nas mãos dessas nações por causa dos seus muitos pecados (2 Cr 28.16-21). Tiglate-Pileser foi em seu socorro. Entretanto, não o ajudou o bastante, pois, em troca da sua ajuda, Acaz teve de pegar despojos da casa do Senhor, da casa do rei e das casas dos príncipes de Judá para dar ao rei assírio (2 Cr 28.21). Isso deixou o reino de Judá em uma situação calamitosa, pois, além de dar esses despojos, ainda deixou o seu reinado dependente e tributário da Assíria. Por causa dessas coisas, Acaz sofreu terríveis consequências por ter pedido ajuda ao rei da Assíria em vez de pedir ao Senhor.

Rezim, rei da Síria, aliou-se a Peca, rei de Israel, com quem subiu a Jerusalém contra Acaz, rei de Judá. A intenção dos aliados era destruir totalmente o reino de Judá e constituir um novo reino, colocando um certo filho de Tabeal. Talvez esse filho de Tabeal fosse o próprio filho de Tubal, rei de Tiro, que, à época, fazia parte da coalizão contra a Síria. Porém, o Senhor mandou o profeta Isaías, juntamente com o seu filho, que se chamava “um-resto-volverá”, ao encontro do rei Acaz para aconselhá-lo a não temer aqueles dois monarcas gananciosos que o Senhor chamou de “dois tocos de tições fumegantes” (Is 7.4). Assim, o Senhor usou o profeta para lhe dizer que o intento dos reis de Samaria e de Damasco nunca se realizaria, pois, a capital da Síria era Damasco e o cabaça³ de Damasco era Rezim, e dentro de 65 anos Efraim seria destruído e deixaria de ser um povo (Is 7.1-9).

Com essa afirmativa tão explícita, o profeta tentava convencer o rei a confiar mais no Deus de Israel e não nos meios humanos. O profeta também tentava dizer que a estabilidade da dinastia davídica⁴ não dependia do poder das armas, mas sim da fidelidade e confiança no Senhor.

Continuou o Senhor usando o profeta para falar com o rei Acaz e convencê-lo a pedir um sinal ao Senhor. Mas o rei não lhe deu ouvidos e recusou todos os conselhos e exortações do profeta; novamente, pediu socorro a Tiglate-Pileser III, rei da Assíria. Este, por sua vez, aproveitou a oportunidade para, ao lado de Acaz, marchar contra a Filistia, tornando Gaza sua capital e fazendo-a pagar as depredações cometidas contra Judá (2 Cr 28.18). Além de Gaza, Tiglate-Pileser III tomou muitas cidades da costa do Mediterrâneo. Nessas investidas, tomou várias cidades de Israel, entre as quais Aiom, Abel-Bete-Maaca, Janoa, Quedes, Hazor, Giliade e Galileia, todas situadas na terra de Naftali, e transportou todos os seus habitantes para a Assíria (2 Rs 15.29).

Nos anos entre 733 e 732 a.C., o rei Tiglate-Pileser III passou por Damasco, sitiando-a. Durante o sítio, o rei da Assíria devastou 17 distritos pertencentes a Damasco, deixando-os arruinados, como se tivesse passado por eles uma

violenta tempestade, e matou Rezim, rei da Síria.

Assim, o Deus de Israel suscitou o espírito de Tiglate-Pileser III, rei de Assur, para transportar as tribos de Rubem, Gade e a meia tribo de Manasses para Hala, Habor, Hara e para o Rio Gosã (1 Cr 16.10). As crônicas da Assíria dizem que muitos reis ficaram tributários ao rei da Assíria, entre os quais o rei de Amom, o rei de Moabe, o rei de Edom e o rei Acaz de Judá.

Depois da queda de Damasco em 733 ou 732 a.C., Tiglate-Pileser III resolveu voltar para Nínive e entregou-se à consolidação do seu reinado durante o resto de sua vida. Morreu no mês de tebete (janeiro-fevereiro) do ano 727 a.C., tendo reinado durante 18 anos. No seu reinado, o Império Assírio atingiu o mais alto grau de glória que a Assíria conheceu.

Salmanassar IV (727-722 a.C.)

Esse monarca foi o sucessor de Tiglate-Pileser III. Seu nome de origem era Ululas (em grego, Iloulaios), que significa “cânion de Ptolomeu”.

Salmanassar IV foi ungido rei da Assíria no dia 25 de tebete, o décimo mês do ano 727 a.C., e reinou até o dia 12 de tebete de 722 a.C. Segundo os anais da Síria, citados por Josefo, em 725 a.C., o rei assírio empreendeu uma expedição a terras estrangeiras, invadindo a Fenícia; com essa expedição, as principais cidades do país renderam-se ao exército invasor, reconhecendo sua suserania, e se revoltaram contra o domínio da ilha de Tiro. Por essa razão, Salmanassar IV retirou-se para sua terra, voltando algum tempo depois para guerrear contra a insular cidade de Tiro. Sua frota, guarnecida por marinheiros fenícios, foi derrotada pelo exército naval de Tiro.

Salmanassar IV retirou-se novamente, deixando tropas suficientes para prosseguir com o cerco, que durou cinco anos. A ilha só veio a se render ao domínio de Sargom, sucessor de Salmanassar IV.

Quando voltou de Tiro, Salmanassar IV subiu contra Oseias, rei de Israel, dominando-o e fazendo dele seu servo e devedor de tributos (2 Rs 17.3.). Pouco tempo depois, Oseias se apadrinhou de Sô, rei do Egito, e conspirou contra o rei da Assíria. Então, já não lhe pagava o tributo como fazia antes, anualmente (2 Rs 17.4).

Com a conspiração do rei de Israel, Salmanassar IV foi contra ele, que ofereceu resistência, mas foi derrotado, preso e encerrado em grilhões porque o rei assírio

passou por toda a terra de Israel e subiu a Samaria, capital do reino, sitiando-a por três anos (2 Rs 17.4, 5). No final do ano 722 a.C., a capital de Israel caiu nas mãos dos assírios. Não se sabe se isso se deu na gestão de Salmanassar IV ou na gestão do seu sucessor, o rei Sargom. A Bíblia diz que o rei da Assíria transportou a maior parte da população de Israel para o exílio (2 Rs 18.11). Sargom declarou ter exilado como prisioneiros 27.290 dos habitantes da Samaria, juntamente com os seus carros e os seus deuses, nos quais confiavam.

Sargom (722 a 705 a.C.)

Sargom, do assírio shurrukinu, que significa “rei constituído”, foi o sucessor de Salmanassar IV, talvez filho daquele. Reinou durante 17 anos sobre a Assíria. Isaías fez menção de seu nome em seu livro no capítulo 20, versículo 1, quando afirma que ele enviou o “tartã”, um dos seus generais e chefe do seu exército, a Asdode, quando este a sitiou e a tomou.

Sargom começou a reinar no dia 12 de tebete, no ano 722 a.C. Não se sabe ao certo se Sargom assumiu legalmente o trono da Assíria após a morte do seu antecessor ou se ele próprio foi o causador da morte de Salmanassar IV. Quanto ao sítio da Samaria no ano 724 a.C., o escritor sagrado menciona Salmanassar como autor (2 Rs 18.9,10) e diz que, ao cabo de três anos, a cidade da Samaria foi tomada e o rei da Assíria transportou Israel para a Assíria.

Não fica claro quem tomou a capital de Israel, mas tudo indica ter sido Sargom, pois ele assumiu o reinado no 10º mês do ano 722 a.C., no mesmo ano em que a Samaria foi tomada. Diz a história que esse acontecimento se deu no final daquele ano; não se sabe ao certo, mas pode ter sido no mês de sebete ou no mês de adar, o 11º ou 12º mês do ano 722 a.C., após a ascensão de Sargom.

Nos primeiros dias do reinado de Sargom, os babilônios, aliados com os elamitas, se revoltaram contra a Assíria, deixando Sargom por algum tempo impossibilitado de dominá-los.

No ano 717 a.C., Sargom derrotou os heteus e tomou Carquemis, sua capital. Com essa derrota, foi desmoronado o império dos heteus. No ano 716 a.C., os

exércitos de Sargom travaram a guerra contra a Armênia, que se prolongou por um ano, e assim foi tomado o país. Essa operação foi estendida até a Média e a Arábia, conquistando-as. Por esse tempo, levou os cativos árabes para também colonizar a Samaria.

Sargom gabou-se de ter subjugado as terras de Judá, talvez no final do ano 714 a.C., ano em que o rei Ezequias reconheceu a suserania da Assíria, pagando-lhe tributos.

No ano 711 a.C., Merodaque-Baladã, filho de Baladã, rei da Babilônia, instigou os povos desde Elão até o Mediterrâneo à revolta contra a Assíria. Sargom, ao saber de mais essa conspiração, não se conteve e enviou tropas contra Azoto. Em 710 a.C., tomou a Babilônia, assumindo o título de rei da Babilônia. No mesmo ano, iniciou a construção de uma cidade com um grande palácio, situada dez milhas a noroeste de Nínive. Chamou-a de Dor-Sharrukin ou Sargonsburg. Suas ruínas têm o nome de Khorsadad. Sargom inaugurou essa cidade no ano 707 a.C. e fixou sua residência ali até a sua morte. Foi assassinado no ano 705 a.C., ficando a coroa com o seu filho Senaqueribe.

Senaqueribe (705 a 681 a.C.)

Senaqueribe, que significa “sim, o deus lua tem multiplicado os irmãos”, é o nome do filho de Sargom, que o substituiu no trono após seu assassinato no dia 12 de abibe de 705 a.C. Senaqueribe foi educado no esplendor do palácio; em suas batalhas, apoiava-se na bravura de seus generais preparados por Sargom, seu pai. Com esses valorosos generais, conseguiu conservar e firmar o império que outrora fora de seu pai.

No segundo ano de seu reinado, Merodaque-Baladã novamente se levantou contra o poderio assírio e se apoderou da Babilônia. Senaqueribe, por sua vez, foi obrigado a agir contra ele e seu aliado, o rei de Elão, desonerando-o da liderança da Babilônia e colocando Belibini em seu lugar. Depois, voltou para Nínive triunfante, levando da Babilônia um grande número de cativos e abundantes despojos.

Senaqueribe investiu contra os povos que Sargom, seu pai, já havia conquistado, porque haviam se rebelado e já não queriam mais pagar o tributo, e os conquistou novamente; para dominá-los, foi contra a Fenícia, dominou Sidom, Sarapta, Aczibe e Aco, enquanto Tiro resistiu e se livrou. As demais nações vizinhas se apressaram em submeter-se. Passando à Fenícia, tomou Ascalom, BetDagom e Jope. Em seguida, tomou Laquis, enviou um destacamento para Jerusalém e libertou o rei Padi, de Ecrom, que estava detido ali. Derrotou as tropas aliadas do Egito e da Etiópia na batalha de Elteque. Nessa campanha, além de ter tomado as cidades de Laquis e Elteque, tomou ainda 46 cidades fortificadas de Judá e levou 200.150 pessoas cativas, além de uma grande quantidade de cavalos, camelos, ovelhas e mulas.

Ezequias, rei de Judá, após a morte de Sargom, buscou a independência e já não pagava mais o tributo, pois Judá havia ficado tributário da Assíria desde que Acaz pediu socorro ao rei da Assíria quando se viu ameaçado pelo rei da Síria com o seu aliado, o rei de Israel (2Rs 16.5-7). O rei Senaqueribe, vendo isso, tomou a iniciativa de forçá-lo a pagar novamente o tributo. Por essa causa foi que enviou os seus generais com um grande exército às terras de Judá. Com essa investida, conquistou as 46 cidades fortificadas de Judá acima citadas e não poucas cidades pequenas. O rei de Judá, então, foi forçado a pagar 300 talentos de prata e 30 talentos de ouro (2Rs 18.13-17).

No ano 701 a.C., encontrava-se ainda Senaqueribe em Laquis, uma das cidades fortificadas de Judá que havia tomado, quando recebeu a notícia de que a Filístia havia feito aliança com o Egito e a Etiópia (2 Rs 18.21,22). Não querendo desistir da tomada de uma tão grande fortaleza, que era a capital dos judeus, enviou os seus generais Tartã, Rabis-Sares e Rabisaque com um grande exército para sitiarem Jerusalém e afrontar Ezequias, blasfemando contra o seu Deus e colocando o rei da Assíria acima de todos os deuses do mundo (2 Rs 18.18-37) para amedrontar Ezequias, enquanto combatia Taraca, rei do Egito, e seus aliados.

Diante de tantas ameaças e blasfêmias de Rabisaque, general do rei da Assíria, Ezequias, rei de Judá, rasgou as suas vestes e mandou consultar o profeta Isaías, filho de Amoz. Este, por sua vez, mandou palavras de conforto e livramento para o rei de Judá (2 Rs 19.1-7). No entanto, Ezequias foi surpreendido mais uma vez por meio de uma carta enviada por Senaqueribe, contendo mais ameaças e blasfêmias contra o seu reino e o seu Deus. Ezequias, por sua vez, não se conteve e se curvou diante do Senhor, humilhando-se e pedindo socorro sobre essa questão. Pela fervorosa oração do rei de Judá, o Senhor enviou novamente o profeta Isaías a Ezequias para fazê-lo ciente de que ouvira a sua oração e iria tomar vingança contra Senaqueribe, rei da Assíria, pois ele não afrontava apenas a nação judaica, mas o próprio Deus (2 Rs 19.8-34).

Ainda no ano 701 a.C., enquanto o exército assírio continuava no seu sítio em

volta de Jerusalém, o Senhor enviou à noite o seu anjo contra aquele exército, ferindo uma grande quantidade de soldados, cerca de 185.000. Quando os demais soldados acordaram pela manhã, viram os seus companheiros mortos e fugiram para a Assíria. Esse acontecimento foi a maior derrota sofrida por Senaqueribe em todos os seus dias de reinado (2 Rs 19.35,36).

Depois dessa desastrosa derrota, o rei Senaqueribe não mais prosseguiu com sua campanha gananciosa de conquistar os reinos para aumentar o seu império. Quanto à tomada de Jerusalém, ele não teve sucesso, porque não se luta contra o Deus verdadeiro e Todo-Poderoso. Diz a Bíblia: “Deus não se deixa escarnecer, porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7).

Em seu relato, Senaqueribe vangloriou-se de todas as suas vitórias e conquistas, inclusive da tomada das 46 cidades fortificadas de Judá, da libertação de Padi, rei de Ecrom, de todas as opressões que fez contra o rei Ezequias de Judá e do cerco de Jerusalém. Só não relatou a grande pestilência causada pelo Anjo do Senhor sobre o seu exército no período do cerco, causando sua maior derrota de todos os tempos, o enfraquecimento do seu império e a libertação do reino de Judá.

No ano 700 a.C., Senaqueribe foi novamente surpreendido por outra revolta, agora dentro do seu próprio território; essa revolta foi seguida de um combate na Babilônia. O rei assírio foi obrigado a pegar novamente em armas para dar fim a essa conspiração, nomeando o seu filho Assurnadinsum como vice-rei no lugar de Belibini na Babilônia.

Vencidas todas essas dificuldades, Senaqueribe dirigiu-se à Cilícia, pondo-a sob o jugo assírio. Em 694 a.C., coordenou uma expedição através do mar, tentando desbaratar os defensores de Merodaque-Baladã em seu último refúgio na foz do Ualai, sendo o rei assírio vitorioso nessa campanha. Porém, enquanto Senaqueribe se ocupava dessa campanha, os elamitas invadiam a Babilônia, desafiando o poderio assírio; prenderam Assurnadinsum e puseram no seu lugar

no trono um rei babilônio que governou o país por um ano e meio.

Diante desses problemas, Senaqueribe foi contra os elamitas que afrontavam o seu poder há quatro anos, vencendo-os na batalha de Khalule. No ano seguinte, Senaqueribe tomou a Babilônia, subjugando-a a ferro e fogo, derrubando os seus muros, saqueando a cidade, prendeu o seu rei, incendiou os seus templos e os seus edifícios, cujas ruínas foram cobertas pelas águas do Eufrates e seus canais. Depois disso, voltou para a sua cidade e se empenhou nas obras de construções de canais e aquedutos, reconstruiu oito milhas de muros em volta de Nínive e reedificou um dos seus palácios.

No dia 20 de tebeta do ano 681 a.C., Senaqueribe foi assassinado pelos seus dois filhos mais velhos enquanto adorava Nisrode, seu deus. Adromeleque e Sareser, que os feriram a espada, fugiram em seguida para Ararate. Esar-Hadom, o seu filho mais jovem, reinou no seu lugar.

Esar-Hadom (680 a 668 a.C.)

Esar-Hadom, do assírio “que deu um irmão”, é o nome do filho mais jovem de Senaqueribe que o substituiu no trono após sua morte. Hesar-Hadom era o filho preferido do seu pai, que lhe dava um tratamento todo especial e diferenciado dos outros filhos. Diante dessa situação, Adrameleque e Sarasar foram criando ódio ao pai e buscaram oportunidades para matá-lo. Enquanto Esar-Hadom, que tinha se tornado um grande general, estava em campanha no noroeste, os seus dois irmãos mais velhos aproveitaram para assassinar o rei e depois fugiram para a Armênia (2 Rs 19.36; Is 37.38). Esar-Hadom, quando soube que o seu pai tinha sido assassinado, retornou imediatamente para a Assíria e se encontrou as forças rebeldes, lutou contra elas e as derrotou. Logo depois, foi para Nínive para assumir o trono.

Esar-Hadom assumiu o império no dia 8 de nisã do ano 680 a.C. Não era sem motivos a preferência que o seu pai possuía por ele, pois se tornou um grande rei. Foi também grande na política, na guerra e na construção.

No primeiro ano do seu reinado, derrotou Merodaque-Baladã ao sul da Babilônia. Logo depois, deu início à reconstrução da cidade da Babilônia que seu pai havia destruído. Depois de reconstruída, colocou-a como a capital do seu império, porém inferior a Nínive.

Esar-Hadom fez guerra contra os bárbaros cassitas, que haviam se introduzido na parte civilizada da Babilônia; e também contra os montanhese da Cilícia e contra os filhos do Hédem que estavam em Telassar.

No quarto ano do seu reinado, invadiu a Sidônia, destruindo-a, saqueando-a e deportando os seus habitantes. O seu rei fugiu pelo mar, mas foi perseguido, capturado e, em seguida, morto. Reconstruiu a cidade de Esar-Hadom sobre os escombros. Os aliados dos sidônios também foram derrotados. Entre eles, estavam 12 tribos que habitavam as proximidades do Mediterrâneo e dez tribos insulares do Chipre. Todas essas tribos submeteram-se ao domínio assírio. Entre outros, destacam-se Manasses, o rei de Judá, e os reis de Edom, Moabe, Amom, Gaza, Ascalom, Ecrom e Azoto.

Esar-Hadom executou duas campanhas muito difíceis, mas com muito êxito. A primeira foi contra a Arábia e a segunda, contra a Média. Em seguida, voltou sua atenção para a conquista do Egito. No entanto, o seu plano foi detido por alguns anos, porque uma tribo situada na cabeceira do Golfo Pérsico, nas proximidades de Hur, foi de encontro ao seu exército e guerreou contra ele, dando muito trabalho para ser derrotada. Somente no ano 670 a.C., conseguiu invadir o Egito, tomou Mênfis, subjugou os pequenos reinos e dividiu o Vale do Nilo desde Tebas até o Mediterrâneo em 20 “satrapias”. Nomeou governadores nativos para as províncias de menor importância e, sobre as de maior importância, colocou governadores assírios.

Esse valoroso monarca assírio morreu no ano 668 a.C., deixando como sucessor no trono o seu filho mais velho, chamado Assurbanipal II, que havia sido associado ao governo do grande império anteriormente.

Assurbanipal II (668 a 626 a.C.)

Também chamado de Anaspe (Ed 4.10), esse monarca foi considerado pelos assírios um grande rei, pois conseguiu manter o grande império deixado pelo seu pai durante todos os seus dias. Logo no início do seu reinado, passou por uma grande dificuldade, pois Taraca, rei do Egito, sabendo da morte de Esar-Hadom, que havia tomado o seu reino e o anexado ao seu império, retornou da sua terra, a Etiópia, para o Egito, trazendo um grande exército consigo para expulsar os assírios e se apossar novamente do reino. Assurbanipal II foi contra ele com o seu poderoso exército, derrotando-o em Carabanite, perto da foz do Canópico, um braço do Nilo. Taraca fugiu para Tebas, onde pediu auxílio para outros pequenos reis do Egito, mas foi perseguido por Assurbanipal, que, no ano 664 a.C., chegou até ele em Tebas, tomou a cidade e matou-o, continuando o domínio sobre o Egito.

Assurbanipal II era orgulhoso, dado ao luxo e amava a literatura. Formou em Nínive uma grande biblioteca, que ainda hoje tem sido a maior fonte de conhecimento dos estudiosos da Assíria e da Babilônia. Esse rei assírio entregou o comando dos seus exércitos para os seus poderosos generais e alargou consideravelmente o seu império.

No ano 652 a.C., um dos seus irmãos comandou uma revolta contra o Império Assírio, causando a perda do Egito e a semi-independência da Babilônia, deixando os seus governadores mais como soberanos que vice-reis, continuando assim até a sua independência total no ano 625 a.C. por Nabopolassar, pai de Nabucodonosor II, o grande rei do poderoso Império Babilônico.

Assurbanipal II morreu no ano 626 a.C., deixando o império com o seu filho

Esar-Hadom II, que tentou manter o império, mas não conseguiu.

Esar-Hadom II

Esse monarca foi o último dessa dinastia e do grande Império Assírio. Iniciou o seu reinado no ano 626 a.C. e não sabemos quanto tempo durou.

No ano 625 a.C., Nabopolassar comandou uma revolta contra o Império Assírio, por meio da qual conseguiu a independência total da Babilônia. Depois disso, esse reino começou a se destacar e nunca mais foi submisso à Assíria. Depois desse acontecimento, o Império Assírio despencou, tornando-se um reino fracassado, até que, no ano 607 a.C., o exército de Nabopolassar, comandado por Nabucodonosor, seu filho, invadiu Nínive, a capital da Assíria, e destruiu-a totalmente, pondo fim ao já fracassado império.

A Assíria, quando no auge do seu poder no sétimo século a.C. teve domínio sobre a Babilônia, parte da Média, Armênia, Síria, Chipre, Arábia e Egito. Nas suas inscrições, encontram-se os nomes dos reis de Israel Onri, Acabe, Jeú, Manaem, Peca e Oséias. Dos reis de Judá, encontram-se os nomes de Acaz, Ezequias e Manassés. Todos esses pagaram tributos à Assíria e tiveram os seus reinados subordinados ao grande império.

[3 Para uma compreensão mais aprofundada sobre o fato mencionado, é prudente conferir o versículo 8 do capítulo 7 do livro do profeta Isaías.](#)

[4 A dinastia que iniciou-se com Davi](#)

VI. A Síria

A Síria é um país ainda hoje existente às margens do Mediterrâneo com capital em Damasco. Na Antiguidade, tinha os seus limites definidos pelo Rio Eufrates a leste, o Mediterrâneo a oeste, a Cilícia ao norte e o deserto da Arábia ao sul, excluindo a Palestina. Era um país maior e mais fértil que a Palestina. Sua região montanhosa era atravessada pelo Líbano e pelo Antilíbano. Seu território era regado pelos rios Farfar, Abana, Eufrates e Orontes.

A Síria possuía muitas cidades importantes e famosas, entre as quais Damasco, Antioquia, Seleucia, Palmira e Laudiceia (At 9.2; 11.9; 13.4; Ap 3.14). Possuía também uma grande quantidade de pequenos estados e estes lutavam uns contra os outros pela supremacia, com resultados indefinidos. O reino de Damasco era o principal, mencionado pela primeira vez na Bíblia em Gênesis 14.15. Nos dias de Davi, o mais poderoso era Zobá; entre os demais pequenos reinos, os mais importantes eram Hamate, Arã-Naaraim, Padã-Arã, Maaca, Bete-Reobote e Gesur.

A Síria teve suas terras povoadas por Arã, o quinto filho de Sem, filho de Noé (Gn 10.22), cujos descendentes povoaram as férteis terras da Babilônia, na época existente entre os rios Eufrates e Tigre, também chamada Arã. Mais tarde, os gregos chamaram-na Mesopotâmia e os hebreus lhe deram o nome de Padã-Arã (Gn 25.20; 28.2).

O nome Arã

Esse nome abrangia toda a região ocupada pelos sírios, que se estendia desde as montanhas do Líbano até além do Eufrates e desde o Rio Sagur, ao norte, até Damasco, ao sul. O profeta Amós, quando profetizava sobre o cativo dos sírios, diz que eles habitavam entre Damasco e Bete-Édem, desde o Líbano até o sudoeste, até o Monte Masius, a nordeste (Am 1.5). Nessa região, encontravam-se vários distritos distintos, conforme segue:

Arã-Naaraim

Essa é a Arã dos dois rios, em referência ao Eufrates e ao Tigre, ou ao Eufrates e ao Cabu. Segundo alguns estudiosos, era nessa região que ficava Padã-Arã. Se for correta essa afirmativa, era nessa região que ficava a cidade de Harã, que também tinha por nome Tel-Fadã, onde habitava a família dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (Gn 24.10-47; 28.5). Na mesma região, havia outras cidades, como Nisibis e Edressa. Esta era um notável centro de cultura síria.

Arã-Damascus

Era nessa região que ficava Damasco, onde também se encontrava o centro de influência síria a oeste do Eufrates. De lá, saía toda a espécie de contendas com os israelitas do norte da Palestina (2Sm 8.5; 1Rs 15.18).

Arã-Zobá

Os habitantes dessa região eram conhecidos pelos hebreus como sírios de Zobá (2Sm 10.6). O domínio do povo dessa região se estendia até os limites de Hamá, ao noroeste (1Cr 18.3); a Damasco, ao sul; e Berota, ao sudoeste. Esse reino, nos dias de Saul e Davi, floresceu grandemente e, durante esse período, exerceu sua influência na região do Eufrates e dos Montes Aurã ao Sul.

Arã-Maaca

Esse reino estava ao oriente do Jordão e ficava dentro dos limites territoriais de Israel, nas proximidades do Monte Hermom (Js 12.5; 13.11). De acordo com as descrições de Josué, que diz ser Abel pertencente à tribo de Naftali, com Abel-Bete-Maaca em sua vizinhança, presumimos que Arã-Maaca se estendia até o oeste do Jordão.

Gessur em Arã

Um pequeno reino nas proximidades de Maaca, também ao oriente do Jordão, próximo ao Monte Hermom e dentro do território de Manassés (Dt 3.14; 1Sm 15.18).

Arã-Bete-Reobe

Esse pequeno reino tem sua localidade incerta. Julga-se que ele também ficasse nas proximidades de Maaca e Dã (Nm 13.21; Jz 18.28).

Todas as regiões acima citadas tinham os seus próprios monarcas e eram reinos pertencentes ao país da Síria. Uns lutavam contra os outros, tentando conquistar a soberania do país, e quando outras nações lutavam contra um daqueles reinos, eles se juntavam e formavam uma coligação, tornando-se um povo forte e poderoso para lutar contra os seus inimigos. Dessa forma, eles conseguiam sobreviver a muitas guerras que se levantavam naqueles dias.

Relações entre a Síria e Israel

As relações entre esses dois países oscilavam muito: às vezes estavam boas e outras vezes, más. Havia períodos em que estavam aliados, mas, no decorrer dos tempos, eles rompiam as alianças e voltavam a ser rivais.

O reino de Zobá

Quando Saul assumiu o reino de Israel, pelejou contra todos os inimigos da sua nação e os venceu. Entre esses, estavam os reis de Zobá que, à época, eram poderosos e violentos (1Sm 14.47).

Após a morte do rei Saul, o povo de Israel elegeu Davi como o seu rei, que em suas muitas conquistas conseguiu dominar o reino de Zobá, subjugando-o e fazendo-o tributário de Israel. Na guerra contra Hadadeser, filho de Reobe, rei de Zobá, Davi conseguiu derrotá-lo em uma batalha sangrenta, quando este queria restabelecer o seu domínio sobre o Rio Eufrates. À época, os sírios de Damasco, que ainda não eram tão poderosos, uniram-se a Hadadeser e participaram da sua histórica derrota, na qual Davi matou 22 mil homens dos sírios e pôs guarnições na Síria, em Damasco, ficando esta subjugada e tributária de Davi. Tomou o rei de Israel todos os escudos de ouro dos oficiais de Hadadeser. Levou também grande quantidade de cobre das cidades de Betá e Berotaí, cidades de Hadadeser (2Sm 8. 3-8). No entanto, o rei de Zobá conseguiu escapar, fugindo do exército de Davi.

Alguns anos depois, um rei dos amonitas chamado Naás morreu e Anum, seu filho, reinou em seu lugar. Davi, então, mandou alguns dos seus servos para levar os pêsames e, ao mesmo tempo, consolar o novo rei dos amonitas, filho de seu grande amigo. Este, por sua vez, deu ouvidos aos príncipes dos amonitas e achou que o rei de Israel mandaria os seus servos não para consolá-lo da morte do seu pai, mas como espiões para espiar sua cidade e criar uma estratégia para posteriormente ataca-lo e fazer dele tributário de Israel (2Sm 10. 1-3). Anum capturou os servos de Davi, raspou a metade da barba de cada um deles, cortou metade das vestes até as nádegas e os enviou de volta para Davi (2Sm 10. 4).

Vendo Anum que havia se tornado odioso a Davi, fez aliança com os sírios de Bete-Reobe, de Zobá, de Maaca, e ainda com um reino chamado Tobe (2Sm 10. 6), formando uma coligação muito forte, comandada por Hadadeser, rei de Zobá. Davi enviou Joabe com um grande exército dos mais valentes homens dos filhos de Israel e dividiu esse exército em dois pelotões de guerra, ficando um pelotão com ele para lutar contra os sírios e o outro, com o seu irmão, para lutar contra os amonitas. Dessa forma, Davi venceu a batalha contra Hadadeser, matando 40 mil soldados. Entre os mortos, encontrava-se Sobaque, general-chefe do rei de Zobá. A partir de então, todos os reis servos de Hadadeser se renderam a Davi e nunca mais se ouviu falar nesse monarca, rei de Zobá (2Sm 10. 7-19).

O reino de Gessur

Esse reino teve muito pouco destaque naqueles tempos. Sendo um dos pequenos reinos da Síria, não tinha muita influência no mundo da época. A Bíblia pouco o menciona. No entanto, Davi fez aliança com um rei de Gessur chamado Talmai e este deu uma de suas filhas, chamada Maaca, como esposa para o rei de Israel. Desse casamento nasceu Absalão, o seu terceiro filho. Com essa aliança, Gessur foi poupado das investidas de Davi contra o reino da Síria.

Quando Amnom, o primogênito de Davi, cometeu o terrível ato incestuoso com Tamar, sua irmã da parte do seu pai e irmã de Absalão da parte de pai e mãe (2Sm 13. 1-22), Absalão o odiou até o dia em que teve oportunidade de se vingar e o matou (2Sm 13.23-26). Depois, fugiu para Gessur para se refugiar com o rei Talmai, que também era seu avô da parte de sua mãe.

Damasco e a sua supremacia sobre a Síria

Damasco é uma cidade antiquíssima que ainda hoje existe como a capital da Síria. Como já foi dito antes, essa cidade foi mencionada na Bíblia desde os dias de Abraão (Gn 14. 15).

Damasco está situada em um planalto regado pelos Rios Abana e Farfar (2Rs 5. 12). O planalto está cerca de 720 metros acima do nível do Mediterrâneo e na base oriental da cadeia do Antilíbano. Os terrenos regados pelos canais dos dois rios são de grande fertilidade, de maneira que a cidade se acha cercada de jardins, hortas e pomares, muito diferente de outras cidades vizinhas que ficam em pleno deserto.

Damasco sempre foi uma cidade acessível para negócio, pois existem três grandes estradas que lhe dão acesso: uma vem do Egito, outra vem da Arábia e a outra atravessa o deserto de Bagdá.

Antes de Davi, em um tempo indefinido, os damascenos se reuniram e formaram Damasco em um pequeno estado da Síria Meridional. Nos dias de Davi, o rei desse pequeno estado foi tentar socorrer Hadadeser, rei de Zobá, quando este estava sendo atacado pelo rei de Israel. No entanto, Davi o derrotou e ainda o subjuguou, pondo guarnições em seus termos, ficando aquele tributário a Israel (2Sm 8. 5,6; 1Cr 18. 5,6). Depois dessa histórica derrota do reino de Zobá, levantou-se um homem em Damasco chamado Rezom, que fundou o reino da Síria e foi inimigo de Israel por todo o reinado de Salomão (1Rs 11. 23,24). A partir daí, Damasco passou a ser a capital do reino da Síria.

Os reis da Síria

Rezom (em hebraico, “importância”)

Rezom era filho de Eliada e súdito de Hadadeser, rei de Zobá. Este o perseguiu fazendo-o fugitivo por muitos anos. Depois da histórica derrota de Hadadeser por Davi, rei de Israel – quando Davi matou os homens em 700 carros e os 40 mil homens a cavalo, além de Sobaque, general do exército de Hadadeser (2Sm 10.18) – Rezom formou um exército de homens, lutou contra Damasco e a tomou, sendo constituído rei pelo povo (1Rs 11. 24). Rezom não perdeu tempo e iniciou uma grande luta contra os outros pequenos estados, conquistando-os, e assim conseguiu fundar o reino da Síria fazendo de Damasco sua capital.

Rezom começou a reinar nos dias de Salomão, quando este já estava com idade bem avançada. Diz a Bíblia que Salomão possuía 700 esposas princesas e 300 concubinas (1Rs 11.3). Todas as mulheres que possuía eram de origem estrangeira e eram idólatras. Essas mulheres conseguiram desviar a fé do rei de Israel no Deus verdadeiro para servir e confiar nos seus deuses (1Rs 11.1-8). Com essa ação, Salomão provocou a ira de Deus contra ele e o Senhor suscitou adversários contra ele, entre os quais Rezom, rei da Síria, que foi seu inimigo por toda a sua vida (1Rs 11. 9,11-25).

Não sabemos quando Rezom começou a reinar nem quanto tempo durou o seu reinado, pois não há datas definidas sobre o reinado dos reis da Síria. Temos somente uma noção dos tempos por nos basearmos na cronologia dos reis de Israel. Concluimos que Rezom fundou o reino da Síria no século X a.C. e foi o fundador de uma dinastia de reis dessa nação, que nem sempre tinha boas relações com Israel.

Heziom (em aramaico, “visão”)

Esse monarca provavelmente era filho de Rezom e deu continuidade ao reinado da Síria, que se fortalecia cada dia. Quanto às relações de Heziom com Israel, devem ter sido muito amigáveis, pois no seu período de reinado não temos nenhum registro de rivalidade entre as duas nações.

Tabrimom (em aramaico, “Rimom é deus”)

Tabrimom era filho de Heziom e sucessor no trono da Síria. Seu reinado foi nos dias de Roboão e Abias, reis de Judá. Durante o seu reinado, teve boas relações com os reis de Judá e com Jeroboão, o primeiro rei das tribos do norte de Israel, sobre as quais permaneceu o nome Israel (1Rs 15. 18).

Tabrimom foi um grande rei. Nos seus dias, o reino da Síria cresceu grandemente, tanto financeiramente quanto em extensão territorial. Suas conquistas foram de grande valia para o desenvolvimento do país e seu reinado teve um grande destaque entre as nações de sua época.

Bem-Hadade I (em aramaico, “filho de Hadade, supremo deus da Síria”)

Quando Tabrimom morreu, Bem-Hadade, seu filho, sucedeu-o no trono. Naquele tempo, o rei Baasa de Israel não estava com boas relações com Asa, rei de Judá, e havia guerra entre eles. Baasa mandou edificar Ramá para bloquear a entrada de Judá para Israel pelo lado norte (1 Rs 15. 16,17). Com isso, o rei Asa pegou toda a prata e o ouro do tesouro da casa do Senhor e os tesouros da casa do rei e mandou para Bem-Hadade I, rei da Síria, para que este o ajudasse a combater o seu inimigo, rei de Israel (1Rs 15. 18,19). Bem-Hadade I se aproveitou do momento e deu ouvidos ao rei de Judá, rompendo sua aliança com Baasa, rei de Israel. Enviou os capitães do seu exército contra Israel, ferindo as cidades de Ijom, Dã e Abel-Bete-Maaca. Fez a maior devastação na região de Naftali, a oeste do Lago de Genazaré (1Rs 15.20). Com essa investida do rei sírio contra Israel, Baasa deixou de edificar Ramá e voltou para Tirza (1Rs 15. 21).

Bem-Hadade II

O nome completo desse monarca era Renadadidrim, que quer dizer em aramaico “o filho de Hadade é Meu auxílio”. Foi contemporâneo de Acabe, rei de Israel, e era filho de Bem-Hadade I. Na maior parte do tempo, viveu em conflito com a nação israelita e uma grande parte dos anos do reinado de Acabe foi ocupada em conflito com Bem-Hadade II, rei da Síria.

Bem-Hadade II conquistou muitas nações, transformando-as em parte do seu reinado. Os 32 reis que eram seus aliados nas batalhas contra Israel eram na verdade seus vassalos (1Rs 20.24) e lutavam em favor da Síria porque eram obrigados, uma vez que tinham de demonstrar fidelidade ao rei da Síria.

Quando Bem-Hadade II começou a reinar sobre a Síria, Acabe, rei de Israel, provavelmente se recusou a continuar pagando o tributo que Onri, seu pai, pagava para Bem-Hadade I, pai de Bem-Hadade II, rei da Síria. Por esse motivo, o rei sírio reuniu os 32 reis aliados para pelejarem contra Acabe, rei de Israel, sitiou a Samaria, sua capital, e pelejaram contra ela (1Rs 20.1). Enviou ainda os seus servos para humilharem Acabe e exigirem que ele voltasse a pagar os tributos e lhe dessem suas mulheres e os melhores dos seus filhos, Acabe foi obrigado a fazer todas essas concessões ao rei da Síria (1Rs 20.2-5,7). Depois de todas essas conquistas sobre o rei de Israel, Bem-Hadade II ainda não estava satisfeito e enviou os seus servos mais uma vez a Acabe para esquadrihar o seu palácio, a casa dos seus oficiais e levar o que eles achassem de melhor em Israel (1 Rs 20.6). Dessa vez, Acabe não lhe deu ouvidos, mas convocou todo o seu exército e imediatamente iniciou uma grande ofensiva para combater Bem-Hadade II, lutou contra ele e seus aliados e o Senhor Deus de Israel lhe deu a vitória (1 Rs 20.15-20). No ano seguinte, Bem-Hadade II resolveu renovar a guerra contra Israel, preferindo lutar pelos vales, porque dizia ser o Senhor Deus de Israel apenas Deus dos montes e não dos vales (1 Rs 20.28). Novamente, foi

derrotado, perdendo 100 mil soldados do seu exército; os restantes dos soldados fugiram para Afeque, entrando na cidade, e uma banda do muro da cidade caiu sobre eles, matando mais 27 mil, isso é, o restante do seu exército. Bem-Hadade, porém, escapou (1 Rs 20.29,30).

Depois de tudo isso, Bem-Hadade II se humilhou para Acabe, rei de Israel, e foi perdoado. Assim, ficou em paz com a nação israelita por três anos e teve de devolver quase todas as cidades que o seu pai havia tomado de Onri, pai de Acabe, rei de Israel (1 Rs 20.31-334).

No ano 854 a.C., Salmanasar II, rei da Assíria, estava no auge de suas conquistas e ameaçou invadir Israel e a Síria. Isso fez com que Acabe e Bem-Hadade II fizessem uma aliança entre si, convocando também outros monarcas ameaçados pelo mesmo inimigo, o rei da Assíria. Acabe forneceu para Bem-Hadade II 2 mil carros e 10 mil soldados de infantaria e formaram uma grande coalizão, entrando em combate contra Salmanasar II, rei da Assíria. Foram derrotados em Carcar, no distrito de Hamate.

No terceiro ano de aliança entre Acabe e Bem-Hadade II, eles entram novamente em conflito, rompendo a aliança. Dessa vez, tudo começou por parte de Acabe, rei de Israel, que fez uma aliança com Josafá, rei de Judá, para lutarem contra Bem-Hadade II, rei da Síria, para que este viesse a devolver Remote-Giliade, que ainda estava sob sua ocupação (1 Rs 22.1-4). Nessa batalha, Bem-Hadade II foi bem-sucedido e obteve a vitória, matando também Acabe, rei de Israel (1Rs 22. 29-57). Após esse acontecimento, Bem-Hadade II exerceu a pirataria nas terras israelitas e continuou fazendo guerras contra Jorão, filho de Acabe, que deu continuidade ao reinado de Israel.

Em um período não identificado, Bem-Hadade II sitiou a Samaria, capital de Israel, de maneira tal que ninguém entrava e nem saía da cidade, pois os portões de entrada estavam fechados e a fome reinava na capital de Israel a ponto de as mães matarem e comerem os seus próprios filhos para sobreviverem em meio a

tanta calamidade (2Rs 6. 24-29). Jorão, rei de Israel, diante de tantas dificuldades, estava atônito, Entretanto, o Senhor Deus lhe deu o livramento, confundindo o exército de Bem-Hadade quanto a um suposto exército bem mais poderoso que o dele que se aproximava para atacá-lo. Dessa forma, fugiram dos seus acampamentos, deixando todos os seus mantimentos para trás, suprindo as necessidades e a fome dos israelitas da Samaria (2Rs 7.6,7). O socorro de Deus a Jorão foi tão completo que ele conseguiu recuperar todo o território de Remote-Giliade que seu pai Acabe tanto almejou e não conseguiu, vindo a ser assassinado quando lutava pela sua conquista (1Rs 22. 3,4).

Em um dos períodos de guerras que houve entre a Síria e Israel, Bem-Hadade II conseguiu levar cativos alguns dos israelitas para o seu reino, entre os quais uma menina, que ficou sendo serva da mulher de Naamã, comandante-geral do seu exército, que era um homem muito valente, mas havia ficado leproso (2Rs 5.1,2). Bem-Hadade II, buscando ocasião para provocar Jorão, enviou-lhe Naamã e uma carta ordenando-lhe que curasse o seu general. O rei de Israel ficou muito indignado, mas o profeta Eliseu mandou dizer a Jorão que não se preocupasse com isso e enviasse o general sírio a ele para que soubesse que havia profeta de Deus em Israel (2Rs 5.8). Naamã foi a Eliseu, que ordenou que mergulhasse sete vezes no rio Jordão; ao obedecer, ficou completamente curado da lepra (2Rs 5. 14).

Logo após todos esses acontecimentos, Bem-Hadade II voltou para Damasco. Com o decorrer dos dias, as frequentes hostilidades que havia entre ele e o rei de Israel foram interrompidas pelas ações de Salmanasar II, rei da Assíria, que, entre os anos 850 e 846 a.C., constantemente promovia ataques contra a Síria. Provavelmente no ano 844 a.C., Bem-Hadade II veio a adoecer e, sabendo que o profeta Eliseu estava em Damasco, mandou o seu filho Hazael consultar o profeta a respeito da sua enfermidade, se morreria ou não. A resposta do profeta foi que a enfermidade não era fatal, mas o Senhor estava lhe mostrando que ele morreria naqueles dias (2Rs 8.7-10). Hazael, obtendo a resposta do profeta, voltou para o seu pai e o assassinou; e assim reinou em seu lugar (2Rs 8. 7-15).

Hazael (em hebraico, “a quem Deus vê”)

Esse monarca havia sido ungido rei sobre a Síria a mando de Deus pelo profeta Elias. Juntamente com ele, foram ungidos Jeú como rei de Israel e Eliseu como profeta, no lugar de Elias (1Rs 19.15-17). Hazael e Jeú foram escolhidos para reinar em suas nações e executarem juízos de Deus sobre a casa de Israel (2Rs 6. 32c. 1Rs 18. 4; 21. 19,21-24).

Hazael era filho de Ben-Hadade II rei da Síria, e começou a reinar provavelmente no ano 844 a.C., quando este foi a Elizeu lhe consultar sobre a doença de seu pai. O profeta fitando os olhos nele chorou e disse: “quando tu reinares sobre a Síria, irás causar muitos males a Israel” (2Rs 8. 11-13. As palavras do profeta não o surpreenderam em absoluto. Observamos isso em sua pergunta a Eliseu: “quem é teu servo, este cão, para fazer tão grandes coisas?” (v.13). Ao retornar ao palácio real, assassinou seu pai e reinou em seu lugar (2R 8. 14,15).

Hazael foi contemporâneo de Jorão, Jeú e Jeoacaz, reis de Israel, e de Josafá, Jeorão, Acazias e Joás, reis de Judá. Durante o seu reinado, teve várias divergências com Israel, conseguindo dominar e conquistar espaço sobre a nação israelita e conquistando terras e tributos. No ano 842 a.C., isto é, no segundo ano do seu reinado, foi atacado por Salmanasar, rei da Assíria, que na época era o monarca mais temido entre todas as nações. Foi derrotado e teve de pagar tributos ao rei assírio. Algum tempo depois dessa terrível derrota, Hazael se reorganizou e atacou Israel, fazendo uma grande devastação em suas terras e arrebatando novamente toda a região de Remote-Giliade e Basã (2Rs 10. 32,33). Talvez nessa grande guerra contra Jeú, rei de Israel, tenha cumprido parte da profecia do profeta Eliseu na hora em que ungiu Hazael como rei sobre a Síria, quando disse: “porque sei o mal que hás de fazer aos filhos de Israel; deitarás fogo às suas fortalezas, matarás à espada os seus jovens, esmagarás o ventre de

suas mulheres grávidas” (2Rs 8. 12).

Não muito tempo depois do sangrento ataque à nação israelita, Hazael tentou atacar Jerusalém, capital de Judá, cujo rei era Joás. Este, por sua vez, em meio à dificuldade, não teve alternativa a não ser se desfazer de todas as coisas santas que os reis Josafá, Jeorão e Amasias, seus pais, haviam consagrado para a casa do Senhor, bem como todo o ouro do tesouro real, para pagar o tributo ao rei sírio (2Rs 12. 17,18).

No ano 839 a.C., Salmanasar II, rei da Assíria, atacou novamente Hazael, forçando-o a submeter-se ao domínio assírio e dar continuidade ao pagamento dos tributos ao grande soberano de sua época.

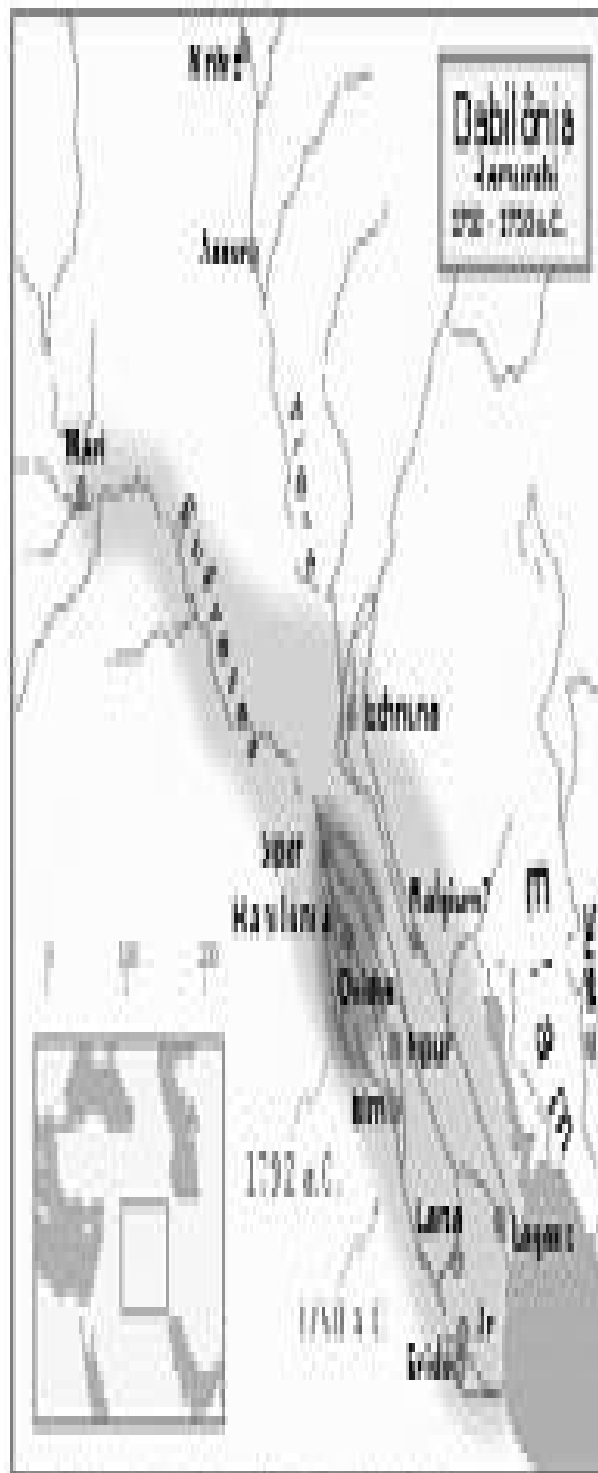
No ano 820 a.C., Hazael, juntamente com Bem-Hadade III, seu filho e general do seu exército, voltou a atacar Israel. Isso se deu no primeiro ano de reinado de Joacaz, oprimindo a nação israelita com toda a crueldade possível. Também invadiu o país dos filisteus, tomando Gate, a capital daquela nação, e fez ali a maior devastação em toda a região do Jordão. Dessa vez, ele poupou Jerusalém por causa dos presentes que Joás, rei de Judá, havia lhe dado, dos tesouros do templo e da casa real de seu país (2Rs 12.17,18). Poucos dias depois, Hazael morreu e Bem-Hadade III, seu filho, reinou em seu lugar. Durante todos os dias de reinado de Hazael, ele foi chamado de “o rei assassino”.

Bem-Hadade III

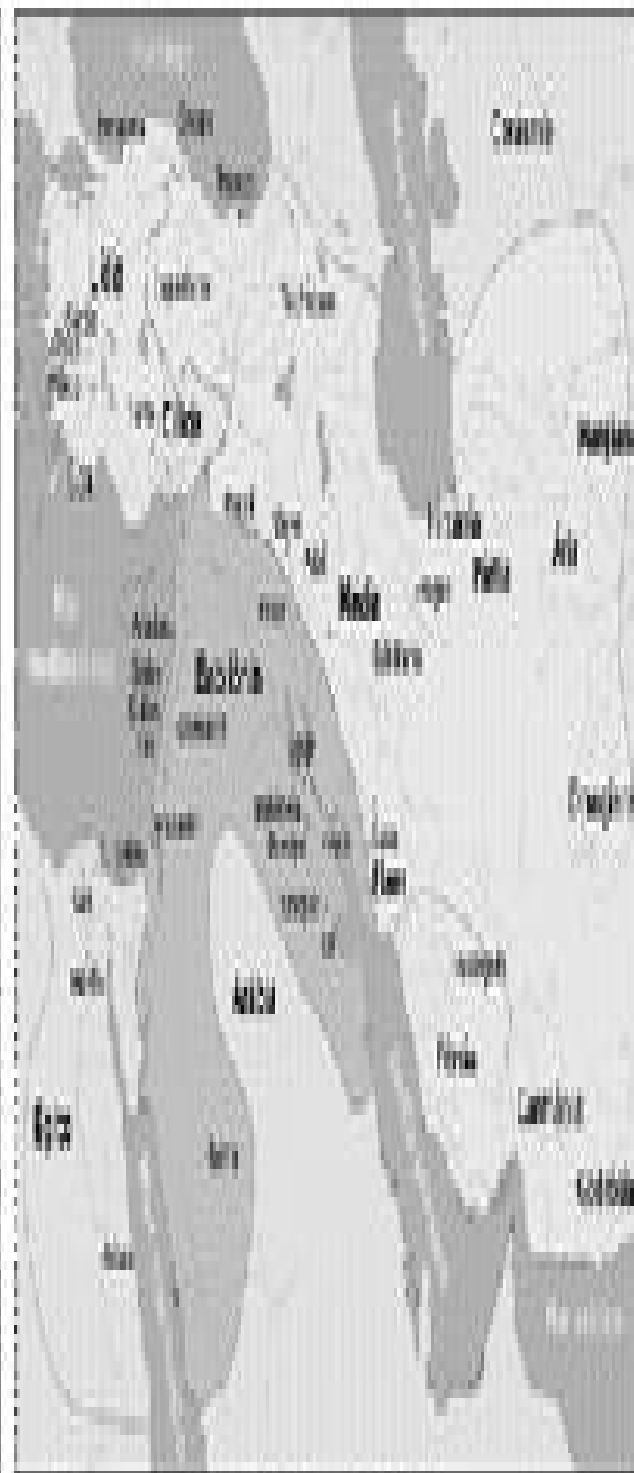
Esse monarca não foi tão poderoso quanto Hazel, mas, no início de seu reinado, deu continuidade às investidas de seu pai nas terras de Israel, causando terror entre as dez tribos e oprimindo-as de maneira tal que o Rei Joacaz ficou atônito em meio a tantos ataques de Bem-Hadade III. O que estava acontecendo não era nada mais do que a mão de Deus usando o rei sírio para castigar o seu povo por causa de suas idolatrias (2Rs 13.3). E Bem-Hadade III continuou com os seus ataques nas terras de Israel, tomando de Joacaz algumas de suas cidades e deixando no seu exército apenas 50 cavaleiros, dez carros e 10 mil soldados a pé (2Rs 13.7). Com isso, o rei de Israel se lembrou do seu Deus e o clamou. O Senhor ouviu o seu clamor e lhe deu um salvador (2Rs 13.3-5). Subentende-se que esse salvador foi o seu próprio filho Jeoás, que, depois da morte de Jeoacaz, conseguiu derrotar Bem-Hadade e seu forte exército por três vezes, recuperando todas as cidades que Hazael e Bem-Hadade III haviam tomado de Jeoacaz, pai de Jeoás, rei de Israel (2Rs 13.25). A partir dessa derrota, Bem-Hadade III nunca mais se fortaleceu e, nos dias de Jeroboão II, filho de Jeoás, rei de Israel, ele ainda tentou inutilmente guerrear contra Israel, mas não foi bem-sucedido. Jeroboão II conseguiu resgatar o restante de suas terras que ainda estavam sob o poder desse malsucedido rei da Síria. Assim, o rei de Israel conseguiu restaurar todos os limites de seu país, desde a entrada de Hamate até o Mar Morto (2Rs 14. 25). Jeroboão II ainda chegou a ocupar temporariamente Damasco, a capital do reino de Bem-Hadade III.

Depois desses acontecimentos, a Síria nunca mais se equilibrou até que Nabopolassar, rei da Babilônia, enviou o seu filho e general Nabucodonosor para derrotá-la totalmente e transformá-la em uma província babilônica.

VII. Os dois impérios babilônicos



Primeiro Império babilônico entre 1792 a 1750 a.C.



Segundo império babilônico entre os anos 625 a 539 a.C.

O Império Babilônico abrangia a princípio toda a região limitada ao sul pelo Golfo Pérsico; a oeste, pelo Deserto da Arábia; e a leste, pela Assíria, ocupando uma área de aproximadamente 650 Km de comprimento por 160 Km de largura. É claro que esses limites setentrionais foram muitas vezes modificados pela ação da Assíria na região, pois esta, de vez em quando, através da força, aumentava os seus limites, entrando nos limites da Babilônia.

A região babilônica teve o seu início com a migração dos descendentes de Cuxe, filho de Cam, filho de Noé (Gn 10. 6-10; 11.2), e a ação de Ninrode, quando este fundou a cidade de Babel em Sinear e fez dela a capital do seu império (v10). Na região babilônica, foram fundadas ainda as cidades de Ur dos Caldeus (Gn 11.28), Babel, Larsa, Ereque, Acade, Cutá, Calné e Nipur. Após o reino de Ninrode, essas cidades se tornaram reinos independentes algumas vezes e lutavam entre si pela supremacia. Todavia, os mais poderosos foram o reino de Ur dos Caldeus, que passou a ser capital da Caldeia, e o reino de Sinear, com sua capital na cidade de Babel, que já era poderoso por ter sido o grande império de Ninrode.

Os reinos da Suméria, Elão, Assíria, Caldéia e Babilônia eram chamados de região mesopotâmica ou simplesmente Mesopotâmia (em hebraico, “erras entre rios”). Segundo os historiadores da Antiguidade, toda essa região era considerada o berço da civilização. E de acordo com Gênesis 11.2, entendemos que tudo começou na região de Sinear, que, no 30º ano de reinado de Anrafel, tornou-se a poderosa Babilônia.

A região da Babilônia só se tornou um império após a conquista de Anrafel sobre toda a região, incluindo também a Caldeia, que foi conquistada no ano 1945 a.C., quando esse monarca mudou o seu nome para Hamurabi. Durante o reinado desse rei, a Babilônia viveu em uma esplêndida glória. Sua importância era magnífica, pois dela saiu o primeiro conjunto de leis para regimento de uma nação com 282 seções escritas em um monólito, atualmente conservado no museu de Louvre, em Paris.

Segundo historiadores da Antiguidade, o território babilônico era muito fértil para a plantação. Em tempos remotos, foram construídas redes de canais para um sistema de irrigação. Isso deixou os seus campos notavelmente férteis de tal maneira que o próprio trigo nascia e crescia sem o auxílio dos lavradores, e assim se fazia a ceifa de duas a três vezes no ano nas terras cultivadas. Faziam-se também grandes colheitas de cereais e tâmaras.

Os babilônios também possuíam grande quantidade de cavalos, camelos, bois, carneiros e cabras. Também havia grande quantidade de aves de todas as espécies na região e grande quantidade de peixes de todas as espécies nos rios. Lamentavelmente, a região hoje não passa de um deserto povoado por hienas, javalis, lince e panteras. Aquelas grandes cidades com os seus grandes palácios reais e os grandes templos de seus deuses não passam de montões de entulhos e morada dos animais do deserto (Is 13.19,22). Hoje é uma terra desértica e infrutífera, tendo apenas algumas tribos de beduínos habitando na região (Is 14.22,23). Além de toda a fertilidade que havia no país, havia ali também em abundância muitas especiarias, marfim, ouro, pedras preciosas, metais, lã e tintas.

Os habitantes da região babilônica eram de origem semítica, divididos em várias tribos (Gn 10. 22). Eram pessoas de baixa estatura, tinham o corpo grosso, nariz grande, lábios cheios e largos e olhos oblíquos; os seus cabelos eram crespos e pretos. Eram orgulhosos e tinham espírito de grandeza, costumavam se vestir bem (Ez 23.15), trabalhavam no cultivo do trigo, da tâmara e dos demais cereais, eram fazendeiros e praticavam a pesca de pérola no Golfo Pérsico. Isso os levou ao apogeu de um orgulho condenado por Deus. Por esse motivo, a Babilônia recebeu uma sentença triste e cruel (Is 13.11; Jr 50.29).

A sociedade da época era dividida em três categorias: o homem livre, senhor ou membro da elite; o escravo, comprado no exterior da Babilônia, com a cabeça rapada, podendo ser liberto ou adotado em determinados períodos ou mesmo se casar com a filha de um homem livre; e o *mushkenum*, espécie de tributário ou

de funcionário subalterno com serviço a realizar para o estado.

A economia do Império Babilônico

A vida econômica do Império Babilônico era intensa e ultrapassava as fronteiras do país. Além da agricultura, que era a riqueza principal dos babilônios, havia uma imensa atividade artesanal, especialmente artigos de luxo, para a fabricação dos quais importavam pedras, madeiras, metais e marfim por vias terrestres ou fluviais. Os comerciantes estavam sempre de acordo com as leis regidas pelo código de Hamurabi e fizeram suas negociações para exportações com a Palestina, Síria, Creta, o Mar Egeu e a Anatólia. Dessa forma, os objetos e joias de ouro, prata e pedras preciosas eram exportados. Toda a economia da Babilônia funcionava com uma base “moderna”: contratos, associações, bancos e ordens de pagamentos com juros.

A cidade da Babilônia

A Babilônia

Babilônia é uma forma grega do hebraico babel, que é sinônimo de “algazarra”, “balbúrdia” e “confusão”. Em siríaco, bab-Ilu quer dizer “porta de Deus”. O verbo hebraico balal quer dizer “confundir”. Portanto, o significado real do nome da cidade é “confusão de línguas”.

A cidade da Babilônia (ou Babel) foi fundada por Ninrode, também chamado de Nino por alguns historiadores. Foi a primeira cidade a ser edificada após o dilúvio descrito pela Bíblia e foi a capital do primeiro império organizado no mundo chamado de império de Sinar, organizado por Ninrode. Era o centro do comércio do mundo antigo e não se sabe ao certo a data de sua fundação, mas a conexão que há entre ela e as cidades de Acade e Calné sugere que tenha sido há mais de 3.500 anos a.C.).

A história da Babilônia é uma longa série de batalhas entre reis e governantes que lutavam para a possuírem. Foi muitas vezes cercada; os seus templos e muralhas foram destruídos; os seus palácios, derrubados; os seus habitantes, cruelmente mortos ou deportados; os seus tesouros, saqueados e feitos despojos. O mais importante de tudo isso, entretanto, é que ela se reerguia do pó após todos esses acontecimentos, muito mais magnífica e bela. Isso aconteceu até os dias de Nabucodonosor, que fez dela uma das maravilhas do mundo antigo, com os seus enormes palácios, os jardins suspensos, as suas praças e jardins, hortas e campos, que existiam em volta da cidade na parte de dentro das suas enormes muralhas.

A cidade da Babilônia dos dias de Nabucodonosor é descrita por Heródoto, historiador do século V a.C., e outros historiadores da Antiguidade que tiveram o

privilégio de conhecê-la pessoalmente. Ainda que suas descrições não sejam idênticas, concordam entre si sobre sua grandeza e magnificência. A cidade foi edificada às margens do Eufrates, isto é, nos dois lados do rio e cercada por duas gigantescas muralhas de defesa. Segundo Heródoto, as muralhas formavam uma circunferência de 90 quilômetros, equivalendo a uma área de 322 quilômetros, e um décimo dessa área era ocupado com jardins, hortas e campos, que embelezavam toda a circunferência em volta da cidade e nas proximidades das muralhas de proteção.

As muralhas da cidade da Babilônia mediam 50 cúbitos reais de espessura, equivalentes a 28 metros, e 200 cúbitos reais de altura, ou 120 metros. A maioria da população morava em casas de dois a quatro andares. Suas muralhas altíssimas e largas possuíam 250 torres à sua volta, além de 100 portões de entrada feitos de cobre, por onde se acessava o interior da cidade. Havia ainda outros muros ao longo das margens do Eufrates junto aos cais e uma ponte levadiça com nove metros de altura, que ligava as duas partes da cidade, isto é, a cidade velha e a nova. O palácio de Nabucodonosor situava-se numa das extremidades dessa ponte, no lado oriental. Existia também um outro palácio, que era a admiração da humanidade. Iniciada sua construção no reinado de Nabopolassar e concluída por Nabucodonosor, este estava situado na parte ocidental e protegia o grande reservatório. Dentro dos muros desse palácio, estavam os célebres jardins suspensos, elevados a uma altura de 23 metros e edificadas em forma de um quadrado com 120 metros em cada lado, levantados sobre arcos.

A cidade da Babilônia era cortada também por vários canais navegáveis e possuía uma população de aproximadamente 120 mil habitantes nos dias do rei Amurábi; nos dias de Nabucodonosor, tinha uma população de aproximadamente 500 mil habitantes. Havia também ali 1.179 templos, cada um dedicado a um deus diferente. Além dos palácios reais, havia também muitos outros palácios, que estão em ruínas nos dias de hoje, sendo pesquisados por arqueólogos, que tentam fazer sua identificação.

Linguagem, cultura e religião dos babilônios

Linguagem

A linguagem dos babilônios era bem parecida com a dos assírios, de origem semítica, assim como o aramaico ou o siríaco. Essa foi a língua caldaica, na qual foram escritas as passagens bíblicas de Daniel 2.4-7; Esdras 4. 8-6.18 e 7.12-16; e Jeremias 10.11.

A escritura babilônica tinha uma maneira particular de escrita, a cuneiforme (ou em forma de cunha), da direita para a esquerda. As letras eram simples sinais, flechas ou cunhas que se repetiam em várias posições para formar as palavras e frases. Os sinais eram feitos em tabuinhas e cilindros de barro macio, que depois eram assados ou secados no fogo. Foram encontradas muitas inscrições gravadas em pedras, as quais eram descrições e consagrações de templos, obras poéticas e até religiosas, mas a maioria delas tratam de relações comerciais.

Os soberanos da Babilônia costumavam escrever os seus escritos em cilindro de barro ou em prismas de argila. Esses escritos eram feitos em tamanho tão minúsculo que dá até para pensar que naqueles dias já existisse microscópio para gravar e ler toda aquela escritura. A maior parte dos cilindros, que tiveram os seus escritos decifrados, eram obras feitas pelo rei Nabucodonosor, que fala das grandes conquistas do seu império: –1. a destruição de Nínive pelo exército de Nabopolassar no ano 607 a.C., comandado pelo próprio Nabucodonosor; –2. a leva dos nobres de Jerusalém para o cativeiro babilônico no ano 605 a.C.; –3. a tomada de Jerusalém, com a destruição dos seus muros e do templo, no ano 587 a.C..

Cultura e religião

A cultura dos babilônios estava associada com a linguagem e a religião. Eles eram politeístas e adoravam a natureza: a Terra, o mar, o relâmpago, o trovão, a chuva, a atmosfera, as estrelas. Suas divindades se manifestavam algumas vezes bondosas, e outras vezes hostis aos homens. Segundo a mitologia mesopotâmica, os deuses babilônicos tinham as mesmas necessidades que os homens, a mesma maneira de viver, as mesmas reações e os mesmos sentimentos. E os governantes da época levavam uma vida uns querendo dominar os outros, mas montada em uma imensa pirâmide de poder. No topo, estava Enlil, conhecido pelos escritores bíblicos como Bel (Jr 50.2; 51.44), o soberano dos deuses. Acima dele estava apenas Anu, seu pai, o fundador da dinastia divina que, segundo os babilônicos, já estava aposentado e não mais opinava em nada, delegando toda autoridade ao seu filho herdeiro. Enlil era o todo-poderoso dos deuses, dono da soberania e autoridade suprema e universal. Abaixo dele estava Enki, que os assírios chamavam de “Ea” e consideravam o deus protetor das águas de cima e debaixo da terra. Segundo os babilônios, Enki era o deus mais inteligente entre os deuses, muito criativo e eficiente, cheio de muito poder e autoridade, porém, subalterno ao supremo deus Enlil. E os demais deuses menores eram subordinados aos maiores e mais poderosos que eles, obedecendo uma hierarquia descendente.

Assim como as mulheres, as deusas babilônicas desempenhavam um papel secundário nos departamentos, em que tinham funções bem detalhadas: a procriação, o amor e seus resultados mais frequentes, a discórdia e a guerra. Uma famosa deusa as patrocinava: a filha do deus Anu, chamada de Inana ou Ishtar (a Bíblia a chamava de Astarote Jz 2.13).

Segundo a teologia babilônica, os deuses, assim como os homens, podiam ter esposas e até filhos. Apaixonavam-se e conviviam sexualmente com os humanos. A exemplo disso, a história diz que a deusa Ishtar, que era a padroeira

do amor físico e muito conhecida por suas libertinagens, apaixonou-se pelo herói Gilgamesh e desejou casar-se com ele, mas ele a rejeitou. Humilhada e enfurecida, ela foi reclamar para o seu pai, Anu, a fim de sentenciar a cidade de Gilgamesh à destruição para se vingar da vergonha que sofrera pela rejeição do seu rei preferido.

No país da Babilônia, cada cidade tinha o seu deus e, por mais inferior que fosse, ali exercia a autoridade delegada pelo deus soberano, Enlil. Os habitantes daquela cidade eram obrigados a prestar adoração a ele sob pena de maldição do deus maior.

Para cada deus, os babilônios edificavam um templo, colocando sua imagem no “santo dos santos”⁵. Esse deus, ali exercia toda a autoridade e soberania. Os babilônios colocavam o nome dos seus filhos de acordo com as ocasiões e cada pessoa recebia o nome em homenagem à divindade daquela comunidade, até mesmo os estrangeiros levados como escravos para trabalhar a serviço do rei (Dn 1.3-7).

Os sacerdotes da Babilônia, além de dirigirem os cultos públicos, inspecionavam a vida dos adoradores. A feitura das leis e o seu regulamento estava nas suas mãos. Quando uma pessoa era acometida de uma doença ou qualquer mal, os sacerdotes atribuíam aquela ação a um demônio, ou a um espírito mau, pois eles criam que os ares estavam cheios deles. Então, clamavam ao seu deus; se este não pudesse livrá-lo daquele mal, eles apelavam para os deuses maiores através dos sacerdotes.

Além dos serviços sacerdotais no templo, os sacerdotes também exerciam a função de adivinhos, que era a função favorita dos babilônicos. Consideravam o agouro uma ciência, e isso os levava a procurar frequentemente os sacerdotes, pois pretendiam ser intérpretes dos presságios (Ez 21.21).

5 Na crença dos povos antigos, inclusive os hebreus o “santo dos santos” era o lugar mais sagrado de todos, onde habitava o Deus dos deuses, o Soberano.

Os soberanos da Babilônia

A Babilônia, desde que foi fundada até o dia de sua destruição total, possuiu muitos reis que lutavam por ela em todas as circunstâncias. Encontramos na história reis que reinaram sobre toda a região babilônica, quando o reino ainda era chamado de Sinear. O primeiro foi Ninrode, que edificou as cidades de Babel (que mais tarde veio a ser chamada pelo nome de Babilônia), Ereque, Acade e Calné e reinou sobre elas, estendendo o seu reinado até a Assíria. Sargom I, um semita nascido na Cidade de Acade, dominou toda a região babilônica, outrora chamada de Sinear. O seu filho Naran-Sin foi muito além da Babilônia, dominando a região que se estende até o Mediterrâneo. Dois mil anos antes de Cristo, um elamita chamado Cudurnanhundi, que reinava em Elão, conquistou a Babilônia, deixando-a tributária e automaticamente anexada ao seu reino, até que finalmente foi reconquistada por Anrafel rei de Sinear.

O primeiro Império Babilônico

Hamurabi (em aramaico, “pai do seu povo”)

Antes era chamado de Anrafel. Foi rei de Sinear desde o ano 1975 a.C. até o dia em que derrubou o Império Elamita, reinando em Sinear por 30 anos. Seu reinado sobre toda a região babilônica se deu a partir do ano 1945 a.C. e se estendeu até o ano 1920 a.C., reinando sobre toda Babilônia por mais um período de 25 anos. No período em que reinava sobre o pequeno reino de Sinear, o então rei Anrafel era um forte aliado de Quedorlaomer, rei de Elão, pois o seu reino pagava tributo ao reino elamita desde os dias do rei Cudurnanhundi. Durante o reinado de Quedorlaomer, o rei Anrafel ajudava o rei elamita em suas gananciosas conquistas e, ao mesmo tempo, buscava oportunidades para a sua independência, pois havia um desejo em seu coração de conquistar toda a região mesopotâmica.

No ano 1945 a.C., Anrafel conseguiu dominar Quedorlaomer, rei de Elão, conquistou toda a região babilônica e se apoderou de Larsa, que dominava a Suméria. Fundou o primeiro Império Babilônico e se assentou no trono. Subentende-se que foi nesse tempo que mudou o seu nome para Hamurabi. Dois anos depois, eliminou o seu maior concorrente nas conquistas, o reino de Mari, que jamais se reergueu de suas ruínas. A unidade da Mesopotâmia em torno da Babilônia tornava-se definitiva.

Hamurabi foi um grande administrador. Durante todo o seu reinado, cuidou muito bem de seus súditos, consertou os velhos canais do Eufrates e fez outros novos para favorecer a fertilidade tanto no norte quanto no sul da Babilônia. Ingressou nas fortificações, embelezou os templos e construiu outros, superintendeu a justiça e codificou as leis do país. Mereceu o nome de pai do seu povo que atribuiu a si mesmo. Hamurabi foi o codificador mais antigo que se conheceu. O seu nome ocupa o primeiro lugar na lista, na qual se encontram os nomes de Moisés, Justiniano e Napoleão. Ele mesmo era o legislador; porém,

além de decretar as leis, também decidia sobre o que regulava a vida social do seu povo. Essas velhas leis da Babilônia se assemelhavam às leis de Moisés, pelas quais se administrava a justiça em Israel (Ex. 20.23–23.33; 24.7).

O código de leis de Hamurabi

No museu de Louvre em Paris, na França, é conservado um monólito notável, apanhado como butim de guerra na Babilônia do século XII a.C. e transportado para Susa, no Irã. Foi milagrosamente descoberto ali 3 mil anos mais tarde, em 1903 da nossa era, tendo sido traduzido pelo cardeal da igreja católica Vicente Scheil. Serve como suporte a um texto artisticamente gravado. O celebre código de Hamurabi conta com 282 leis que abordam todos os aspectos da vida individual e da social: penas decorrentes de roubos, receptação, falso testemunho, regulações referentes a trabalho, comércio, propriedade, casamento, divórcio, herança, adoção, estatuto das mulheres devotadas ao templo, castigos por golpes e ferimentos, agricultura, salários, aluguéis, compras de escravos no exterior e na Babilônia. É uma espécie de direito consecutivo consuetudinário fundado sobre a jurisprudência.

O texto redigido com estilo elegante convida o oprimido a ler “para que ele veja seu caso e seu coração dilatar-se”. Os futuros reis também são convidados a observar os decretos e quem quer que venha a alterar as leis estabelecidas pelo “rei de direito” é ameaçado de castigo.

O código de Hamurabi se baseia na justiça. Mulher e filhos são protegidos do abandono, dos serviçais e da pobreza. Na aplicação das penas, as circunstâncias atenuantes são o reconhecimento. “A mulher que cometia adultério seria punida com a morte, mas o marido podia perdoar a sua mulher, e o rei, a amante, evitando assim que fossem amarrados juntos e jogados no rio” (artigo 129). Se um homem abandona o lar e a mulher penetra na casa de outro porque não tem o que comer, ela não é culpada.

Hamurabi, no final de sua vida, foi fortalecido pela longa experiência e ordenou pelo menos duas redações do código, separadas por um intervalo de cinco anos. No epílogo de sua obra, ele declara: “eu extingui os combates. Concedi a felicidade ao país. Fiz se respeitarem os sedentários em verdes pastagens. Apertei junto a meu peito as pessoas da Suméria e da Acádia. Nunca deixei de governá-los em paz”. Com efeito, o equilíbrio do império babilônico repousava em Hamurabi, mas sobre um só homem, sem a intermediação dos poderes locais. Sua morte em 1920 a.C. foi seguida de muitas revoltas e uma progressiva desintegração política e econômica do império.

A queda do império de Hamurabi e os problemas do reino na gestão dos seus sucessores

A morte de Hamurabi foi um desastre para o império, pois os seus sucessores não souberam conduzir o reino da maneira que ele o conduzira. E assim, após muitas revoltas, os cassitas finalmente conseguiram se estabelecer no país levando muitas complicações aos monarcas da Babilônia que reinaram naquele período.

Desde 1920 até 1200 a.C., vários reis exerceram seus períodos de reinado na Babilônia. Entre eles, estava Nabucodonosor I, que, no seu período, não obteve muito sucesso. Parece-me ter sido da mesma dinastia de Hamurabi. Não temos muitas informações sobre o seu reinado, mas, no seu período, os cassitas já haviam se estabelecido no país e estavam lhe dando muito trabalho.

No decorrer dos tempos, a cada dia que passava o reinado da Babilônia fracassava mais, até que, no ano 1270 a.C., os assírios sob o domínio de Tuculti-Adar subjugaram-na e durante muito tempo a Babilônia ficou sendo uma potência de segunda ordem, ainda que de vez enquanto tenha sacudido o jugo dos assírios.

Nabonassar (747 a 741 a.C.)

Esse corajoso homem sem nenhum temor ao poderio assírio convocou um grande exército entre os babilônios e causou uma grande revolta contra os assírios, conseguindo a independência de sua nação por um período de seis anos, período no qual reinou sobre ela. No ano 741 a.C., Tiglate-Pileser III venceu Nabonassar e reconquistou a nação babilônica, reintegrando-a novamente ao seu império.

Merodaque-Baladã

Esse monarca ocupou o trono da Babilônia duas vezes. A primeira foi de 721 a 709 a.C.; a segunda, de 704 a 703 a.C., em um período de aproximadamente seis meses. O primeiro período começou no primeiro ano do reinado de Sargom sobre a Assíria. Naquela época, Merodaque-Baladã se aliou com os elamitas para combater os assírios e assim conseguiu a vitória, deixando a Babilônia totalmente independente do poderio assírio, e reinou sobre ela. Enquanto ele ocupava o trono da Babilônia, continuava também a espicaçar as outras nações, dos elamitas até o Mediterrâneo, para se juntarem em um grande exército para derrotar o maior inimigo das nações, o rei da Assíria. No ano 710 a.C., conseguiu finalmente formar os pelotões entre os exércitos aliados, sendo ele o comandante. Houve a batalha e Sargom foi vitorioso, vencendo aquela sangrenta batalha, destronizando Merodaque-Baladã, o qual ficou exilado por quase sete anos.

No período em que Merodaque-Baladã retornou para a Babilônia, comandou outra revolta, dessa vez contra Senaqueribe, filho de Sargom, e conseguiu a vitória, voltando a assumir o trono da sua nação de 704 a 703 a.C., quando ficou independente novamente, dessa vez por aproximadamente seis meses. Durante esse período, ele enviou cartas e presentes a Ezequias, rei de Judá, porque soube que este estivera doente (2Rs 20. 12; Is 39.1).

Merodaque-Baladã não durou muito no trono de sua pátria, porque Senaqueribe não perdeu tempo em contra-atacar e, em 703 a.C., conseguiu dominar Merodaque-Baladã e a Babilônia foi reintegrada ao Império Assírio; e só veio a conseguir sua independência no ano 625 a.C. com Nabopolassar, pai de Nabucodonosor.

O segundo Império Babilônico e os seus poderosos reis

Nabopalusur (625 a 605 a.C.)

Os gregos o chamavam de Nabopolassar. Tudo indica ter sido esse monarca um oficial da Babilônia a serviço de Assur-Banipal II, rei da Assíria. Na época, a Babilônia vivia sob o domínio assírio, como uma potência de segunda classe. No ano 652 a.C., o irmão de Assur-Banipal II chefou uma revolta no Império Assírio, causando a perda do Egito e deixando a Babilônia semi-independente. Desde esse tempo, os seus governantes passaram a agir mais como soberanos que como vice-reis. Tinham liberdade para dirigir os próprios negócios do estado, continuando assim até o dia em que Nabopalusur se proclamou independente.

Assur-Banipal II havia colocado Nabopalusur como governador da Babilônia. Este, por sua vez, se fortaleceu grandemente e, no ano 625 a.C., aproveitou o momento da morte de Assur-Banipal II, quando Esar-Hadom II recebia o reino e começou a sua revolta, deixando o novo rei assírio sem condições de detê-lo. Dessa forma, Nabopalusur se proclamou independente, fundando o grande Império Babilônico e deixando o reino da Assíria fracassado.

Nabopalusur começou a reinar com a idade já bem avançada. Por isso, colocou o seu filho Nabucodonosor II como comandante-geral do seu exército e por meio dele conseguiu fundar o segundo Império Babilônico. Depois de sua morte, o próprio Nabucodonosor conseguiu dominar o mundo de sua época. Todas as vitórias de Nabopalusur foram atribuídas a Nabucodonosor por ter sido ele o general da frente das batalhas e considerado o próprio rei da Babilônia antes mesmo de assumir o trono.

Com o declínio do poderio assírio, o Egito, que antes pertencia àquele império,

se fortaleceu e o faraó Neco, que assumiu o trono do Egito no ano 610 a.C., não perdeu tempo. No ano 608 a.C., invadiu o norte da Síria, que ainda era vassala da Assíria naquela época. Ele marchou indo pelo Eufrates (2 Rs 23.29; 2 Cr 35.20). Nínive, capital da Assíria, porém, foi tomada pelos exércitos da Média e da Babilônia no ano 606 a.C., sendo Nabucodonosor II o responsável pela conquista. Depois disso, o faraó Neco não teve mais chance de realizar o seu intento e ainda teve de prestar contas com os novos conquistadores.

Nabopolusur, por sua vez, enviou Nabucodonosor, seu filho, ao encontro dos egípcios, derrotando-os com grande matança na batalha de Carquemis e fez com que Neco retrocedesse para o seu país, subjugando as regiões intermediárias desde o Nilo até o Eufrates (2 Rs 24.7; Jr 37.5,7; 46.2). Foi nesse período que Nabucodonosor II conquistou Judá, fazendo de Jeoaquim seu servo, levando também para a Babilônia grande parte dos utensílios da casa de Deus e muitos homens da linhagem real, e dos nobres de Judá para trabalhar na corte real da Babilônia. Nessa primeira deportação, foram levadas 3.023 pessoas, incluindo os jovens Daniel, Hananias, Misael e Azarias (Dn 1.1-4,6). Naquele período, quando Nabucodonosor II realizava suas mais audaciosas conquistas, ainda estava em marcha contra o Egito quando recebeu a notícia da morte de seu pai, o rei Nabopolusur. Entregou, então, os negócios do ocidente para os seus generais e retornou apressadamente para a Babilônia para tomar posse do trono.

Nabucodonosor II (605 a 562 a.C.)

Em aramaico, o nome Nabukudurri-usu quer dizer “Nebo, defensor dos limites”. Esse príncipe, antes de assumir definitivamente o trono do império, já era considerado por todos o rei da Babilônia, principalmente pelos escritores sagrados que transmitiram informações acerca do seu reinado, os profetas Jeremias, Ezequiel e Daniel. Muitas informações transmitidas por esses profetas foram suplementadas pelas inscrições feitas em tijolos e pelos escritos de Berosos, historiador babilônico que viveu 250 anos depois de Nabucodonosor II.

Em 605 a.C., ano em que Nabucodonosor II começou a reinar, o Império Babilônico já estava totalmente organizado e o poderio da Babilônia era tão forte que já dominava praticamente o mundo de sua época. O reino de Judá foi uma das últimas nações a serem conquistadas por Nabucodonosor II. Aquela foi sua vassala durante três anos, até que o rei Jeoaquim se rebelou contra o império (2Rs 24.1). Então, Nabucodonosor regressou à Palestina, sufocou a revolta e forçou Jeoaquim a pagar novamente o tributo. O rei babilônico deixou que ele continuasse rei de Judá. Subentende-se que esse episódio tenha sido posterior ao narrado por Daniel no capítulo 1, versículos 1 e 2 do seu livro, e tenha se dado provavelmente no final de 604 ou início de 603 a.C. Depois disso, Nabucodonosor II enviou contra Jeoaquim as tropas dos caldeus, dos sírios, dos moabitas e dos filhos de Amom com o intuito de destruí-lo (2Rs 24. 2;). O cronista da história dos reis de Judá escreveu dizendo que o rei Nabucodonosor amarrou Jeoaquim com duas cadeias de bronze para leva-lo à Babilônia (2Cr 36.6). No entanto, o autor de 2 Reis escreveu dizendo que Jeoaquim morreu em Jerusalém (2Rs 24.6).

Em 598 a.C., ano da morte de Jeoaquim, os exércitos de Nabucodonosor marcharam novamente contra Judá e a sitiaram. O novo rei de Judá, que se chamava Joaquim, estava com apenas três meses no trono e não reagiu ao cerco,

mas se rendeu e foi levado cativo para a Babilônia, juntamente com sua mãe, seus servos, toda a sua coorte, todo o seu exército e a elite de Judá; ao todo foram deportadas 3.023 pessoas, contando com as mulheres e as crianças. Nabucodonosor II colocou para reinar em seu lugar o seu tio paterno chamado Matanias, a quem mudou o nome para Zedequias (2 Rs 24.8-17). Esse cerco foi anotado no registro oficial, a crônica da Babilônia, com a data de 15/16 de março de 597 a.C.: “o rei da Acádia reuniu suas tropas, marchou à terra de Hati, acampou contra a cidade de Judá, tomou a cidade e capturou seu rei”.

Zedequias serviu o rei da Babilônia durante nove anos e, no décimo ano, se rebelou. Aliando-se ao rei do Egito, preparou uma insurreição contra os exércitos dos caldeus (2Rs 24. 20b; Jr 37.5). Nabucodonosor II se enfureceu, ajuntou todo o seu exército contra Jerusalém e a sitiou. Durante dois anos a cidade ficou entrincheirada; ninguém podia sair e nem entrar nela. Quando o povo já estava desfalecendo pela fome, o rei Nabucodonosor II autorizou que o seu exército arrombasse os muros da cidade, e assim aconteceu. Zedequias fugiu com o seu exército, mas o exército babilônico o perseguiu e o capturou. Nabucodonosor mandou que matassem seus filhos em sua presença, vazou os seus olhos e o acorrentou com duas cadeias de bronze, levando-o para a Babilônia (2Rs 25.1-7). Nabucodonosor II mandou que Nebuzaradã, chefe de seu exército, tocasse fogo no Templo de Jerusalém, no palácio real e em todos os palácios e edifícios importantes; também derrubaram toda a muralha da cidade e levaram cativa para a Babilônia uma boa parte da população da cidade, deixando ali apenas os mais pobres para trabalharem como vinhateiros e lavradores (2Rs 25.8-12). Segundo o profeta Jeremias, foram deportadas dessa vez 832 pessoas em 587 a.C., ano da queda de Jerusalém (Jr 52.29). Nabucodonosor II nomeou Jedalias, filho de Aicão, governador dos pobres judeus, que foram deixados em Jerusalém (2Rs 25.22). Entretanto, sete meses depois, um homem chamado Ismael, filho de Netanias e neto de Elisama, da linhagem real, ajuntou-se com mais dez homens valentes e o assassinaram juntamente com os judeus que os assessoravam em seu governo e os caldeus que se encontravam com ele em Mispa. Depois, juntando-se todo o povo do menor até o maior, fugiram para o Egito, com medo de uma represália dos caldeus (2Rs 25,26). Enquanto isso, Nabucodonosor II cuidava do cerco de Tiro, onde o seu exército, desde o sétimo ano de itubalo, deixou o rei e sua cidade encurralados por 13 anos, até que a cidade foi derrubada no vigésimo terceiro ano do seu reinado. E tudo isso aconteceu pela vontade do Senhor (Ez 29.18). Nesse período, Nabucodonosor

também guerreou contra a Coele-síria, Moabe e Amom. Deportou mais 745 judeus para o cativeiro babilônico no ano 582 a.C. (Jr 52.30). Depois disso, no ano 572 a.C., foi contra o Egito e castigou-o duramente porque este acolhera a casa de Israel quando se encontrava em desobediência ao Senhor e também tomara parte na guerra contra a Babilônia em favor de Judá (Ez 29. 16,17,19,20). No ano 568 a.C., massacrou o Egito com suas armas poderosas. Nabucodonosor II talvez tenha feito muitas outras campanhas militares durante o seu reinado, vindo a notícia das mesmas se perder.

Além de um grande guerreiro, Nabucodonosor II foi um grande construtor. Costumava, em suas campanhas militares, conduzir os habitantes dos países conquistados para diversas partes do seu império para que estes viessem a ser úteis em suas monstruosas construções. Construiu os grandes muros da Babilônia e edificou para sua residência um magnífico palácio às margens do Eufrates, nas proximidades da porta de Ishtar, com nomes chamativos como “residência esplendorosa”, “habitação de majestade” e “centro das regiões”. Esse palácio possuía cinco grandes pátios cercados por vastas salas de recepção e por aposentos reais. A sala do trono era imponente: 52 metros por 17, com teto alto. A decoração, sóbria, sobre um fundo de tijolos azuis, era de flores estilizadas, porções em marchas ou palmeiras. Também reformou o grande Templo de Merodaque e o Templo de Nebo, em Borsipa, além de muitos outros santuários de diversas divindades pagãs, inclusive o Templo de Marduk (o deus Bel, o supremo deus dos babilônios) e o Esagil, isto é, o “templo da cabeça elevada”, que se estendia por 7.600 metros quadrados e era considerado o “palácio do Céu e da Terra, sede da realeza dos deuses”. Nada era suficientemente belo aos olhos do rei Nabucodonosor II para esse templo. O próprio rei, em seus escritos, descreveu tudo o que levava para embelezar ainda mais o santuário: “prata, ouro e custosas pedras preciosas [...]. Os produtos das montanhas, os tesouros do mar, presentes suntuosos, eu os trouxe para minha cidade da Babilônia diante de Marduk. Sua capela brilha, suas paredes como o sol; com o ouro resplandecente à guisa de gesso; com lápis-lazúli e alabastro, atapetei o interior [...]. Os melhores cedros trazidos do Líbano eu os escolho para o telhado do esagil; as vigas de cedro, eu as revesti com ouro deslumbrante [...]”.

OS JARDINS SUSPENSOS DA BARRAGEM



Nabucodonosor também construiu muitos canais para irrigação em todo o país, edificou o cais e o quebra-mar no Golfo Pérsico e a mais excelente de todas as suas obras: os jardins suspensos.

Na Antiguidade, foram construídas inúmeras obras que ainda hoje são motivo de admiração na humanidade. Sete das mais importantes destas foram escolhidas como as sete maravilhas do mundo antigo; são elas: a estátua de Zeus, na Grécia; as Pirâmides de Gizé e o Farol de Alexandria, no Egito; o Colosso de Rodes, o Mausoléu de Halicarnasso e o Templo de Ártemis, na Ásia Menor; ao lado dessas obras também se encontram os famosos Jardins Suspensos, construídos por Nabucodonosor II na Babilônia.

Dizem que Nabucodonosor se casou com uma princesa persa de nome Amuía, filha de Siaxares, rei da Pérsia. Seu casamento foi resultado da aliança entre este rei e o rei Nabopolusur, pai de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Amuía vivia na Babilônia, desfrutando de toda a riqueza e o esplendor do império de Nabucodonosor. Sentia, contudo, muitas saudades da sua terra natal, das verdejantes colinas e de todas as árvores do seu país. Foi então que o rei Nabucodonosor II resolveu construir essa magnífica obra, os Jardins Suspensos, em homenagem à sua amada rainha. Diodoro Sículo, historiador do século I a.C., nos seus escritos atribui a construção dos jardins suspensos a uma personagem mitológica chamada Semiramis, que fora rainha do reino de Sinear, sendo esta esposa do rei Nino (o mesmo Ninrode mencionado pela Bíblia).

Os Jardins Suspensos eram na verdade uma série de plataformas feitas de pedras montadas sobre arcos, erguidas nas proximidades do palácio de Nabucodonosor II. Era como se fossem montanhas dotadas de um complexo sistema de irrigação, pois havia aquedutos que distribuíam água trazida do Eufrates, de maneira a garantir umidade para as raízes das plantas e vegetais. Todas as plantações tinham como objetivo ornamentar e embelezar os Jardins; os seus deliciosos frutos serviam para a alimentação.

Quinto Curcio, historiador do século I d.C., descreve as árvores dos Jardins afirmando que “seus troncos tinham oito côvados de espessura, medida equivalente a 355,2 mm, e 50 pés, equivalente a 15,20 metros de altura, e produzia a mesma quantidade de frutos que dariam se estivessem plantadas em um terreno natural”. Os Jardins Suspensos eram tão altos que, vendo-os a distância, era possível imaginar que se tratava de uma grande floresta no topo de uma montanha.

O orgulho de Nabucodonosor II e sua queda diante do Senhor

Depois que Nabucodonosor concluiu todas as suas conquistas e construções magníficas, olhava para tudo o que fizera e o seu coração exaltava ao imaginar que tudo aquilo tinha sido feito através do seu grandioso poder. O que ele não sabia é que todo poder, autoridade, sabedoria e majestade que ele possuía viera do Senhor Deus, criador do universo; tudo o que ele fez durante o seu reinado foi com a permissão do Senhor, que o chamou de “meu servo rei Nabucodonosor” (Jr 27.6,7), para que se iniciasse o processo de preparação para o advento da vinda do Messias.

Vendo o Senhor todo o orgulho e exaltação do rei da Babilônia, e sua soberba em não reconhecer a grandeza e magnificência do Todo-Poderoso, deu-lhe um sonho revelando tudo que iria lhe acontecer em um futuro bem próximo (Dn 4.5-18). Ele ficou atônito e chamou os seus sábios para lhe dar a interpretação, mas estes não puderam fazê-lo. Então, o rei mandou chamar Daniel, que, segundo o rei, possuía o espírito dos deuses e que, através do Espírito Santo, deu-lhe a interpretação do sonho conforme a passagem bíblica de Daniel (4.24-26).

O resumo de toda a interpretação do seu sonho foi o decreto do Altíssimo, no qual o rei seria retirado de entre os homens, sua morada seria com os animais do campo, passaria sete tempos, comeria ervas como os bois e seria molhado pelo orvalho do céu (Dn 4.25). Após o sonho com sua interpretação, o rei esqueceu os conselhos de Daniel, que dizia: “põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades, usando a misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranquilidade”. (Dn 4.27). Durante um período de 12 meses, Nabucodonosor II ficou passeando sobre o seu palácio real, olhando para a Babilônia e dizendo: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a minha casa real, com o meu grande poder e para a glória da minha majestade”?

(Dn 4.29,30).

Enquanto o rei da Babilônia se exaltava e engrandecia a sua própria glória, o Todo-Poderoso preparava um meio de fazer com que ele fosse humilhado a ponto de se julgar semelhante a um animal irracional. Isso aconteceu e Nabucodonosor II foi acometido de uma doença que os gregos chamavam de licantropia. Passou a conviver com os bois, comendo feno e sendo molhado pelo orvalho do céu. Cresceram os seus cabelos como as penas da águia (Dn 4. 33) e passaram-se sete tempos para que ele recobrasse os sentidos. Alguns dizem que esses sete tempos equivalem a sete anos; outros acreditam que se tratam das estações do ano, que eram resumidas a inverno e verão, portanto, três anos e meio.

Quando Nabucodonosor II ficou curado daquele mal, foi reempossado novamente ao trono da Babilônia. Dessa vez, com uma diferença: reconhecendo que a sua suserania não era nada diante do Senhor, louvou e exaltou o nome do Todo-Poderoso e Sempiterno Criador dos céus e da Terra (Dn 4.34-37). Morreu com a idade bem avançada, tendo reinado durante um período de 43 anos, no qual construiu muitas obras magníficas, que foram os motivos de sua exaltação. Em seu lugar, reinou o seu filho Evil-Merodaque.

Evil-Merodaque (em babilônico, avilmarduk ou “homem do deus Merodaque”, 562 a 560 a.C.)

Esse monarca era filho de Nabucodonosor II e seu sucessor no trono da Babilônia. Não foi um grande conquistador e nem um grande guerreiro. Tudo o que ele fez foi dar continuidade ao sistema de governo que seu pai implantou. No período em que Nabucodonosor II passou ausente do trono da Babilônia por motivo de sua enfermidade, Evil-Merodaque o substituiu no trono como regente da Babilônia até que seu pai se recuperasse e reassumisse novamente a sua posição de rei soberano (Dn 4.33-37).

Evil-Merodaque era amigo do rei Joaquim de Judá, que viveu por 38 anos em cativeiro e aprisionado na Babilônia. O rei babilônico o retirou da prisão e o exaltou, colocando-o acima dos tronos de todos os reis que estavam na Babilônia. Mudou as vestes que usava no cárcere e comia pão em sua presença todos os dias de sua vida (2Rs 25.27-30; Jr 52.31-34).

No ano 560 a.C., formou-se contra Evil-Merodaque uma conspiração chefiada por um genro de Nabucodonosor II chamado Neringlissar ou Nergalassarur, por meio da qual conseguiram assassiná-lo, acusando-o de transgressor das leis de intemperança. Neringlissar subiu ao trono, ocupando o seu lugar.

Neringlissar ou Nergalassarusur (560 a 556 a.C.)

Esse monarca era cunhado de Evil-Merodaque e fez parte do reinado de Nabucodonosor II como general de guerra. Parece ter sido o mesmo Nergal-Sarezer de Jeremias 39.3,13. Por não apreciar Evil-Merodaque como rei, induziu o povo a se rebelar contra ele e o assassinar para que ele assumisse o seu lugar, tomando posse da coroa real da Babilônia. Assim, reinou durante quatro anos e meio, vindo a falecer em 556 a.C. Seu filho Labashi-Marduk, ainda criança, teve de assumir o trono em seu lugar, embora não por muito tempo; alguns meses depois, levantou-se outra conspiração contra o reino, quando foi assassinado. Os conspiradores investiram em um homem chamado Nabonido e o colocaram como rei no lugar de Labashi-Marduk.

Nabonido ou Nabonaide (556 a 539 a.C.)

Esse monarca provavelmente era filho de Evil-Merodaque com uma sacerdotisa chamada Adda-Guppi e sucessor legítimo do trono da Babilônia. Talvez o motivo principal que o levou a não se interessar em assumir o reino tenha sido a conspiração que ocasionou a morte do seu pai. Com a outra conspiração, na qual os conspiradores mataram Labashi-Marduk, aqueles defenderam que Nabonido ocupasse o seu lugar e o empossaram como rei da Babilônia.

Durante os seus 17 anos de reinado, Nabonido ocupou grande parte do seu tempo em embelezar as principais cidades da Babilônia e em aperfeiçoar a cronologia dos reis babilônicos. Fez da Babilônia a principal morada central de todos os deuses e, com isso, ganhou a antipatia dos sacerdotes para o resto de sua vida. Nabonido não reinava só, pois designou para reinar com ele seu filho Belsazar, o qual, em 555 a.C., no primeiro ano de reinado de seu pai, ocupou uma casa na Babilônia e tomou para seu serviço ao menos dois servos dos que pertenceram ao rei Neringlissar. Durante o tempo em que seu pai permaneceu em Tema, Belsazar esteve com o exército que se achava acampado no distrito de Acade, ao norte da Babilônia, na fronteira sul com a Assíria. Belsazar era conhecido por todos como o filho do rei e não tinha apenas o comando das tropas, mas representava o rei em repartições, em certos deveres religiosos, domésticos e administrativos.

A Bíblia não menciona o nome do rei Nabonido, pois em sua história não houve nada tão interessante para ser canonizado. A única narrativa bíblica do seu reino citada por Daniel foi a do capítulo 5, no qual o profeta atribui o reino a seu filho Belsazar, quando este o representava em uma festa, numa memorável noite, quando dava um grande banquete a mil dos seus grandes (v.1) e mandou trazer todos os utensílios de ouro e de prata que Nabucodonosor havia trazido de Jerusalém, da casa do Senhor. Serviram bebidas neles a seus grandes e às suas

mulheres e concubinas (vv 2,3). Enquanto bebiam e se alegravam, apareceu uma misteriosa mão que escrevia umas palavras estranhas na parede do palácio do rei: “mene, mene, tequel e parsim” (v. 25). Belsazar mandou chamar todos os sábios do seu reino para tentar revelar aquele mistério, mas o único que teve condições de interpretar aquela misteriosa escritura foi o profeta Daniel, porque possuía o Espírito de Deus em sua vida (vv. 26 a 28). Naquele momento, o Senhor sentenciava à morte o segundo rei da Babilônia e passava o reino para os medos e persas. Na mesma noite, Ciro, rei da Pérsia, invadiu a Babilônia pelo leito seco do rio Eufrates, matou Belsazar (v. 30) e tomou a cidade com a maior facilidade. O rei Nabonido, porém, conseguiu fugir com todo o seu exército para a cidade Borsipa. Ciro, todavia, o capturou sem nenhuma resistência e tratou-o benignamente, dando-lhe exílio em Carmânia, onde viveu o resto de sua vida. Dario, o medo, foi empossado rei em seu lugar aos 62 anos de idade (v.31). Assim, chegou o fim do Império Babilônico no ano 539 a.C., dando lugar ao período dos medos e persas.

O livro de Daniel ainda faz menção ao reino de Nabonido, citando o nome Belsazar e não o de Nabonido no capítulo 7.1^a, quando diz: “no primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, teve Daniel na sua cama um sonho e visões da sua cabeça”; e diz no capítulo 8.1 que, “no ano terceiro do reinado do rei Belsazar, apareceu-me uma visão, a mim, Daniel”.

VIII. A Média e a Pércia

A Média E A PÉRCIA

A Média era um país da Ásia situado a leste das montanhas de Zagro, ao sul do mar Cáspio, a oeste da Pérsia e a norte de Elão. Seu comprimento era de 1.111 kms, sua largura era de 422 kms e ocupava uma área de 277.800 kms² quadrados. No período em que o país ao lado, chamado Pérsia, atingia o grau mais elevado de glória de sua história, seus limites se alargaram principalmente no lado nordeste.

Uma grande parte da Média ocupava uma estepe árida, onde havia pouca chuva, porém havia também planícies férteis e muito produtiva; o restante consistia em sete cadeias de montanhas paralelas, do nordeste ao sudeste, com altitude média de 900 a 1.500 metros acima do nível do Mar, formando vales bem regados e de abundante fertilidade. Era dotada de ricas pastagens, onde se criavam famosos cavalos.

Os habitantes da Mídia

Os primitivos habitantes da Mídia eram de origem desconhecida e foram expulsos de suas terras pelos descendentes de Madal, o terceiro filho de Jafé, filho de Noé (Gn 10.2), que passaram a habitar aquela região. Posteriormente, foram chamados de arianos. A história não apresenta detalhes sobre a vida daquele povo; Beroso, historiador do século III a.C., registrou em seus escritos que a Babilônia foi conquistada pela Mídia no ano 2.458 a.C. e fundou ali uma monarquia cuja dinastia durou 224 anos. Não se sabe, porém, em qual documento ele se baseou para tal afirmativa.

A Pebe (pequena enciclopédia bíblica), de Orlando S. Boyer, afirma que, no período entre o século X e o século VII a.C., a Mídia foi ocupada por tribos iranianas. Os medos eram um povo valente, aguerrido, formado por excelentes cavaleiros e hábeis arqueiros.

A religião dos medos

A principal religião dos medos era caracterizada pela crença em dois grandes espíritos: o primeiro chamava-se Orinaz, o espírito do bem; o outro era Ahriman, considerado o espírito do mal. Acreditavam que havia constantes guerras entre eles pela soberania e dominação espiritual da nação, mas o vencedor sempre era Orinaz, o espírito do bem.

A Mídia e a Assíria

No ano 835 a.C., Salmanasar, rei da Assíria, invadiu a Mídia, fazendo-a sua tributária. Alguns anos mais tarde, ela foi novamente invadida, dessa vez por Shamshim-Ramom, filho de Salmanasar, e novamente por Rimom-Hirari III, filho de Shamshim-Ramom. Finalmente, o grande conquistador assírio Tiglate-Pileser III conquistou a Mídia e anexou-a ao seu grande império. No ano 729 a.C., quando Sargom tomou a Samaria, capital de Israel, colocou os israelitas nas cidades da Mídia (2Rs 17.5; 18.11). No ano 710 a.C., Sargom invadiu a Mídia, reconquistando-a mais uma vez e impondo os tributos de seus famosos cavalos. Esar-Hadom I pôs sobre a Mídia seus governadores.

Reis da M3dia

Faortes (655 a 633 a.C.)

No período em que Assurbanipal II reinava sobre a Assíria, a Média finalmente conseguiu se destacar como nação, pois Faortes, que provavelmente na época era governador da Média, se esforçou e criou uma estratégia, lutando até conseguir a independência de sua nação, que veio a ocorrer no ano 655 a.C. A partir daí, Faortes fez uma boa administração, levando a Média a ser uma potência formidável. Faortes morreu no ano 633 a.C. e seu filho Ciaxares reinou em seu lugar.

Ciaxes (633 a 593 a.C.)

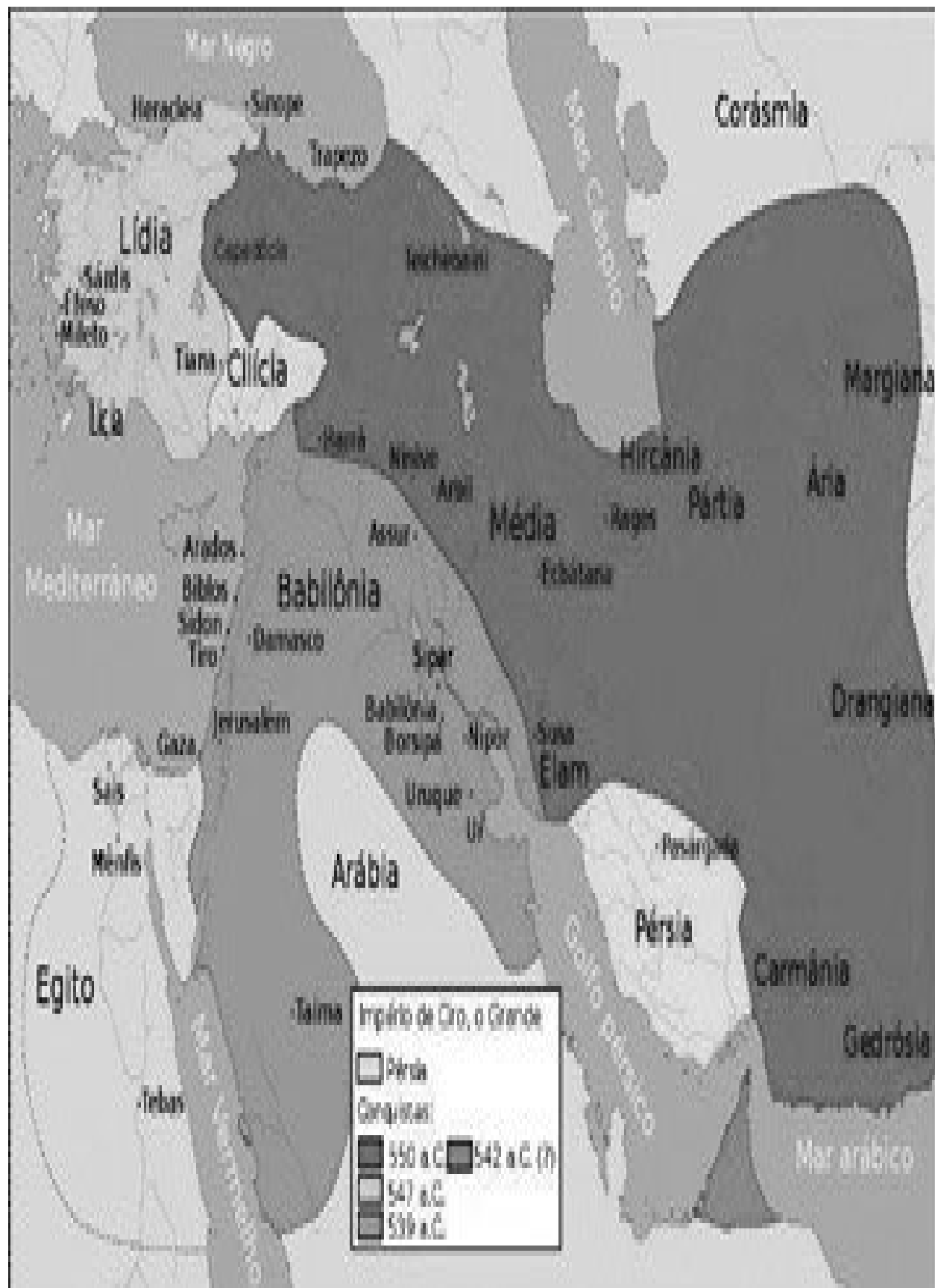
Ciaxes começou a reinar sobre a Média, que já era uma grande potência, seguindo sabiamente os passos de seu pai. Foi um bom administrador e também um grande guerreiro. Naquela época, a Assíria estava perdendo força devido aos grandes problemas enfrentados por Assurbanipal II durante todos os seus dias de reinado. A Babilônia, que estava anexada ao Império Assírio naquela época, ganhou força, ficando semi-independente, graças a uma revolta causada pelo próprio irmão do rei da Assíria. Com a morte de Assurbanipal II, no ano 626 a.C., Ciaxes, rei da Média, fez aliança com Nabopolassar, governador da Babilônia, e juntos se fortaleceram e foram contra a Assíria, cujo rei era Esar-Hadom II, filho de Assurbanipal II. Conseguiram desfazer o grande império dos assírios, Nabopolassar tomou a cidade de Nínive, capital da Assíria, e dividiu o império com Ciaxes.

A aliança entre a Média e a Babilônia ficou mais intensa depois do casamento de Nabucodonosor, filho de Nabopolassar, com Amíites, filha de Ciaxes. Isso foi muito bom para os dois países, que se fortaleceram ainda mais. Ciaxes morreu no ano 593 a.C. e seu filho Astíages reinou em seu lugar.

Astíages (595 a 550 a.C.)

Astíages não teve destaque na história dos reis da Média. Sabe-se apenas que ele manteve o reino por um período de 43 anos. Quando ele já era avançado em idade, os persas, sob o comando de Ciro, se revoltaram contra a Média. Certamente, não estavam satisfeitos com a administração de Astíages. Dessa forma, Ciro se fez rei sobre toda a Média e a Pérsia, dando início ao grande Império Medo-Persa.

A Pérsia



A antiga Pérsia era um país situado a sudeste de Elão e corresponde à região do atual Irã, chamada Fars ou Farsistã, uma modificação do antigo nome Pérsia. Ocupava uma pequena porção de terra limitada ao norte pela grande Média; a sudeste, pelo Golfo Pérsico; a leste, pela Carmênia (atual Kermon); e a nordeste, pela Susiana. Tinha 402,5 kms de comprimento e uma largura média de 322kms, equivalente a 129.605 kms². O norte do país era uma região desértica sujeita a grandes vendavais. Nas terras mais altas e nos vales, havia fertilidade e abundância de plantações de uva, laranja e limão.

A região ocupada pelo Império Persa em sua maior extensão ia desde a Tárzia e o Egito, a oeste, até o Indo, a leste; e desde o Mar Negro, o Cáucaso, o Mar Cáspio, e o Oxo de Jaxarto ao norte até a Arábia, o Golfo Pérsico e o Oceano Índico, ao sul (Et 1.1; 10.1). Toda essa região ocupava uma área territorial de aproximadamente 4.830 kms de comprimento, e a largura variava entre 80,5 e 2.415 kms, com uma superfície de 3.220.000 kms² a metade da superfície do continente europeu. Suas principais cidades eram a Babilônia (que foi conquistada por Ciro em 539 a.C.), Susã e Equibatana, na Média.

Os persas eram um povo nômade que imigraram do sul da Rússia ao Irã por volta do ano 1000 a.C. e se estabeleceram a leste do Golfo Pérsico. Pertenciam à raça ariana, a mesma raça dos habitantes da Média, e não aparecem na lista das nações mencionadas no capítulo 10 de Gênesis, vindo a aparecer como nação apenas alguns séculos depois de Moisés, no início do século VII a.C. Na época em que eles surgiram, logo se aliaram com os elamitas, ainda que por pouco tempo, pois Teispes, chefe da tribo da família dos aquemenides, conquistou Elão e se fez rei no distrito de Anzã.

Os persas, modo de vida e religião

Modo de vida

Os antigos persas tinham os traços fisionômicos bem arianos, eram de cor branca e olhos azuis. Em alguns casos, na mesma família apareciam pessoas morenas com os olhos e cabelos pretos, e de cabeça bela.

Os persas eram famosos pelo cultivo de frutas e legumes, a maior parte das árvores frutíferas pertencentes a um clima temperado e tropical. Tinham a fama de industrializadores dos produtos. Os terrenos da Pérsia também eram favoráveis ao cultivo de arroz, trigo, cevada, milho, ervilha e fava. Eles faziam desses cereais um grande mercado e os comercializavam para a alimentação dos povos. Também cultivavam com grande estima todas as hortaliças. Eram bons jardineiros e apreciadores de flores e rosas que excediam em grandeza, beleza e fragrância da maior parte dos outros países.

Religião

Os persas depositavam suas crenças em um deus supremo, soberano e poderoso, mas também prestavam culto ao sol, à lua e às estrelas. Seus sacerdotes eram os magos, que, quando viviam sob o domínio dos assírios, procuraram alcançar poder entre os reis e os povos. No período em que os persas se tornaram poderosos, os reis passaram a persegui-los, fazendo-os enfraquecidos. Em consequência disso, eles tiveram de mudar suas crenças. Quem adotou essa política contra eles foi o rei Ciro, que conseguiu mudar todo o sistema religioso. Logo depois, veio Zoroastro, cujo sistema foi extraordinário, completando a revolução de Ciro. Ele ensinava que havia um deus supremo e eterno que dominava toda a influência do tempo e do espaço; além disso, ele acreditava haver dois princípios no universo: o bem e o mal; um era Ormazda, o agente do bem; o outro era Arimã, o agente do mal. Segundo Zoroastro, cada um deles tinha poder criativo; por essa razão, acreditava que o bem e o mal estavam em todas as coisas. A luz figurava o espírito bom e a escuridão, o espírito mau. Os discípulos de Zoroastro se voltavam apenas para o fogo sobre o altar e para o sol como sendo a mais nobre de todas as luzes. Zoroastro também afirmava que o seu livro ensinava tudo o que era necessário saber para a orientação dos persas na religião, na política, na literatura, na moralidade e nas ciências naturais. O Senhor usou o profeta Isaías para dizer as seguintes palavras: “eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas as coisas” (Is 45.7). Subentende-se que Deus usava o profeta para falar sobre a religião dos magos da Pérsia, censurando o culto prestado às substâncias inanimadas e chamando-os para Ele, autor de todas essas coisas.

A religião dos persas permitia a poligamia e o incesto. Tratavam os seus mortos de maneira religiosa: quando alguém morria, eles colocavam o defunto em uma alta torre para ser devorado pelas aves do céu.

Os persas seguiam as doutrinas de Zoroastro, mas não a impunham às nações por

eles conquistadas.

O início do Império Medo-Persa

Teispes

A história não esclarece quase nada sobre a Pérsia antes do século VII a.C. Talvez o país de Passur tenha vivido sob domínio de outras nações como Elão, Média, Assíria. Foi somente no início do século VII a.C. que a Pérsia entrou para a história, quando surgiu como aliada de Elão, que, na época, era aliado de Merodaque-Baladã da Babilônia, quando este tentava de todas as maneiras conseguir a independência de sua nação do poderio assírio no início do reinado de Senaqueribe, filho de Sargom. Merodaque-Baladã, juntamente com o rei de Elão e provavelmente com o chefe dos persas, tentou sacudir o Império Assírio, mas foi derrotado. Na época, a tribo dos persas tinha como chefe um homem chamado Teispes, que reinou entre os anos 675 a.C. e 640 a.C. e era membro da família dos Aquemenides. Não muito tempo depois, este, por sua vez, criou uma revolta contra o seu aliado, o rei dos elamitas, e conseguiu domínio sobre ele, estabelecendo-se como rei no distrito de Anzã, reinando ali até o dia de sua morte. Com sua morte, os seus descendentes dividiram o reino em duas partes: um assumiu o trono do pai e o outro fundou o seu reinado na Pérsia. A partir daí, a nação persa começou a se destacar entre as demais e não demorou muito tempo para transformar o poderio babilônico no Império Medo-Persa.

Ciro I

Ciro I foi um dos filhos de Teispes e deu continuidade ao governo do pai, reinando em Ansã, enquanto um de seus irmãos fundou um reinado isolado na Pérsia, dividindo o reino em dois ramos governistas. Não temos muitas informações sobre o reinado desse monarca e nem sabemos quanto tempo durou o seu reinado. Com sua morte, o reino ficou com o seu filho Cambises I.

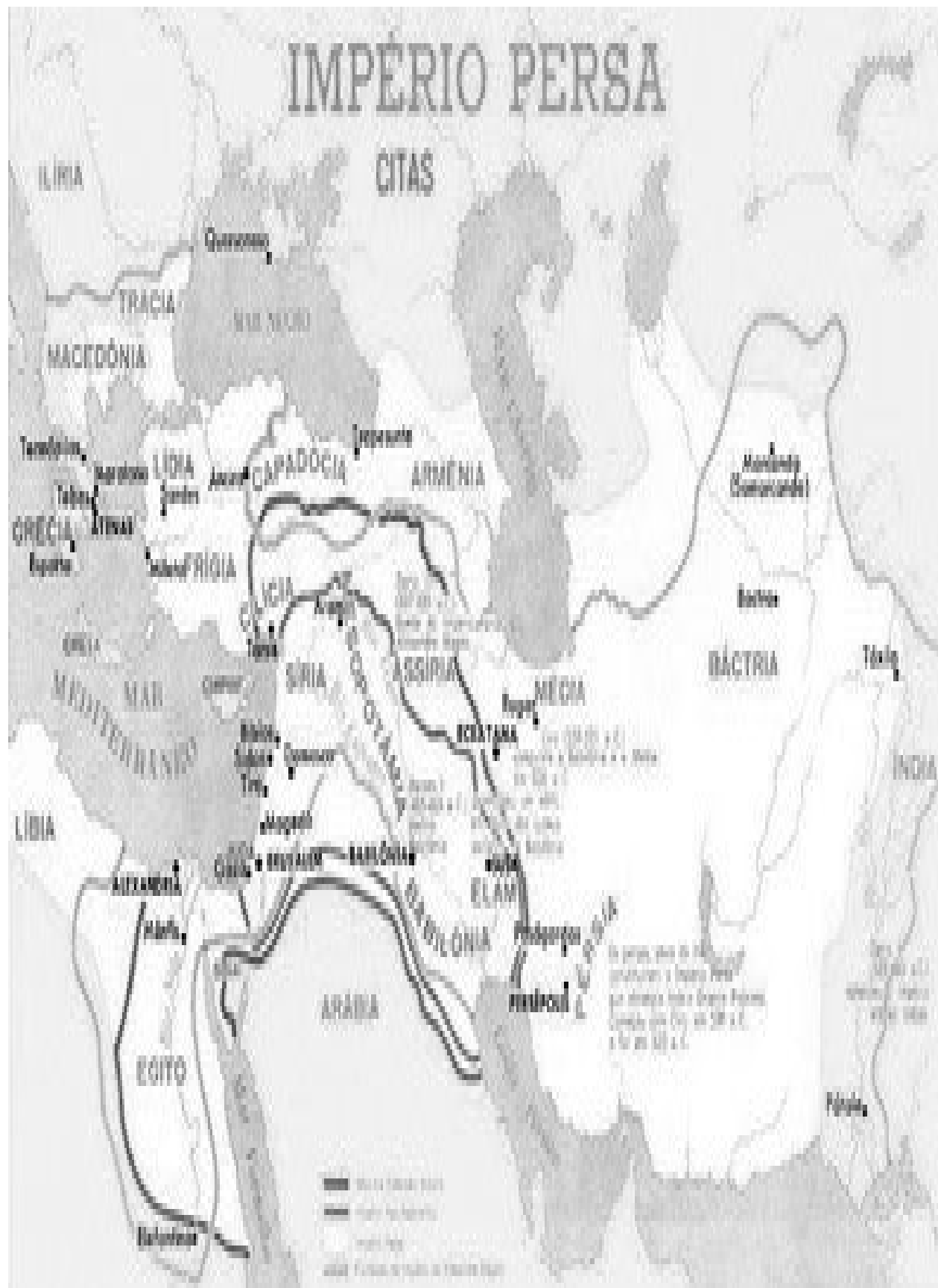
Cambises I

Cambises I foi um imperador da Pérsia pertencente à dinastia aquemênida. Não encontramos na história dos reis da Pérsia informações precisas sobre esse monarca; sabemos apenas que ele reinou entre os anos 580 a.C. e 559 a.C., assumindo o trono de Ansã após a morte de seu pai, e reinou até a sua morte. Seu filho Ciro II reinou em seu lugar.

Os poderosos reis do Império Medo-Persa

Ciro II (539 a 529 a.C.)

IMPERIO PERSA



Esse monarca era bisneto de Teíspes, neto de Ciro I e filho de Cambises. Com a morte de Cambises, assumiu o trono de Anzã, bem antes do ano em que os historiadores estipulam como o início do seu reinado. Como rei de Anzã, conseguiu se destacar mais que todos os seus ancestrais que reinaram antes naquele distrito. Sua primeira grande conquista foi a união entre as duas ramificações reinantes na Pérsia, que se originaram após a morte de Teíspes, seu bisavô, e continuavam até os seus dias. No ano 550 a.C., Ciro II conquistou a Média, que era então governada por Astiages, seu avô por parte de mãe, e anexou-a ao seu reinado, passando a governar sobre as duas nações: a Média e a Pérsia. Os historiadores dataram o ano 538 a.C. como sendo o primeiro ano do reinado de Ciro II, isto é, um ano após a queda do grande Império Babilônico, sendo a maior conquista realizada por ele durante todo o seu reinado. A Bíblia também faz menção ao primeiro ano do rei Ciro e os fatos históricos apontam também para o ano 538 a.C. (Dn 1.21; Ed 1.1). Na verdade, este foi o ano em que ele estabeleceu o grande império dos Medos e Persas sobre todos os reinos da terra (Ed 1.2).

No mês de nisã do ano 547 a.C., Ciro II reuniu o seu grande exército e atravessou o Tigre, levando suas conquistas para o oeste, onde conquistou várias nações, como a Lídia, tomou sua capital Sarde e aprisionou Crésio, seu rei. No ano 539 a.C., décimo ano de Nabonido, no mês de tamuz, Ciro combateu os babilônios e, no dia 14 do mesmo mês, tomou Sípara, fugindo o seu rei. No dia 16 de tamuz, no décimo sétimo ano de Nabonido, Ugbaru, também chamado de Gobrias, governador de Gutium, à frente de um destacamento do exército de Ciro, entrou na Babilônia pelo leito seco do rio. Naquela época, quem ocupava interinamente o trono do Império Babilônico era Belsazar, filho do rei Nabonido. Nos registros dos reis da Babilônia não consta o nome de Belsazar, então regente da Babilônia e segundo do reino (Dn 5.16), substituindo o rei quando este se ausentava. A primeira vez que ele assumiu o reinado foi no terceiro ano do reinado de Nabonido, quando este se licenciou do trono e viveu no deserto da Arábia durante oito anos.

A Babilônia da época era uma grande fortaleza, muito difícil de ser invadida por causa das grandiosas muralhas da cidade. Sabendo disso, antes de invadi-la, Ciro

teve de realizar uma grande obra de engenharia militar, desviando as águas do rio Eufrates para um grande número de pequenos canais. Assim, o leito do rio que dividia a Babilônia secou, dando acesso para Ugbaru Gobrias, governador dos Gútios, entrar facilmente na cidade com o exército de Ciro, exatamente na noite em que Belsazar fazia um grandioso banquete para os grandes daquele império. Na mesma noite, o Senhor decretou a morte de Belsazar por colocar os utensílios de ouro que eram usados na casa do Senhor para uso no seu banquete profano e ele foi morto (Dn 5.1-4). Nabonido, fugiu com todo o seu exército, mas foi capturado. No dia 3 de marchesvã, o próprio Ciro entrou na cidade e Ugbaru Gobrias proclamou a paz em toda a província. Foram nomeados os novos governadores: Dario, filho de Assuero, da nação dos medos, foi empossado rei sobre os caldeus (Dn 9.1) e foram restituídos aos seus altares os seus deuses estrangeiros que haviam sido aprisionados.

Ciro II foi um rei benevolente para os judeus que se encontravam exilados na Babilônia, dando-lhes liberdade para voltarem à sua pátria. Morreu em 529 a.C., sendo substituído no trono por Cambises seu filho.

Cambises II (529 a 522 a.C.)

Cambises II era o filho mais velho de Ciro II e foi o herdeiro do trono do Império Persa por direito. Entretanto, Ciro achou por bem legar parte do seu vasto domínio ao seu filho mais jovem, que se chamava Esmérdis. Cambises II, por sua vez, não aceitou isso. Enciumado, decidiu mandar matar o seu irmão para dominar o império sozinho. Depois da morte de Ciro II, Cambises II não demorou muito a autorizar a realização de seu plano e se ausentou do país para a conquista do Egito, que se realizou no ano 525 a.C. Ao regressar, teve notícia de que o seu plano tinha falhado (o que não era verdade) e que o seu irmão continuava vivo e havia se apoderado do trono do império, reinando em seu lugar com apoio do próprio exército imperial. O monarca se angustiou e, atônito, tirou a espada da bainha e feriu-se de maneira tal que em poucos dias morreu, no ano 522 a.C. Enquanto isso, o falso Esmérdis foi senhor do trono dos medos e persas até que descobriram que ele não era o verdadeiro Esmérdis, mas sim um impostor. O seu verdadeiro nome era Gomata e era um mago muito astuto que tinha se apoderado da ocasião para usurpar o trono imperial, fazendo-se passar pelo nome do falecido Esmérdis. Naqueles dias, levantou-se uma conspiração contra ele e nesta conspiração havia sete líderes, entre os quais Dario Histaspes, filho de Histaspis. Gomata foi morto e os conspiradores colocaram Dario como sucessor de Cambises.

Dario Histaspes (522 a 486 a.C.)

Dario Histaspes era um dos herdeiros mais próximos do trono da Pérsia depois da extinção da descendência de Ciro II. Era filho de Histaspes, que pertencia à família dos Achemênides, já representada no trono por Ciro II e Cambises, mas não estava na linhagem de sucessão. Os eventos culminantes de sua vida foram gravados pelo próprio Dario sobre uma rocha de Behistum, 111 km a sudoeste de Hamadã, redigido em três idiomas: o persa, o babilônico e o hamardia ou elamita. Foi também um dos chefes da conspiração contra o falso Esmérdis, que usurpou o trono do Império Persa, fazendo-se rei no lugar de Cambises II, então verdadeiro rei da Pérsia.

Depois da morte do usurpador, Dario Histaspes assumiu o trono com a idade de 28 anos. Com a ascensão do jovem rei, várias províncias do império se revoltaram. Dario, com muita facilidade, conseguiu reprimi-las e reorganizar o império, que se estendia desde a Índia ao arquipélago grego e ao Danúbio. Conforme as inscrições de Dario, as províncias que se rebelaram foram “a Pérsia, a Susiana, a Margiana, a Satagidia e a Saciana”. Todavia, Dario Histaspes e seus valentes generais subjugaram-nas e empalaram os generais rebeldes.

A Babilônia, no ano 514 a.C., revoltou-se novamente sob o comando de um armênio chamado Arabu ou Aracu. O rei Dario Histaspes conseguiu dominar a revolta e empalou o rebelde. Nessa ocasião, os muros da Babilônia foram derrubados e isso foi um grande passo para o cumprimento da profecia de Jeremias (Jr.50).

No primeiro ano do reinado de Ciro II, o persa, os judeus exilados foram agraciados por ele com a repatriação e ainda com um decreto da parte do rei para a reconstrução do Templo do Senhor em Jerusalém (Ed. 1.1). Desde essa época,

os samaritanos tentaram desanimar os judeus para que não continuassem com a edificação do templo e essa perseguição se deu desde os dias de Ciro II até o reinado de Dario Histaspes (Ed 4.4,5). Os adversários dos judeus escreveram cartas para Dario Histaspes denunciando a construção do templo e fazendo uma grande calúnia daquele povo ao monarca persa para que este viesse a proibir aquela construção tão valiosa para aquele povo (Ed 5.6-17). O rei mandou pesquisar nos arquivos reais da Babilônia, onde se guardavam os documentos, na cidade de Acmetá, na província da Média, e encontraram o decreto do rei Ciro que autorizava tanto a volta dos judeus exilados quanto a construção do templo de Jerusalém e a devolução de todos os utensílios que Nabucodonosor havia levado da casa do Senhor para Babilônia (Ed 6. 1-5).

Quando o rei Dario Histaspes leu o decreto de Ciro, lançou um outro decreto que autorizava a continuação da reconstrução daquele templo e todos os rituais judaicos envolvendo os sacrifícios de animais sem defeito ao Senhor Deus de Israel, acrescentando que o que modificasse o seu decreto seria condenado à morte (Ed 6. 6-12). Dessa forma, os judeus concluíram a reconstrução do Templo do Senhor no ano 515 a.C. com a graça do Senhor e o apoio do rei persa.

A administração de Dario Histaspes foi muito bem-sucedida, porque ele administrava com prudência e sabedoria. Foi um rei de grandes conquistas e dominou o Império Medo-Persa durante um período de 36 anos. Após uma infeliz campanha, quando se dirigia contra os citas, perto do rio Dom, na Rússia atual, e uma luta contra a Grécia em que os seus generais Dátis e Artafenes foram derrotados em Maratona, o rei Dario Histaspes foi morto no ano 486 a.C. e seu filho Xerxes I reinou em seu lugar.

Xerxes I (486 a 465 a.C.)

Xerxes I, como era chamado pelos gregos, era o mesmo Assueiro mencionado no livro de Ester como o seu esposo. Assueiro era um nome persa derivado de Khshava, que quer dizer “rei”. A Bíblia menciona-o como um homem sensual, tirano, pérfido e cruel. Heródoto, quando escreveu sobre os persas, confirmou isso a seu respeito.

Xerxes I era filho de Dario Histaspes e seu sucessor no trono do Império Medo-Persa. Reinou por um período de 21 anos e, no início do seu reino, tinha como esposa a rainha Vasti, a qual se recusou em atender ao chamado do rei para participar de um banquete que oferecia aos seus príncipes e seus servos, no qual se apresentava o escol da Pérsia e da Média (Et 1.1-12). Como ela não atendeu ao seu chamado e ele não admitia que suas ordens fossem questionadas, indignou-se contra ela e a tratou com tirania, destituindo-a de seu posto, dando-lhe carta de divórcio e fazendo conhecido de todo o império que Vasti não mais era rainha dos medos e persas (Et 1. 12-22).

Os dias se passaram e o rei se arrependeu do que tinha feito à sua rainha (Et 2.1). Então, os jovens do rei aconselharam-no a mandar trazer jovens formosas de todas as províncias do império para que o rei escolhesse aquela que agradasse o seu coração para ser sua rainha e reinar no lugar de Vasti (Et 2.2-4). No sétimo ano do seu reinado, Assueiro, como era chamado pelos hebreus, se encantou por uma belíssima judia chamada Ester, prima e filha de criação de um judeu de nome Mordecai (Et 2. 15-18).

Naquela época, o rei persa decidiu exaltar e engrandecer um homem de sua corte chamado Hamã, filho Hamedata agagita, descendente dos amalequitas e inimigo de Israel. O rei Assueiro o colocou no trono acima de todos os príncipes dos

medos e persas e todos os servos do rei se inclinavam diante dele na entrada do palácio real (Et 3.1,2). Porém, o judeu Mordecai não lhe dava essa honra e não se inclinava diante dele. Foi nesse período que os judeus sofreram uma das maiores perseguições de suas vidas, chegando à beira de uma aniquilação total, porque Hamã decidiu se vingar do judeu Mordecai e de toda a nação judaica. Ele pediu permissão ao monarca persa para destruir totalmente todos os judeus existentes no império, começando pelo judeu Mordecai, enforcando-o em frente à sua casa (Et 5.8-11).

Mordecai, contudo, sabendo do intento maligno de Hamã, mandou avisar a rainha Ester, sua sobrinha, sobre toda a estratégia daquele mau homem contra o seu povo. A rainha então convocou todos os judeus por meio de Mordecai para jejuarem por ela. Já havia 30 dias que ela não se comunicava com o rei e, pela lei dos medos e persas, qualquer pessoa que entrasse no pátio interior sem que fosse chamada para falar com o rei seria sentenciada à morte, mesmo que fosse a própria rainha, salvo se o rei estendesse para ela o seu cetro de ouro para que essa pessoa fosse salva (Et 4.11,16,17). Mordecai, o povo judeu, a rainha Ester e as suas servas jejuaram e oraram ao Senhor, pedindo misericórdia em um período de três dias (Et 4.15-17). O Senhor deu graças à rainha e ela reconquistou a confiança do rei, livrando também o seu povo da morte (Et 7.1-7; 8.2-9.15). O mau Hamã foi enforcado na própria forca preparada por ele para o judeu Mordecai (Et 7.8-10). O rei Assueiro deu a casa de Hamã para o judeu Mordecai, colocou o seu anel no dedo dele e o colocou ao seu lado no lugar de Hamã (Et 8.1,2).

No segundo ano de seu reinado, Xerxes I conseguiu vencer os egípcios, subjugando-os novamente. Estes, no reinado de Dario Histaspes, haviam formulado uma conspiração contra o império dos medos e persas, ficando independentes até os dias em que foram derrotados por Xerxes I.

Depois disso, Xerxes I mandou preparar todo o seu exército com treinamento militar durante um período de quatro anos. Em seguida, levantou-se com o seu grande e bem preparado exército para invadir a Grécia. No entanto, no ano 480

a.C., retrocedeu a partir da Grécia depois da batalha de Salamina, onde sua grande esquadra foi exterminada por um pequeno exército dos gregos.

Naquela época, Mardônio, general do exército de Xerxes I, não estava com ele, tendo ficado em Plateia com outro exército numeroso, o qual também foi derrotado no ano 479 a.C., sofrendo grande mortandade. Fracassou, assim, a tão grande invasão.

No ano 465 a.C., quando Xerxes I estava completava 21 anos de reinado no Império Persa, dois dos seus cortesãos conspiraram contra ele e o assassinaram. O seu terceiro filho, chamado Artaxerxes I, o sucedeu no trono.

Artaxerxes I (465 a425 a.C.)

Soberano da Pérsia e sucessor de Xerxes I no trono, esse monarca era conhecido no seu reino como “o grande rei” por causa das suas grandes conquistas. Artaxerxes é um nome persa que significa “aquele que possui um reino exaltado”; era também chamado de Logimano devido ter a mão direita maior que a esquerda. Alguns estudiosos, baseando-se no relato de Esdras, chagam a identificar esse nome com o falso Esmérdis, que usurpou o trono da Pérsia nos dias de Cambises, quando este se ausentou do país para conquistar o Egito. Flávio Josefo, no seu livro “História dos Hebreus”, descreveu Artaxerxes I como sendo o rei Assueiro, marido de Ester. Mas isso não são fatos comprovados, pois a cronologia dos reis dos medos e persas data do reinado de Assueiro, entre os anos 486 e 465 a.C. Assueiro foi, portanto, Xerxes I e Artaxerxes Longimano, seu filho e sucessor no trono, já que começou a reinar a partir do ano 465 a.C.

No sétimo ano de seu reinado, isto é, no ano 458 a.C., Artaxerxes I deu permissão para que o sacerdote Esdras conduzisse para Jerusalém uma grande quantidade de cativos (Ed 7.1-7,11,12; 8.1-14). No vigésimo ano (445 a.C.), permitiu também que Neemias fizesse sua primeira viagem a Jerusalém, sua pátria, para restaurar os seus muros e suas portas, que continuavam em ruínas (Ne 2.1-8). Já no trigésimo terceiro ano de seu reinado, isto é, no ano 432 a.C., novamente o rei persa enviou Neemias, que havia regressado para Pérsia, para Jerusalém como governador da Judeia (Ne 13.6). O rei Artaxerxes morreu no ano 425 a.C. e seu filho Xerxes II reinou em seu lugar.

Xerxes II (425 a 424 a.C.)

Esse monarca teve um período de reinado muito curto, pouco mais de um ano, e não teve muito sucesso no seu reino. Apenas manteve a estabilidade do império, não o deixando desmoronar. Os demais reis sucessores no trono imperial persa não foram tão fortes e poderosos quanto os seus antecessores. Entretanto, foram corajosos o bastante e não se intimidaram com as investidas dos seus inimigos, mantendo o domínio do império até o ano 331 a.C.

Os sucessores de Xerxes II até a queda do império foram Sogdiano (424 a.C.); Dario Nortus, o Dario II (424 a 404 a.C.); Artaxerxes Minémom (“de boa memória”), o Artaxerxes II (404 a 358 a.C.); Artaxerxes Oco, o Artaxerxes III (358 a 338 a.C.); Arses (338 a 336 a.C.); e, finalmente, Dario Codomano.

Dario Codomano, o Dario III (336 a 331 a.C.)

Esse monarca foi o último do Império Medo-Persa, um rei totalmente fracassado e desafortunado. Diante das adversidades, não soube se manter firme como os seus demais antecessores, não tendo forças suficientes para vencer o seu principal adversário, o rei Alexandre Magno da Macedônia. Este foi um monarca muito ambicioso e, com a derrubada do Império Medo-Persa, veio a se tornar o invencível conquistador daquela época.

No ano 333 a.C., Dario Codomano tentou impedir as investidas de Alexandre Magno, que estava vindo contra o seu império na cidade de Issus. Naquela época, o rei macedônico desbaratou o grande exército persa com grande matança e o rei Dario Codomano fugiu para a Pérsia em busca de refúgio. No ano 331 a.C., Dario novamente se reorganizou e preparou o seu grande exército, marchando para Arbela para combater o seu grande inimigo. Ali, contudo, foi novamente derrotado por Alexandre Magno, sendo desfeito definitivamente o seu grande império, o Império Medo-Persa. A partir daí, Dario Codomano passou a viver fugitivo e perseguido incansavelmente por Alexandre Magno, que, furioso, o procurava. Dario, não resistindo à perseguição, morreu nas mãos de seus servos meses depois.

Dessa forma, no ano 331 a.C., terminou o período imperial dos medos e persas, que durou aproximadamente 220 anos de glória, encerrando totalmente com a derrota de Dario Codomano para Alexandre Magno, o qual, a partir daquela época, deu início ao seu esplendoroso império e ficou conhecido pela história como Alexandre, o Grande.

IX. A Grécia

Grécia (derivado de Graicoi) é o nome de uma tribo do Epiro e dos gregos em geral. O nome veio a cair em desuso durante algum tempo, sendo substituído pela designação helenista, e voltando a reviver graças a Sófocles.

A Grécia do século V continuava sendo um país pequeno, como ainda o é, situado a sudoeste da Europa, limitado ao norte pelas montanhas de Olimpo; ao sul, pelo Mediterrâneo; a leste, pelo Mar Egeu, também conhecido como Arquipélago⁶; e a oeste, pelo Mar Jônio, que atualmente faz parte do Mediterrâneo, e pelo Mar Adriático ou Golfo de Veneza. O escritor sagrado, ao descrever a genealogia dos filhos de Noé, em Gênesis, no capítulo 10, faz menção à designação geográfica do território grego (vv.4,5). O povo aparece como descendente de Jafé por Javã, isto é, Iônia e Dodanim. No tempo em que o Mediterrâneo era a estrada real do mundo civilizado, a posição geográfica da Grécia lhe era muito vantajosa para a comercialização e para o seu desenvolvimento.

A história da Grécia no seu começo está totalmente misturada com a mitologia, tornando-se difícil separar a historiografia do mito. A história só vem a ser registrada a partir do ano 776 a.C., com os primeiros monumentos escritos, quando foi realizada a primeira olimpíada. Só a partir de então a Grécia se destacou com suas atrações esportivas e culturais.

[6 O mar Egeu era tradicionalmente conhecido como o Arquipélago devido a sua importância para os gregos. O termo também se aplicava ao conjunto das ilhas do Egeu e, posteriormente, veio a designar qualquer conjunto de ilhas.](#)

A população da Grécia

A população da Grécia descendia de quatro tribos: os eólios, que formaram a civilização minoica (também referida como minoana ou mília), os aqueus (ou micênicos), os dóricos e os iônios. Essas tribos pretendiam proceder de uma fonte comum, o seu antecessor Heleno. Nos tempos heroicos dos gregos, as tribos que mais se destacaram foram os eólios e os aqueus. Já as outras duas tribos só vieram a se destacar no período histórico, quando a Grécia se tornou uma potência mundial com o Império Grego-macedônico. Os atenienses e os espartanos descendiam respectivamente das tribos dos dóricos e dos iônios.

Fatos históricos que marcaram o início do poderio grego

A Grécia era subdividida em estados e cada um desses possuía o seu próprio governante; teoricamente, eram independentes entre si, porém unidos pela linguagem, literatura, jogos e pelo desenvolvimento nacional, político e cultural. Essa união trouxe a princípio muitos benefícios para aquela nação. Entre os anos 776 e 500 a.C., as alianças políticas eram frequentes. No período, foram lançados os fundamentos da arquitetura, da arte, da literatura e da filosofia grega. A partir do ano 500 a.C., a Grécia aparece na tela da história enfrentando o grande poderio de Dario I, rei da Pérsia, a nação mais poderosa do mundo à época. No ano 546 a.C., Ciro II havia conquistado Sardis, a capital da Lídia, e, a partir daí, as cidades gregas da Ásia ficaram subordinadas ao império dos medos e persas, pagando tributos. Em 510 a.C., Dario I, filho de Cambises, rei da Pérsia, atravessou o Helesponto e subjugou a Macedônia. No ano 500 a.C., as cidades gregas da Ásia formaram uma coalizão e decidiram enfrentar os seus conquistadores. A guerra durou cinco anos e foi concluída com êxito sobre os exércitos da Pérsia. No ano 490 a.C., foi a vez dos gregos da Europa irem à luta na grande batalha de Maratona, onde conseguiram desbaratar os persas, derrotando Dátis e Artafenes, dois grandes e poderosos generais dos exércitos persas. E as conquistas contra o Império Persa não ficou por aí: em 480 a.C., quando o Império Medo-Persa já estava sob o domínio do rei Xerxes I, os gregos derrotaram mais uma vez os persas na batalha de Salamina e conseguiram derrotá-los novamente no ano 479 a.C. em Plateia e Micala.

Todas as vitórias dos gregos contra os persas naquele período só lhes trouxeram fortaleza, pois a nação grega ficou sob a suserania de um só estado e todos os outros eram subordinados. O estado que assumiu a supremacia sobre todo o país foi a Ática, tendo como capital a cidade de Atenas, mais precisamente, que aparece na história como soberana. Formou-se, assim, um pequeno império. E a Grécia continuou no poder por um período de 70 anos.

No ano 431 a.C., surgiu uma grande contenda entre Corinto e suas colônias, agravando-se tanto que causou uma grande revolta entre os outros estados. Isso veio a se transformar em uma guerra, chamada de guerra do Peloponeso, generalizando-se de tal modo que envolveu forças terrestres e marítimas no combate entre Esparta e Atenas, resultando na queda do poder ateniense no ano 404 a.C. A partir de então, quem assumiu a supremacia do país foi Esparta, que durou até o ano 338 a.C., quando toda a Grécia se submeteu ao poder de Filipe da Macedônia, sendo incorporada ao seu império.

História da Grécia Antiga

A história da Grécia Antiga está subdividida em períodos, desde a pré-história (2600 a.C.) até o final do período helenístico, ou seja, o início do domínio romano no ano 168 a.C. São aproximadamente cinco períodos:

1º Período: a civilização do Egeu – Grécia pré-histórica (2600 a 1450 a.C.);

2º Período: micênico – idade do bronze (1600 a 1200 a.C.);

3º Período: idade das trevas (1200 q 800 a.C.);

4º Período: arcaico (776 a.C. a 323 a.C.);

5º Período: helenístico (323 a 140 a.C.).

10 Período: a civilização do Egeu – Grécia pré-histórica (2600 a 1450 a.C.)

A história menciona a civilização minoica como a primeira a aparecer na Grécia. Essa cultura tomou posição aproximadamente entre os anos 2600 e 1450 a.C. A civilização minoica era formada pela tribo dos eólios, um povo pré-indo-europeu. Sua língua era conhecida como eteocretense e não tinha semelhança alguma com o idioma grego. A escrita denominada “linear A” encontrada na ilha não foi decifrada até hoje. Pouco se sabe a respeito dos eólios, termo moderno provindo de Minos, lendário rei de Creta.

A principal atividade dos minoicos era o comércio marítimo. Eram de cultura talassocrática. As características da vida religiosa deles incluíam principalmente o uso de símbolos como touro, cobras e pombos, a princípio não usavam templos e costumavam prestar cultos à divindades femininas que eram proeminentes entre eles.

Não se sabe ao certo sobre a queda dos eólios. Eles foram surpreendidos por invasores micênicos, um povo da Grécia continental, e perderam o domínio da terra.

20 Período: micênico – idade do bronze (1600 a 1200 a.C.)

O período micênico também é conhecido como a “Grécia da idade do bronze”. O nome é dado para a civilização micênica, formada pelos aqueus, povo seminômade indo-europeu que migrou para a Grécia mais ou menos no ano 1600 a.C. e se estabeleceu lá até que, no ano 1450 a.C., conseguiu dominar os eólios, expulsando-os totalmente daquela nação. O termo deriva de Micenas, nome de um dos mais importantes centros regionais micênicos. Os micênicos ou aqueus iniciaram a incursão ao território grego conquistando-o aos pelágios.

A civilização micênica era dominada por uma aristocracia guerreira que estabeleceu o seu domínio lutando ardentemente para conquistar os seus objetivos. Por volta do ano 1450 a.C., dominou totalmente a ilha de Creta, o centro da civilização minoica (civilização do Egeu), e adotou uma forma de escrita minoica para que pudesse registrar sua primitiva variante ao novo sistema de grafia (símbolos minoicos representando a nova língua grega, o dialeto jônico). Com esse dialeto, escreveram-se os mais antigos documentos gregos, utilizando-se um silabário conhecido por “escrita linear B”.

30 Período: idade das trevas (1200 a 800 a.C.)

A idade das trevas começou a partir da suposta invasão dórica, encerrando o período micênico. Os dóricos foram os responsáveis pelas primeiras cidades-estados da Grécia no século XI a.C.. Naquele período, surgiram também as primeiras instâncias da escrita alfabética grega, por volta do século VIII a.C.

A vitória dórica sobre os micênicos pode ter sido atribuída aos tipos de armas que eles possuíam, pois se diz que usavam armas de ferro com grande poder destruidor e superior às armas do já fracos micênicos, que foram dominados com facilidade. No mesmo período, houve colapso de grandes impérios no Oriente Próximo, como o hitita e o egípcio. O motivo pode ser atribuído a uma invasão da população talassocrática, usando os mesmos tipos de armas de ferro que os dóricos usavam. O período que se seguiu a esses acontecimentos é chamado de idade das trevas na Grécia ou idade das trevas grega.

A arqueologia mostra que a civilização do mundo grego sofreu um colapso nesse período. Os grandes palácios e cidades dos micênicos foram destruídos ou abandonados. A língua grega deixou de ser escrita; a arte cerâmica da Grécia durante a idade das trevas mostra desenhos geométricos simplistas, desprovidos da rica decoração figurativa dos produtos micênicos. Os gregos do período da idade das trevas viviam em habitações menores e mais esparsas, o que sugere a fome, escassez de alimentos e uma queda populacional.

Os reis desse período mantiveram sua forma de governo até que foram substituídos por uma aristocracia. Mais tarde, em algumas áreas, essa aristocracia foi substituída por um setor aristocrático dentro de si próprio, “a elite da elite”. As técnicas militares de guerra tiveram seu foco mudado da

cavalaria para a infantaria e, devido ao barato custo de produção e de sua disponibilização local, o ferro substituiu o bronze como metal, sendo usado na manufatura de ferramentas e armas. Lentamente, a igualdade cresceu entre os diferentes estratos sociais, resultando na usurpação de vários reis e na ascensão da família

As famílias começaram a reconstruir seu passado na tentativa de traçar suas linhagens a heróis da Guerra de Tróia e além, principalmente a Hércules. Enquanto a maior parte daquelas histórias eram apenas lendas, algumas foram separadas por poetas da escola de Hesíodo. Alguns desses “contadores de histórias”, como eram chamados, incluíam Hecateu de Mileto e Acusilau de Argos, mas a maioria desses poemas foi perdida.

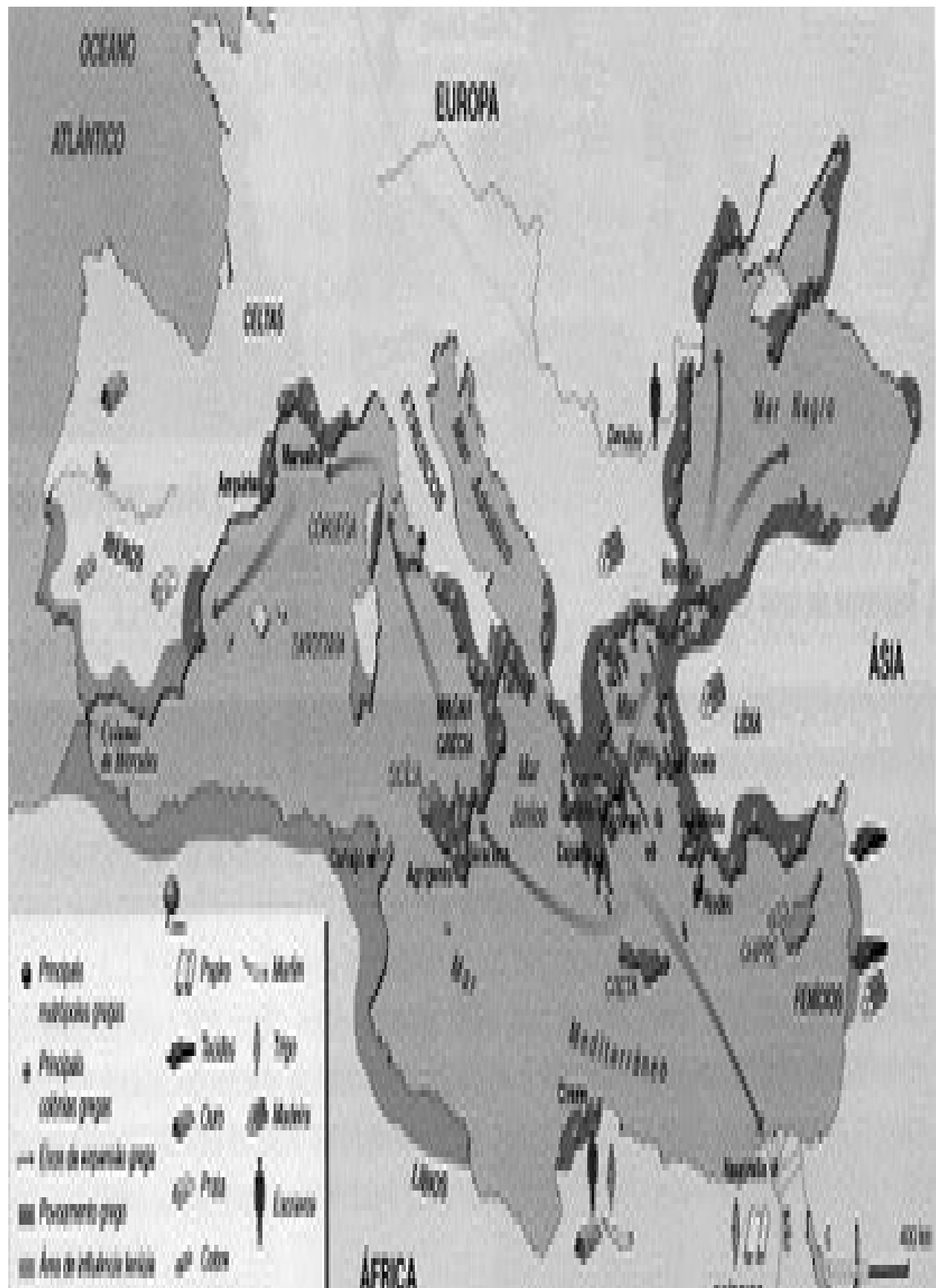
Acredita-se que os poemas épicos de Homero contenham um certo montante de tradição preservada oralmente durante o período da idade das trevas. A validade histórica dos escritos de Homero tem sido disputada vigorosamente. Ao fim desse período de estagnação (uma das principais características da idade das trevas), a civilização grega foi tomada por um período de renascença, que se espalhou pelo mundo grego, chegando até o mar Negro e a península Ibérica. A escrita foi reintroduzida pelos fenícios, retomada e modificada pelos gregos e, depois, pelos romanos e pelos gauleses.

40 Período: arcaico (776 a.C. a 323 a.C.)

Período arcaico é o nome que se dá ao período da Grécia Antiga em que ocorreu o desenvolvimento cultural, político e social, situado entre os anos 700 a.C. e 500 a.C. Deram-se os primeiros avanços significativos para a ascensão da democracia. Observa-se também uma revitalização da linguagem escrita. Essa época deve seu nome à arqueologia, que nela situa as primeiras manifestações da arte grega.

Em termos artísticos, o período caracteriza-se pela edificação dos primeiros templos inspirados nas habitações micênicas, pelas tipologias escultóricas kouros e kore e pelo início do registro de pintura negra em cerâmica. Esse período também é caracterizado pela formação das cidades-estados, cidades essas que tinham os seus próprios governantes escolhidos pelo povo, independentes e com poderes para cuidar de sua própria economia.

A colonização



Durante o período arcaico, o povo começou a se espalhar por toda a costa e ilhas do Mar Mediterrâneo, bem como pela costa do Mar Negro, e colonizou todas essas regiões (veja os pontos laranjas no mapa). Essa colonização obedecia a um planejamento rigoroso e preciso, implicando, assim, na escolha do local que seria colonizado, a escolha do comandante nomeado para expedição que seria responsável pela conquista do território. Depois da conquista, o mesmo comandante seria o governador daquele território. Antes que aquele comandante partisse para a conquista do determinado território, ele tinha de consultar o oráculo de Apolo em Delfos. Segundo eles, Apolo era quem aprovava ou reprovava o local sugerido ou indicava outro. Os governantes tinham a obrigação de levar da cidade-mãe, a metrópole, o fogo sagrado e os elementos culturais e políticos desta, como dialetos, alfabeto, cultos sagrados e o calendário grego. Depois de organizada aquela colônia, o governante podia fundar quantas colônias quisesse.

Uma das primeiras colonizações deste período se deu no ano 775 .a.C. pelos gregos das cidades de Cálcis e Erétria. Eles invadiram a ilha de Ischia, que fica na baía de Nápoles. Naquela época, também foram fundadas na Silícia várias colônias, entre as quais Naxos e Messina (por Cálcis) e Siracusa (por Corinto).

Na costa do Mar Negro, foram colonizadas pela pólis de Mileto as colônias mais importantes da região: Sinope (700 a.C.) e Cízico (675 a.C.). De Megara, partiram colonos que fundaram a cidade de Bizâncio em 667 a.C.

No norte da África, foi fundada a colônia de Cirene em 630 a.C. por colonos da ilha de Tera. Na região ocidental do Mediterrâneo, salientam-se colônias como Massalía (a moderna Marselha), Nice (de niké, “vitória”) e Ampúrias (na Península Ibérica).

A colonização grega deve ser entendida de uma forma diferente daquela realizada pelos Europeus nos tempos moderna e contemporâneo, uma vez que a

colônia não tinha qualquer tipo de dependência política e econômica em relação à metrópole. Entre a metrópole e a colônia, existiam laços cordiais (era chocante, por exemplo, que ocorresse uma guerra entre as duas), mas os gregos que partiam para uma colônia perdiam a cidadania que detinham na cidade de onde eram oriundos.

Desenvolvimento político, social e do comércio

No período arcaico, a Grécia cresceu muito em extensão territorial. No entanto, por causa do vasto movimento de colonização e a política sem controle, foi implantado um regime aristocrático que se estendeu a todas as cidades gregas. A realeza do tipo homérico desapareceu, os governantes mudaram a política que veio a beneficiar uma minoria de privilegiados pelo nascimento e pela fortuna (os eupátridas) e, por outro lado, os mais pobres foram prejudicados.

Uma das consequências das colonizações foi o desenvolvimento do comércio, não apenas entre as colônias e a metrópole, mas também entre as colônias e outros locais do Mediterrâneo. Até então, o comércio não era uma atividade econômica própria, mas uma atividade subsidiária da agricultura. Algumas colônias funcionavam essencialmente como locais para a prática do comércio e sem um estatuto político próprio. O incremento da atividade comercial gerava o fomento da indústria. Desse setor, destaca-se a produção da cerâmica, sendo famosos os vasos de Corinto e de Atenas, que se tornaram os principais objetos de exportação.

No último quartel do século VII a.C., ocorreu o aparecimento na Lídia da moeda, que se espalhou lentamente por toda a Grécia.

Os legisladores

A mudança política e a modificação das relações econômicas tradicionais provocaram nas cidades oligárquicas um duplo movimento: aqueles que enriqueceram com o comércio e o artesanato reivindicavam direitos políticos enquanto os pequenos camponeses e a mão-de-obra urbana desejavam uma revolução social. Legisladores, como Sólon, em Atenas (início do século VI a.C.), encarregados de julgar os conflitos, redigiram leis escritas, a partir de então aplicáveis a todos (nomoi).

Os primeiros legisladores conhecidos surgiram nas cidades da Magna Grécia, na metade do século VII a.C., e o mais antigo deles foi Zaleuco de Locros. Segundo os historiadores, ele foi quem criou o primeiro código de leis, inclusive aceito por cidades da Itália e da Sicília. Em Atenas, o primeiro dos legisladores foi Drácon, conhecido pelo seu rigoroso código de leis (é do seu nome que deriva o adjetivo "draconiano"). O segundo foi Sólon, um grande legislador, jurista, poeta renomado e respeitado, considerado pelos antigos um dos sete sábios da Grécia Antiga. Em 598 a.C., iniciou uma reforma das estruturas social, política e econômica da Pólis ateniense. Também fez reformas abrangentes, sem conceder privilégios nem aos grupos revolucionários, e nem aos eupátridas. Sólon também criou a Eclésia ("igreja"), uma espécie de reunião popular na qual participavam todos os homens livres com idade igual ou superior a 30 anos, onde eram tratados os conflitos entre os tais.

Além de muitos outros feitos de Sólon, ele também modificou o código de leis redigido por Drácon, pois o mesmo estava ultrapassado e não estava mais sendo seguido por causa de sua severidade. Sólon, já de idade avançada, foi considerado insuficiente para resolver os conflitos existentes entre os dois grupos rivais, os revolucionários e os eupátridas latifundiários. Então, Pisístrato entrou na cena política com suas conquistas. Quanto a Sólon, exilou-se

voluntariamente.

Os tiranos

A obra dos legisladores não conseguiu resolver os conflitos sociais. Surgiu então o domínio dos tiranos. A palavra “tirano” não possuía a conotação negativa que hoje tem, significando apenas “usurpador com poder supremo”. Entre os gregos, o termo só adquiriu um sentido negativo a partir do “governo dos trinta tiranos” em Atenas (404 a.C.), conhecidos pela sua crueldade.

Os tiranos conquistaram o poder por meio da violência e da força, recebendo o apoio das classes inferiores, as quais passaram a proteger. O fenômeno dos tiranos manifestou-se em primeiro lugar nas cidades comerciais. Os primeiros tiranos conhecidos foram Ortágoras, em Sícion, e Cípselo, em Corinto. A Atenas do século VI conheceu o tirano Pisístrato e Siracusa Dionísio.

A insuficiência da reforma dos legisladores fez surgir esta fórmula política nova: em numerosas cidades, um tirano era encarregado de toda a autoridade para reequilibrar as instituições sociais, mas os regimes tirânicos, mesmo o que Pisístrato fundou em Atenas, não puderam resistir à vontade dos cidadãos de assumirem suas responsabilidades políticas. O valor das instituições elaboradas na época arcaica e a coesão da cidade manifestaram-se durante as guerras médicas (490-479 a.C.).

Entre as medidas tomadas pelos tiranos, encontram-se a partilha das terras, a abolição das dívidas e a isenção de impostos. Cunharam moedas e lançaram grandes obras públicas, que permitiam absorver a mão-de-obra excedente e que embelezaram as cidades. No campo da religião, procederam à centralização dos cultos.

Os descendentes dos tiranos acabaram por não manter o seu apoio às classes populares, tornando-se impopulares. Quase todos desaparecem antes de 500 a.C., derrotados por nobres ou por Esparta. Na Sicília, a situação foi diferente, dado que, perante a ameaça dos cartagineses, os tiranos conseguiram continuar no poder até o século III a.C. As tiranias foram substituídas por oligarquias ou democracias.

A tirania dos trinta

A tirania dos trinta foi um governo oligárquico de Atenas composto por trinta magistrados chamados de “tiranos”. Esse sistema tirânico sucedeu a democracia ateniense ao final da guerra do Peloponeso no ano 404 a.C.

A história conta que os trinta tiranos sitiaram Atenas e, como esta não se rendeu, impuseram várias condições, entre as quais a derrubada das muralhas que haviam sido construídas por Temístocles após a retirada dos persas. Isso aconteceu por causa da resistência dos atenienses. Então, Terâmenes, filho de Hargão, negociou com os atenienses para que estes se rendessem para evitar mais conflitos e Atenas se rendeu. As muralhas de Atenas foram reconstruídas por Conon após a batalha naval de Cnido.

Os atenienses, inconformados com o governo dos trinta, decidiram atacá-los. Lisandro quis retomar a cidade de Atenas, mas os reis de Esparta, invejosos, resolveram que um deles iria; o escolhido foi Pausânias, que dissuadiu os atenienses de se revoltarem. Logo em seguida, os atenienses se revoltaram de novo e Pausânias foi censurado enquanto Lisandro foi louvado em Esparta.

Segundo o geógrafo Pausânias, Trasíbulo derrotou os trinta tiranos, trazendo um exército inicial de 60 homens de Tebas. Depois da vitória, fez os atenienses, que estavam divididos em várias facções, se reconciliarem. Foi para se opor a Trasíbulo que Pausânias, rei de Esparta e neto do general Pausânias, que venceu a batalha de Plateia, invadiu a Ática, mas voltou para Esparta, porque não queria contribuir o despotismo de homens sem caráter.

50 Período: helenístico (323 a 140 a.C.)

O período helenístico é entendido basicamente como um período transitório entre o esplendor da cultura grega e o desenvolvimento da cultura romana.

Por volta do século V a.C., a Grécia viveu o seu maior momento de esplendor cultural e espiritual propriamente dito e particularmente a cidade de Atenas. O século V a.C. foi considerado o “século de ouro” ou o “século de Péricles”. Época em que a democracia atingiu o seu mais elevado nível, o período foi de muitas guerras, mas havia combinação entre guerra e desenvolvimento. Lamentavelmente, no final do século, o imperialismo de Atenas desmoronou diante de Esparta e, em seguida, no início do século IV a.C., na cidade de Tebas.

O mundo grego foi enfraquecido por inúmeras guerras envolvendo várias cidades gregas; com as guerras, veio uma grande mortalidade de pessoas, muitas destruições e gastos. Com as consequências das guerras e o enfraquecimento, o mundo grego foi invadido com facilidade por estrangeiros, ocasião da ascensão do reino macedônico e de Filipe II.

O reino macedônico

Os historiadores não deram muita importância para o reino macedônico, fundado no século VIII a.C., que ocupava principalmente as regiões das planícies ao norte da Grécia. As atividades principais dos habitantes da Macedônia eram a agricultura e o pastoreio. Uma vez que o controle ateniense das regiões costeiras forçou os governantes macedônios a se concentrarem na unificação dos planaltos e planícies da Macedônia, tarefa completada por Amintas III, que reinou de 389 a 369 a.C., os dez anos seguintes foram marcados por crises internas, com a rebelião da nobreza territorial contra o poder central.

Filipe II (359 a.C. a 336 a.C.)

Filipe II era filho do rei Amintas III e sucedeu Pérδικas III, seu irmão no trono macedônico que reinava em lugar de seu pai. Este foi assassinado na batalha contra Bárdilis, rei da Ilíria, quando batalhava para reconquistar a parte superior da Macedônia. Filipe II, quando assumiu o trono, reestabeleceu e ampliou os limites do país, estabeleceu as colônias e se apoderou da região mineira de Pangu, onde conquistou ouro suficiente para cunhar sua própria moeda. Sendo Filipe II bem sucedido no trono da Macedônia, atraiu a nobreza para o seu lado e organizou um invejável exército, formando assim uma poderosa estrutura militar que foi responsável pela conquista dos territórios gregos e pela vitória na batalha de Queroneia em 338 a.C.

Nos dias de seu governo, a Macedônia adotou novas normas para aumentar o poderio das tropas macedônicas. A cavalaria constituída pelos nobres macedônicos se tornou a mais importante da Grécia. Dessa forma, Filipe II se tornou muito poderoso e temido em todo o território grego. Na batalha de Queroneia, quando venceu os gregos auxiliado pelo seu filho Alexandre Magno, consolidou totalmente o seu domínio sobre todo o território grego. Formou então uma liga em Corinto para combater a Pérsia, o mais poderoso inimigo dos gregos, mas não teve tempo para conquistar o Império Persa, pois, no ano seguinte, ele foi assassinado.

A morte de Felipe II aconteceu no dia do casamento de sua filha Cleópatra, quando esta se casava com Alexandre Molosso, do reino de Epiro, que era também seu tio. Um dos nobres da corte chamado Pausânias apunhalou traiçoeiramente Filipe II entre os seus guarda-costas e ao lado de seu filho Alexandre Magno. Existem duas versões do assassinato: 1. Pausânias assassinou o rei para vingar-se porque foi abusado sexualmente pelos homens de Átalo e, após ter levado a queixa ao rei, ele não ter feito justiça contra os abusadores que

o molestaram; 2. segundo a versão de Aristóteles, o assassinato do rei seria uma conspiração e haveria mais de um assassino, pois Pausânias agiu precipitadamente e correu em direção a vários cavalos, os quais seriam destinados à fuga dos assassinos. Os alvos seriam Filipe II e Alexandre Magno, seu filho. O objetivo seria causar confusão no reino. Com a morte de Filipe II, seu filho Alexandre Magno foi empossado rei em seu lugar.

Alexandre o grande (336 a 323 a.C.)

Seu nome era Alexandre Magno, intitulado Alexandre III e conhecido como Alexandre, o Grande, nascido no dia 20 de julho de 356 a.C. na Macedônia, ao norte da Grécia. Seu pai, Filipe II, o grande conquistador da Grécia, ensinou a ele a arte da guerra antes de ser assassinado no ano 336 a.C.

Alexandre, o Grande assumiu o Império Grego aos 20 anos, quando o seu pai foi assassinado, e se tornou o mais célebre conquistador do mundo antigo. Seu império foi invejavelmente conhecido por causa de suas conquistas, estendendo-se dos Balcãs à Índia, incluindo o Egito e a Bactria (hoje o atual Afeganistão). Era muito ganancioso e não se contentou com o que o seu pai já havia conquistado; após assumir o trono, logo partiu em campanha para o Oriente. Indo em direção ao Oriente Médio, fez-se obrigatória sua passagem pelo extremo Oriente, onde o império grego se situava, mais havia um entrave muito grande nas rotas terrestres e nas conquistas dos helenos, que era o império persa.

No ano 334 a.C., Alexandre, o Grande atravessou o Helesponto (o estreito que dividia a Grécia entre o lado europeu e o lado asiático) e conquistou a Ásia Menor (atual Turquia). Em seguida, lutou contra o exército persa na batalha de Granico, tendo uma excelente vitória. No ano seguinte, derrotou Dario III da Pérsia na batalha de Issus. Um ano depois, conquistou o Egito, que era dominado pelos persas. Seguiu em direção à Fenícia e tomou o porto de Tiro. Depois dessas conquistas, o rei persa Dario III propôs um acordo de paz, que não foi aceito. No ano 331 a.C., Alexandre, o Grande avançou sobre as principais cidades da Pérsia, incluindo a Babilônia, Susa e Persépolis, em busca de seus tesouros. Dario III foi definitivamente derrotado e Alexandre, o Grande foi nomeado imperador da Pérsia.

Alexandre, o Grande tinha a tendência de fundir a cultura dos macedônios com a cultura grega. Isso provocou em ambos um grande temor e um excessivo afastamento dos ideais helênicos por parte dos reis. No entanto, Alexandre deu continuidade ao seu intento imperialista em direção ao Oriente. Durante cerca de dois anos, manteve-se ocupado com pequenas campanhas para a consolidação do seu império. No ano 327 a.C., conduziu suas tropas pelas montanhas Hindus Kush, seguindo ao vale do rio Indo na tentativa de conquistar a Índia, um país mítico para os gregos, onde sofreu sua primeira e única derrota, sendo forçado a regressar, devido ao estado de exaustão em que se encontrava o seu exército, voltou para a Babilônia e fez dela a capital do seu império.

Alexandre, o Grande tinha a intenção de conquistar novas terras. Planejava invadir a Arábia e, provavelmente, as regiões ao norte do Império Persa. Talvez planejasse outra invasão à Índia até conquistar Roma, Cartago e o Mediterrâneo Ocidental.

Administração do império de Alexandre, o Grande

Alexandre, o Grande administrava o seu vasto império de acordo com três pilares:

1. Harmonia de todos os povos conquistados. Alexandre, o Grande era homem respeitador de seus derrotados. Acolheu muito bem a família de Dario III após derrotá-lo e permitiu que as cidades dominadas continuassem com os seus governantes, suas religiões, seus costumes e suas línguas.

2. O enriquecimento mútuo das culturas dominantes e dominadas. Na economia do império, assim como os helenos tinham liberdade para se destacarem economicamente, os derrotados tinham liberdade para enriquecerem tanto quanto pudessem.

3. Uma administração humana e produtiva dos bens conquistados. A cultura helenística respeitava todos os povos conquistados e dava condições para que houvesse integração em todo o império. Com isso, a cultura helenística se fundia com a cultura oriental.

O ouro conquistado das principais cidades conquistadas na Pérsia foi utilizado na cunhagem de moedas e circulava em todo o império. Alexandre, o Grande fundou várias cidades, entre as quais Alexandria, no Egito, que se tornou o maior centro cultural, científico e econômico do mundo antigo por mais de 300 anos, até ser substituída por Roma; Alexandrópolis, na Grécia; Alexandria Aracósia, Alexandria Hereion e Alexandria Margiane, no Oriente Médio; e Alexandria Eschate, na Ásia Central. Foram abertas estradas entre todas essas cidades, integrando-as, e foram fundados vários centros de cultura e comércio.

Todas as províncias do império tinham os seus governantes e, na maioria delas, eram mantidos os seus antigos governantes. Alexandre, o Grande escolhia um supervisor de finanças que, por sua vez, prestava contas ao homem de confiança do imperador, chamado de Hárpalo, que residia na Babilônia. Este dirigia toda a economia do império. Alexandre, o Grande fez o que pôde para expandir o helenismo pelo mundo.

O lado ruim de Alexandre, o Grande é que ele era um homem totalmente instável e sanguinário. Destruiu cidades como Tebas e Persepólís, assassinou o seu melhor general, Palmério. Juntou-se a um eunuco e limitou-se a usar o pessoal de valor que mantinha à sua volta em benefício próprio, além de muitas outras coisas ruins que fez no período do seu império.

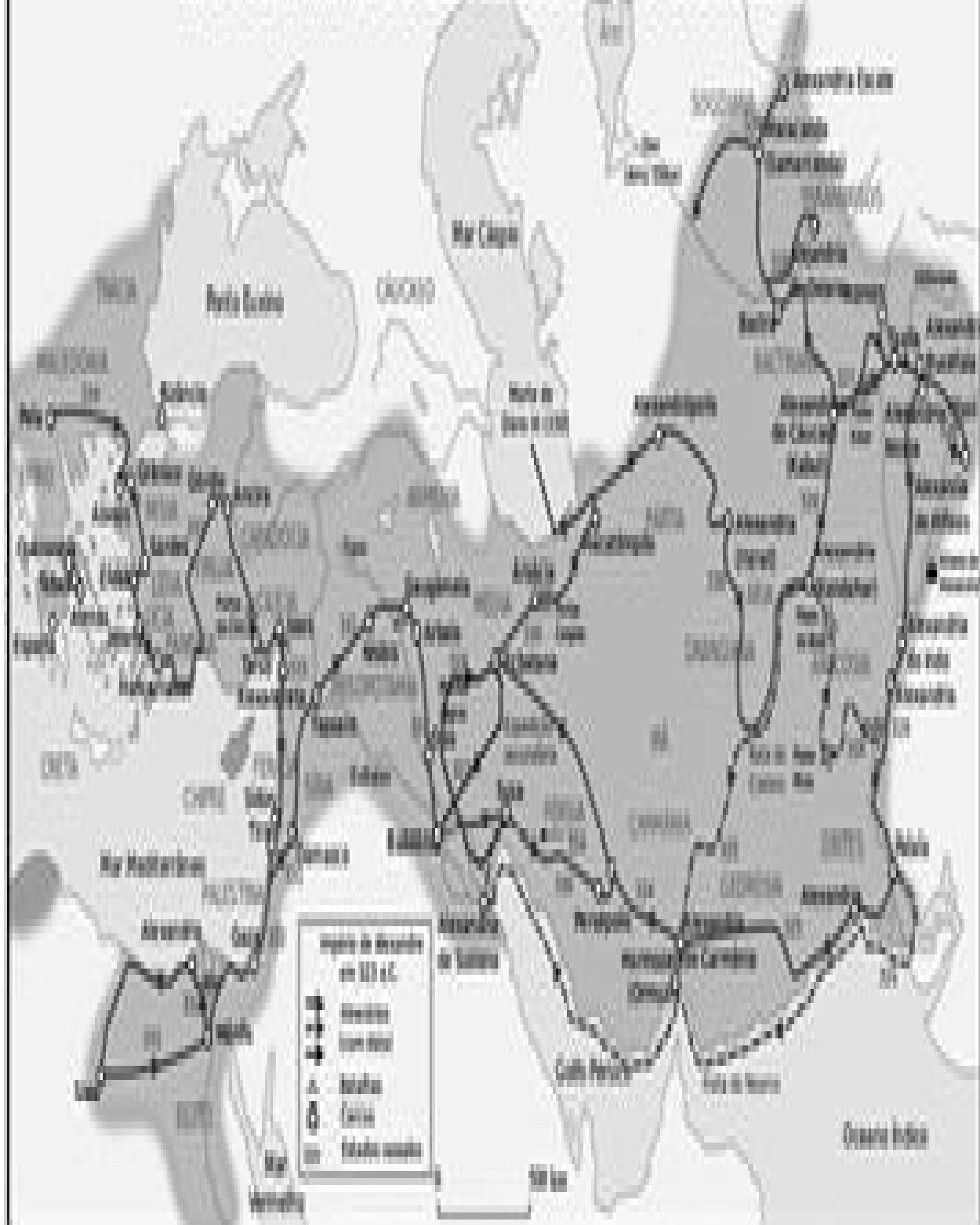
O poderoso exército de Alexandre, o Grande

Alexandre, o Grande herdou de seu pai, Filipe II, um exército poderoso, “a falange”, como era chamada a formação militar típica da Grécia. O exército era composto por muitas fileiras de soldados armados com lanças de seis metros. Nove mil homens eram distribuídos em seis batalhões e formavam uma unidade, verdadeira parede de proteção que se tornava impenetrável.

Na infantaria, existiam soldados da liga de Corinto, cuja função era principalmente para manter viva a comunicação entre as tropas. A velha cavalaria macedônica, que tinha várias gerações de soldados, e dava lugar à nova cavalaria que evoluía a cada dia. Existiam também dois batalhões de arqueiros, com lanças curtas de arremesso. Havia também no exército de Alexandre, o Grande grupos especiais para travessia de rios enfrentamento de obstáculos diversos.

Com esse exército, Alexandre, o Grande conquistou muitas terras para o seu império, até fazer uma potência mundial praticamente imbatível durante todo o período do seu governo. Esse exército só sofreu uma derrota, na passagem do rio Indo, na Índia.

MAPA DO IMPÉRIO DE ALEXANDRE O GRANDE



A morte de Alexandre, o Grande

Alexandre, o Grande morreu entre os dias 10 e 11 de junho de 323 a.C. no antigo palácio de Nabucodonosor II, na Babilônia. Depois de 12 anos de constantes campanhas militares, não chegou a completar o seu ideal no seu império, pois deixou muitas coisas por fazer.

O destino final do Império Grego-Macedônico

Após a morte de Alexandre, o Grande, permaneceu o legado deixado por ele, incluindo a difusão cultural, a fundação de cerca de 20 cidades que levavam o seu nome (como a cidade de Alexandria, no Egito), os assentamentos para colonos gregos e a propagação da cultura grega no leste, que resultou em uma nova civilização helenista. Alexandre, o Grande tornou-se lendário e foi considerado um mito da cultura grega e o maior conquistador da história da Grécia.

A morte de Alexandre, o Grande foi tão repentina que, quando chegou a notícia na Grécia, muitos nem acreditaram. Ele não tinha herdeiros para assumir o trono em seu lugar. O império tinha se tornado gigantesco e sua esposa Roxana ainda estava grávida. O historiador Diodoro Sículo diz que pouco antes de Alexandre o Grande falecer, os seus companheiros lhe perguntaram a quem ele deixaria aquele império tão grande, ao que ele teria respondido: *tôi kratistôi* (“ao mais forte”).

Divisão do reino grego-macedônico

Depois da morte de Alexandre, o Grande, houve conflito durante aproximadamente 40 anos entre os seus generais de destaque e os membros da família. Eles disputavam o controle de territórios em diferentes partes do grande e vasto império. Os generais do império não se entenderam mais e começaram as disputas, que se tornaram conflitos, as “guerras dos diáconos”. Houve quatro guerras; na última, a “guerra de Ipsus”, os generais rivais enfim conseguiram chegar a um acordo e dividiram o império em quatro reinos:

1 - Reino de Ptolomeu I: ficou com os territórios do Egito e as regiões adjacentes;

2 - Reino de Cassandro: ficou com os territórios da Macedônia, a maior parte da Grécia e parte da Trácia;

3 - Reino de Lisímaco: ficou com a Lídia, a Jônia, a Frígia e outras partes da atual Turquia;

4 - Reino de Seleuco I: ficou com o território que inclui atualmente o Irã, o Iraque, a Síria e parte da Ásia.

X. A história da fundação de Roma

A Itália

A Itália fica situada entre o Mar Adriático e o Mar Tirrênio, portanto, no centro do Mediterrâneo. Dividia-se em três partes: a Itália continental, entre os Alpes e os Apeninos; a Itália peninsular, dominada pelos Apeninos; e a Itália insular, que compreende a Córsega, a Sardenha e a Ilha de Elba.

A Itália também abrangia outras regiões que se dividiam em duas partes, chamadas de Gália Transpadana e Gália Cispadana; esta também se chamava Emília por ser atravessada pela via Emília.

Os primitivos habitantes da Itália se instalaram na região em uma época muito distante e tinham costumes rudes e grosseiros. Com o passar do tempo, outros povos invadiram a região e foram se instalando por lá. Os primeiros habitantes da região tiveram de sofrer uma transformação; supõe-se que essa transformação trouxe progresso para todos. Entre os povos invasores, os mais importantes foram os itálios, os etruscos e os gregos.

Os Itálios chegaram à Itália por volta do século XX a.C. Eles migraram da Europa Central, espalharam-se por todo o território itálico e começaram a dominar toda a região da planície pantanosa entre os Montes Albanos e o mar, e a margem esquerda do Rio Tibre. Roma foi fundada justamente naquela região.

O mito do nascimento de Rômulo, o fundador de Roma



Símbolo de Roma, a Loba de Capitólio

A história da origem de Roma é contada através de um mito fundador. Conta-se que uma sacerdotisa chamada Reia Silvia teve um caso com um deus chamado Marte e gerou dele dois filhos gêmeos, Rômulo e Remo. Sendo sacerdotisa, não podia casar-se e os seus filhos foram condenados pelo seu tio, que era rei na cidade de Alba Longa, a serem jogados no Rio Tibre, dentro de um cesto de vime. Porém, o deus Marte ordenou que o cesto parasse junto ao Monte Palatino e que as crianças fossem amamentadas por uma loba. Segundo o mito, as crianças cresceram sob a guarda de pastores e quando, estes souberam de sua história e de quem eram descendentes, voltaram para a cidade de Alba, mataram o rei que havia usurpado o trono e restituíram-no ao verdadeiro rei, que se chamava Numitor. Depois, resolveram perpetuar a memória de seu salvamento prodigioso e fundaram uma cidade no lugar onde foram encontrados, a qual levou o nome de Roma em homenagem a Rômulo, um de seus fundadores.

Ambos os irmãos queriam ter honras, mas a sorte caiu sobre Rômulo, que, com solenidades religiosas, estabeleceu os limites da nova cidade no topo do Palatino. Em uma discordância entre Rômulo e Remo sobre os limites da nova cidade, Rômulo matou o irmão e se proclamou rei. Assim seria feito a todos os inimigos que tentassem atravessar as muralhas da cidade.

A fundação de Roma é datada do ano 753 a.C., sendo Rômulo o seu primeiro rei. A história do nascimento do pequeno reino é fascinante. Juntamente com o desenvolvimento de Roma, foi crescendo também a cultura e houve muitos outros avanços na época. A pequena cidade de Roma foi crescendo e se fortalecendo, até se transformar em um grande e poderoso império. As nações ocidentais herdaram de Roma uma série de características culturais. Do latim (língua falada pelos romanos), originaram-se as línguas portuguesa, italiana, francesa, espanhola, entre outras. O direito romano também é usado por muitas nações ocidentais, incluindo o Brasil.

De acordo com historiadores, a origem de Roma envolve a mistura de três povos que habitaram a região da península itálica: os gregos, os etruscos e os itálicos. Esses povos se destacaram nas atividades da agricultura e criação de gados e

ovelhas. Naquela época, aquela sociedade se dividiu em dois grupos: os patrícios e os plebeus.

Roma Antiga

A Roma Antiga foi uma civilização que se desenvolveu a partir da cidade-estado de Roma, fundada na península Itálica durante o século VIII a.C. Doze séculos após sua fundação, Roma se transformou de monarquia em república oligárquica, até se transformar em um império, que dominou a Europa Ocidental e a região ao redor de todo o Mediterrâneo. A história de Roma se divide em três períodos: monárquico (752-509 a.C.), republicano (507-27 a.C.) e imperial (27 a.C. – 476 d.C.).

Período monárquico (753 a 509 a.C.)

Esse período foi fundamentado nos mitos contados pelos romanos. Naquela época, a cidade de Roma era governada por reis de diferentes origens. Os últimos a governar a cidade foram os de origem etrusca, que governaram por um período de aproximadamente cem anos. No final do período monárquico, a sociedade romana estava dividida entre patrícios, plebeus, clientes e escravos.

Os patrícios

Os patrícios eram descendentes dos chefes tribais da região do período pré-romano. Eram nobres proprietários de terras e tinham grandes influências governamentais. Desempenharam altas funções na religião e na política durante a monarquia, a república e o Império Romano. Eram proprietários das maiores e melhores terras e costumavam esbanjar suas riquezas em luxuosas festas. Como cidadãos romanos, não costumavam pagar tributos e eram fortes candidatos a se tornarem soberanos de Roma.

Os plebeus

Os plebeus eram comerciantes, artesãos, pequenos proprietários de terras e agricultores. Todos os seus trabalhos eram financiados pelos patrícios. Pagavam uma alta carga tributária e eram o tempo todo ameaçados de escravização pelos patrícios quando não pagavam suas dívidas no tempo certo. Eram homens livres, mas, durante a monarquia, muitos direitos lhes eram vetados: podiam prestar serviço militar, mas não podiam fazer parte da política e nem constituírem famílias legalmente reconhecidas por não serem considerados cidadãos romanos. A plebe tem uma origem obscura. Possivelmente foi constituída de vencidos de guerra que ficavam sob a proteção do estado ou estrangeiros que se estabeleceram ali e ficaram subordinados, tornando-se trabalhadores nas terras romanas e sendo protegidos pelo estado. Eles constituíam a maioria da população romana e não tinham direitos políticos, mas tinham deveres a cumprir: pagar impostos e servir no exército romano.

No período republicano, os plebeus ganharam o direito de eleger tribunos da plebe em assembleia e conquistaram o direito de se casar com patrícios pela Lei Canuleia, votada pouco tempo antes da Lei das Doze Tábuas. Conquistaram também o direito de eleger magistrados plebeus.

Os clientes

Os clientes eram homens de negócios, intelectuais ou camponeses que tinham objetivo de fazer carreira pública, e por isso recorriam à proteção de alguns patrícios de posse.

Os escravos

Os escravos eram geralmente plebeus que se endividavam com os patrícios e por isso eram escravizados ou prisioneiros de guerra. Estes realizavam todo tipo de trabalho e eram considerados bens materiais, não tendo qualquer direito civil ou público.

O último rei desse período foi Tarquínio, apelidado de “o soberbo”. Ele criou problemas com os patrícios, que queriam estabelecer medidas a favor dos plebeus. Por isso, no ano 509 a.C., os patrícios conseguiram derrubá-lo e deportá-lo. Em seu lugar, os patrícios colocaram dois magistrados e deram-lhes o título de cônsules, finalizando o período monárquico e dando início ao período republicano.

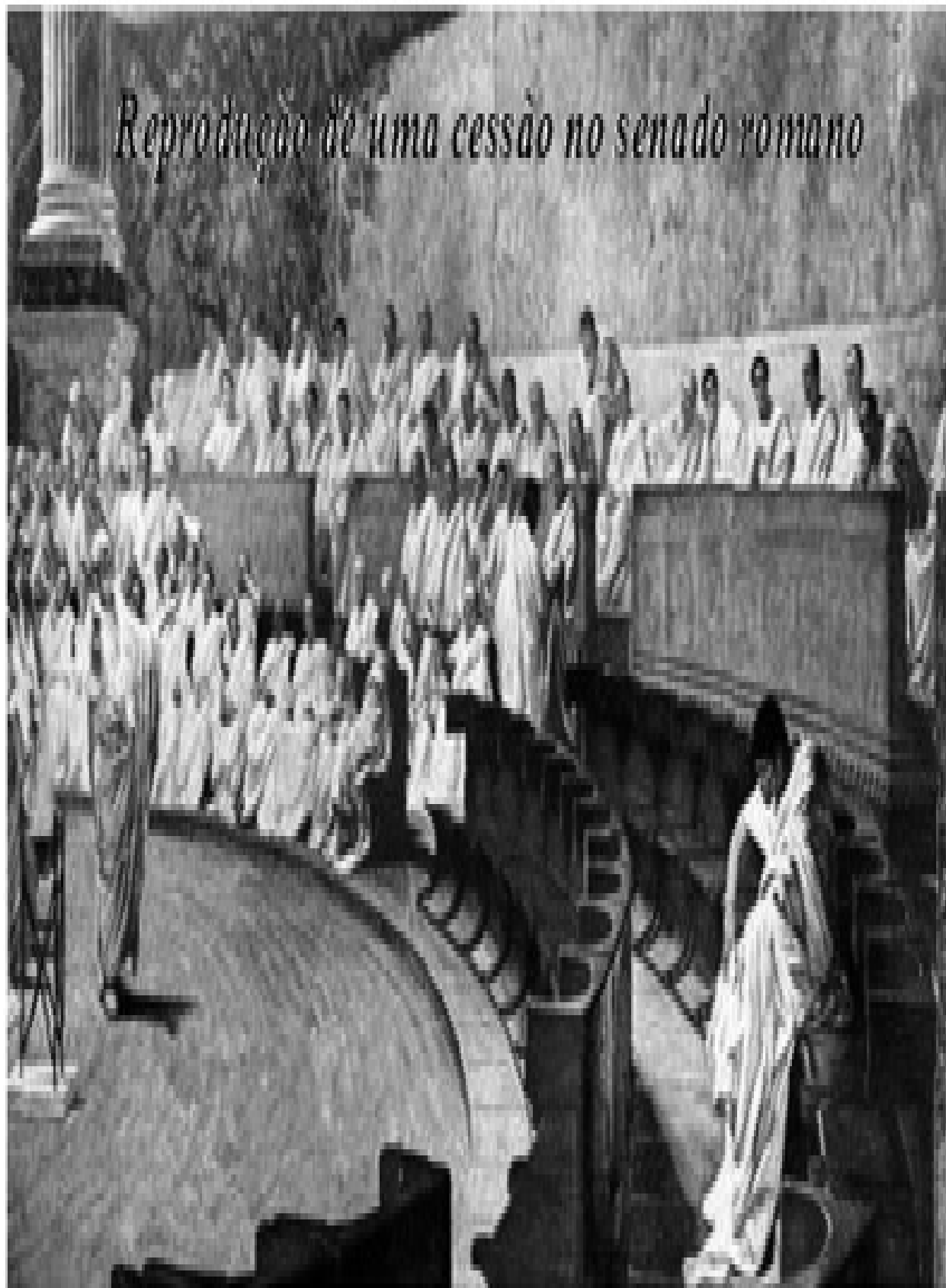
Período republicano (509 a 27 a.C.)

O nome república vem do latim res pública e significa “coisa pública”. No período de transição da monarquia para a república, os patrícios que dominavam todos os seguimentos da sociedade, tanto o religioso quanto o político e até mesmo o judiciário, sempre eram os mais beneficiados em todas as esferas de poder. Tinham o domínio do governo e, por essa razão, derrubaram e deportaram o rei Tarquínio no ano 509 a.C.

Organização política e social da república romana

Na república, o poder que antes era exercido pelo rei foi partilhado por dois cônsules. Eles exerciam o cargo por um ano e eram auxiliados por um conselho de cem cidadãos responsáveis pelas finanças e pelos assuntos externos. Esse conselho recebia o nome de senado e a ele competia promulgar as leis elaboradas pela assembleia de cidadãos, dominada pelos patrícios.

Reprodução de uma sessão no senado romano



No período republicano, a república romana cresceu de forma assustadora. As diferenças existentes entre os patrícios e plebeus, e se acentuaram porque os plebeus eram sempre os mais prejudicados. Por essa razão, eles desencadearam uma luta contra os patrícios, que se estendeu durante dois séculos. A luta começou no início do século V a.C. e terminou no final do século IV a.C., quando eles foram vitoriosos, adquirindo os seus direitos exigidos; entre esses direitos, estava o de eleger seus próprios representantes, que foram chamados de “tribunos da plebe”. Os tribunos exerciam o poder de vetar qualquer decisão do senado que fosse prejudicial ao interesse dos plebeus.

Outras conquistas dos plebeus foram: 1. proibição da escravidão por dívidas; 2. o estabelecimento de leis escritas, válidas tanto para patrícios como para plebeus. Até então, as leis não eram escritas em Roma e os plebeus terminavam sendo julgados segundo os escritos dos patrícios; 3. igualdade civil, com autorização do casamento entre patrícios e plebeus; 4. igualdade política, com direito de eleger representantes para diversos cargos, inclusive o de cônsul; 5. igualdade religiosa, com o direito de exercer funções sacerdotais.

Apesar dos conflitos internos entre a plebe e os patrícios, os romanos conseguiram conquistar quase toda a Península Itálica e foram para o Mediterrâneo. Lutaram mais de sem anos contra Cartago nas chamadas Guerras Púnicas e, em seguida, ocuparam a Península Ibérica, a Gália e o Mediterrâneo Oriental. Todos os territórios ocupados foram transformados em províncias e pagavam impostos ao governo romano. Todas as conquistas da república romana tornaram o seu exército imbatível.

O período republicano foi marcado por muitas conquistas, com as quais Roma crescia de forma assustadora. No período de cinco séculos, houve muitos conflitos internos e guerras civis, fazendo o sistema republicano se enfraquecer internamente, pois, apesar de ser uma república, o poder ficou sob a tutela de um único homem chamado Júlio César, que implantou uma ditadura, e os senadores tinham de aprovar leis mesmo sem ler o que estava escrito.

Antes de finalizar o período republicano, houve um processo de preparação para essa mudança de república para império. Isso se deu com a acessão de Júlio César ao poder. Nascido no ano 100 a.C. em uma família patrícia de pequena influência, Júlio César foi galgando seu lugar na vida pública romana. Em 60 a.C., ele e os políticos Crasso e Pompeu formaram uma aliança (o Primeiro Triunvirato), que acabou dominando a política romana por vários anos. Júlio César criou táticas populistas para se manter no poder, apesar de muita resistência das classes aristocráticas conservadoras do senado romano. Durante suas campanhas militares nas Guerras Gálicas entre os anos 58 e 50 a.C., conseguiu expandir de forma grandiosa o domínio romano ao norte, até o Canal da Mancha, anexando a Gália (atual França), e até o Reno (na atual Alemanha). Foi o general de maior potência militar da república romana e foi também o único general romano a lançar uma incursão militar na Britânia.

As conquistas de Júlio César renderam-lhe um enorme poderio militar e muito respeito diante de todos. Isso acabou ameaçando a posição de seu companheiro político Pompeu Magno, que se tornou seu rival. Pompeu resolveu mudar de lado e foi apoiar o senado depois da morte de Crasso no ano 53 a.C. Depois que finalizou uma guerra na Gália, o senado romano intimou Júlio César a retornar a Roma e dispensar o seu exército. César não obedeceu e atravessou o Rio Rubicão com todo o seu exército e invadiu a Itália. Isso foi considerado uma violação às leis romanas, que impediam que um general marchasse em Roma, e foi uma precipitação de sua parte, pois causou uma violenta guerra civil. Felizmente, César saiu vitorioso e consolidou o seu poder, assumindo o domínio total de toda a república. Dessa forma, Júlio César tornou-se o ditador absoluto da república romana em 49 a.C. e iniciou uma série de mudanças na república, incluindo o calendário juliano.

Júlio César continuou a centralizar o poder e toda a burocracia da república romana pelos cinco anos seguintes, até o dia em que ele foi assassinado no ano 44 a.C. com 23 facadas. O assassinato de Júlio César, o ditador do período republicano, foi promovido por conspiração de 60 senadores liderados por Marco Júnio Bruto, seu sobrinho e filho adotivo, e Caio Cássio. Teve início uma

nova guerra civil entre os apóstolos do poder e o governo constitucional republicano nunca mais foi consolidado.

Historiadores dizem que Júlio César foi assassinado não só por motivos políticos, mas também por inveja e orgulho ferido. Depois da morte de Júlio César, muitos conflitos ainda aconteceram e, no ano seguinte, Otávio, sobrinho-neto e filho adotivo de Júlio César e um dos mais destacados generais republicanos, tornou-se um dos três membros do Segundo Triunvirato. Otávio se fortaleceu e triunfou em muitas batalhas contra os inimigos de Roma, até que, no ano 27 a.C., o senado resolveu proclamar Otávio príncipe com império proconsular e o título de Augusto (do latim Augustus, que quer dizer “o venerado”). A partir de então, deu-se o início do período imperial, selando o fim do período republicano.

XI. O período imperial (27 a.C. a 476 d.C.)

As duas primeiras dinastias do Império Romano

A sucessão de Júlio César

*Domínio territorial da República
durante o segundo Triunvirato*

Domínio de Otaviano - Área em verde
Domínio de Marco Antônio - Azul escuro
Domínio de Marco Emílio Lépido - Azul claro



Com a morte de Júlio César, Caio Otávio, seu sobrinho-neto e filho adotivo, foi quem herdou o trono em testamento. Tendo sido nomeado sucessor de Júlio César no trono ainda muito jovem, sofreu muitas críticas, tanto dos opositores quanto dos aliados de seu tio. Sendo assim, Otávio concordou em governar como parte de um triunvirato, isto é, um conselho governante composto por três homens: Marco Emílio Lépido, Marco Antônio e o próprio Otávio. Esse triunvirato despontou uma guerra civil promovida por Caio Cássio e Marco Júnio Bruto, assassinos de Júlio César, que queriam restabelecer a república. Depois da vitória contra os conspiradores, o triunvirato se dividiu em três regiões geográficas, conforme o mapa: a área verde ficou sob o comando de Otávio, a área em azul escuro ficou sob o comando de Lépido e a área em azul claro ficou com Marco Antônio.

Caio Otávio retornou a Roma no ano 29 a.C. e se declarou imperador romano, assumindo o nome de César Augusto, mas o Império Romano de fato teve início no ano 27 a.C., quando realmente foi reconhecido pelo senado romano. Com a proclamação de Otávio pelo senado romano com poderes absolutos, assinalando o fim do período republicano, Otávio passou a ser chamado de Otávio Augusto. No seu governo foi criada a conhecida “Pax romana”, período de paz e tranquilidade sobre Roma.

A dinastia júlio-claudiana (14 a.C. a 68 d.C.)

Otávio Augusto também criou o princípio de sucessão dinástica para que ele fosse sucedido por seus descendentes. Assim, foi criada a dinastia júlio-claudiana, a primeira dinastia do Império Romano. Os imperadores dessa dinastia foram: Otávio Augusto (27 a.C. a 14 d.C.), Tibério (14 d.C. a 37 d.C.), Calígula (37 d.C. a 41 d.C.), Cláudio (41 a.C. a 54 d.C.) e Nero (54 d.C. a 68 d.C.). A dinastia júlio-claudiana terminou quando Nero cometeu o suicídio sem deixar descendentes. Nessa dinastia, houve o grande acontecimento da história: o nascimento, o ministério, a morte e a ressurreição do maior homem já visto neste mundo, o Senhor Jesus Cristo. Teve início a igreja primitiva e a evangelização do povo gentílico. A igreja cresceu pelo mundo afora e houve muitas perseguições contra os cristãos e a morte de muitos dos apóstolos e discípulos de Cristo.

Otávio Augusto (27 a.C. a 14 d.C.)

Caio Júlio César Otaviano Augusto, nascido em 23 de setembro de 63 a.C. na cidade de Roma, foi empossado como autoridade máxima do governo romano em 16 de janeiro de 27 a.C., tornando-se imperador da primeira dinastia, conhecida como júlio-claudiana. Ele começou a governar Roma a partir de 44 a.C. em um triunvirato, quando Júlio César, seu tio-avô, foi assassinado. Na verdade, o fundador dessa dinastia foi o próprio Júlio César, o último governo do período republicano, porque foi ele quem se fez o primeiro ditador daquele período. O fim do período republicano só se deu quando Otávio foi declarado pelo senado o único governador de Roma e foram atribuídos a ele poderes absolutos.

Otávio Augusto, mencionado pelas escrituras como César Augusto (Lc 2.1), foi bem-sucedido no período em que governou Roma. Organizou várias expedições militares pelo mundo de sua época na Grécia, Panônia, Hispânia, Germânia, Arábia e África. Em quase todas elas, o exército romano foi muito bem-sucedido. Otávio pacificou as regiões dos Alpes e da Hispânia. Anexou as regiões da Galácia e Judeia. O período de seu governo foi o mais próspero de todo o Império Romano, quando o mundo teve o privilégio de receber o Filho de Deus. Otávio Augusto foi um instrumento usado pelo Criador para esse acontecimento na história da humanidade (Lc 2.1-7).

Otávio Augusto morreu em 19 de agosto de 14 d.C. aos 77 anos enquanto visitava a Nuvla (atual Nola), em uma campanha na qual o seu pai biológico morreu. Sua morte foi por envenenamento. Historiadores dizem que não foi um assassinato, mas sim um suicídio assistido. Quem o substituiu foi seu filho adotivo Tibério.

Tibério (14 d.C. a 37 d.C.)

Tibério Cláudio Nero César foi nomeado imperador de Roma no dia 18 de setembro de 14 d.C. e manteve-se no poder até o dia 16 de março de 37 d.C. Era filho de Tibério Cláudio Nero com Lívia Drusa. Tibério foi o segundo imperador de Roma pertencente à primeira dinastia, a júlio-claudiana, sucedendo o padrao Augusto. A mãe de Tibério casou-se com Otávio Augusto antes que esse se tornasse o primeiro imperador de Roma. Quando se casou, ela já estava grávida de Tibério e Otávio adotou a criança como se fosse seu filho em 26 de julho de 4 a.C. Depois da adoção, foram concedidos poderes tribunícios a ele por dez anos.

Para Tibério ter direito ao trono do império, foi necessário que ele se divorciasse de Vipsânia, sua única esposa, que ele amava muito, e se casar com Júlia, a Velha, a única filha legítima de Otávio Augusto, que era a legítima herdeira do trono do império.

No início de seu governo, Tibério regularizou a economia do império pela redução dos gastos públicos, assegurou as fronteiras por meio de uma política conservadora que prescindiu das invasões, consolidou as instituições e reduziu o poder do senado, reforçou a Marinha, exilou a comunidade judaica e determinou o fim dos duelos de gladiadores. Tibério fez brilhante campanha militar na Panônia, Ilírico, Régia e Germânia e reformulou a fronteira norte do império de seu governo.

Tibério foi um imperador impopular por causa de seu comportamento inadequado. Pouco tempo depois de assumir o trono, entrou em conflito com a própria mãe, Lívia Drusa, por não dar a ele a parte da herança que Otávio Augusto deixou, assim como outros privilégios que cabia a ele. Foi muito cruel

com senadores romanos, mandando assassinar todo aquele que se revelasse contrário ao seu governo, como também homens de negócios e até membros da família imperial. Tibério estabeleceu um conceito de “régua como deus”, segundo o qual o povo tinha de prestar culto ao imperador. Foi no período de seu reinado, no ano 29 d.C., que Jesus, o Messias, foi crucificado na Palestina.

Foi considerado o mais sombrio governante. Na verdade, nunca quis ser imperador. Plínio, o Velho chegou a desse referir a ele como tristissimus hominum, que significa “o mais triste dos homens“. Segundo Suetônio, Tibério tinha uma vida pessoal de costumes duvidosos, praticando a pedofilia, recrutando crianças para servir de lacaios em suas cerimônias pervertidas e lascivas e fantasiando-as de peixes para satisfazê-lo em suas orgias. Uma das crianças-lacaios usadas por Tibério era justamente o seu sobrinho-neto que o sucederia no trono, Calígula.

No ano 23 d.C., o seu filho Júlio César Druso faleceu. Depois disso, a qualidade do seu governo despencou drasticamente e o seu reinado ficou um verdadeiro terror. No ano 27 d.C., Tibério se exilou, deixando Roma para viver em uma na ilha de Capri, deixando a administração do império nas mãos de seus dois prefeitos pretorianos, Lúcio Élio Sejano e Quinto Névio Cordo Sutório Macro. Da ilha de Capri, ele dava as ordens e os seus administradores as executavam. Assim foi até o dia de sua morte. Antes de morrer, Tibério soube que um desses administradores, Lúcio Élio Sejano, estava tramando a queda do imperador. No entanto, avisaram Tibério, que, por sua vez, condenou-o à morte no ano 31 d.C.

Tibério adotou Calígula como filho e sucessor. No restante do seu governo, Roma e todas as províncias do império foram submetidas a um regime de terror, que, juntamente com a moralidade reinante em Capri, foram a base de sua reputação. Muitas foram as divergências surgidas naquele período, mas Tibério deixou o império solidamente estabelecido. No dia 16 de março de 37 d.C., Tibério morreu em Capri de causas naturais. Quando o povo de Roma soube de sua morte, respirou aliviado e gritou: Tiberius ad Tiberim (“Tibério ao Tibre!”).

Calígula (37 d.C. a 41 d.C.)

Depois da morte de Tibério, Caio Júlio César Augusto Germânico, também conhecido como Calígula, assumiu o trono do império no dia 18 de março de 37 d.C. e governou até o dia em que foi assassinado, em 24 janeiro de 41 d.C. Foi o terceiro imperador de Roma e membro da dinastia júlio-claudiana. Sua fama de extravagância e crueldade se espalhou por todo o império. Era filho adotivo de Tibério e herdou o trono devido ao fato de o imperador não ter outro sucessor.

Calígula era o filho mais novo em uma família de três irmãos e três irmãs. Sua mãe se chamava Agripina e seu pai legítimo se chamava Germânico, um sobrinho do imperador Tibério e considerado um dos maiores generais que o Império Romano já teve. Calígula cresceu com sua numerosa família nos acampamentos militares da Germânia Inferior e sempre acompanhava o seu pai em suas campanhas nas guerras que fazia contra os inimigos de Roma. Em uma dessas campanhas no Oriente, mais especificamente em Antioquia, Germânico veio a falecer. Após sepultar o seu pai, Calígula retornou com seus irmãos e sua mãe para Roma. Sua presença incomodou de tal forma o seu tio, o imperador Tibério, que isso causou a inimizade. Naquela época, houve inúmeros assassinatos de parentes do futuro imperador. As relações entre o imperador Tibério e Calígula só melhoraram quando este se mudou para a ilha de Capri e foi designado pontífice máximo. Antes de morrer, Tibério ordenou que o império fosse governado por Calígula e Tibério Gêmeo. Calígula livrou-se de Gêmeo e assumiu as rédeas do império sozinho.

Calígula iniciou o seu governo com uma boa administração, crescente prosperidade e uma gestão implacável. O seu exército empreendeu várias campanhas militares e conquistou para o império a província da Mauritânia. Tentou também conquistar a Britânia, não obtendo sucesso. Calígula foi generoso com Herodes Agripas I, concedendo a este os territórios da Batanéia e

Traconítide.

Calígula, no ano 39 a.C., intitulou-se deus e mandou erigir estátuas de sua imagem em todos os templos religiosos das províncias do seu império para que todos o adorassem como deus-imperador. Enquanto todas as províncias do império aceitaram essa proeza de Calígula, os judeus não aceitaram que o seu templo fosse profanado. Essa rejeição causou aos judeus uma grande perseguição por parte do imperador. Calígula programou o extermínio deles, mas os judeus se livraram devido à morte de Calígula no ano 41 d.C.

Alguns historiadores afirmam que, nos seus últimos anos de vida, Calígula esteve envolvido em vários escândalos, destacando-se as relações incestuosas com suas próprias irmãs, chegando a forçá-las à prostituição. Pelos escândalos cometidos e por outras ações que desagradavam os pretorianos e senadores ordenaram sua execução, ocorrida no dia 24 de janeiro de 41 d.C. e liderada pelo prefeito do pretório, Cássio Quereia. Os conspiradores desejavam restaurar a república. Entretanto, o plano foi frustrado porque no mesmo dia Cláudio, tio de Calígula, foi empossado como imperador em seu lugar pelos pretorianos, que eram fiéis ao imperador. Uma das primeiras ações de Cláudio foi ordenar a execução dos assassinos do seu sobrinho. Calígula morreu com a idade de 28 anos.

Cláudio (41 d.C. a 54 d.C.)

Tibério Cláudio César Augusto Germânico, mais conhecido como Cláudio, foi o quarto imperador romano da dinastia júlio-claudiana e governou de 24 de janeiro de 41 d.C. até a sua morte, em 13 de outubro de 54 d.C.. Cláudio era filho de Nero Cláudio Druso com Antônia Menor. Nascido na Gália (atual Lyon, França), foi o primeiro imperador romano nascido fora da Península Itálica. Cláudio era deficiente físico e tinha dificuldade de fala. Por essas dificuldades, manteve-se fora do poder por muito tempo, até seu sobrinho Calígula se tornar imperador e nomeá-lo cônsul e senador romano. Cláudio não tinha atuação nenhuma no cenário político que representava sua família; isso serviu para sua sobrevivência nas diferentes conspirações que provocaram a queda de Tibério e Calígula. Nessa última conspiração, vendo que o imperador tinha sido assassinado, Cláudio se escondeu atrás de uma cortina, com medo de ser assassinado também, mas foi encontrado pela guarda pretoriana, que o levou e o empossou como imperador por ser o único de sua família que era maior de idade. A guarda pretoriana achava que Cláudio, por ser inexperiente na política e por suas deficiências, seria controlado facilmente e por isso o empossaram como imperador.

Apesar das deficiências de Cláudio e de sua falta de experiência, e embora fosse julgado tolo pelos demais, e renegado, e desprezado pela própria mãe, foi um brilhante estudante, especializou-se em matemática, gramática, geometria e, sobretudo, história. Formou-se em medicina e aprendeu o grego, que falava com muita fluência. Passou a trabalhar como historiador e desprezou por completo a carreira política. Então, observando sua avó Livia e sua mãe Antônia que ele era descendente direto de Marco Antônio, agiram rapidamente para que ele viesse a ser o imperador.

Ao assumir o trono do império, a primeira ação de Cláudio foi condenar à morte

os assassinos de Calígula, ainda que tenha perdoado vários deles. Foi um excelente governante e um grande estrategista de guerra. O seu governo foi de muita prosperidade em sua administração, e na área militar. Durante o seu governo, as fronteiras do seu império cresceram satisfatoriamente, concluindo assim a conquista do reino da Mauritânia começada por Calígula, anexando também as regiões de Trácia, Nórica, Panfília e Judeia; porém, sua maior conquista foi a Britânia. O imperador mostrou um grande interesse pelo direito, presidindo julgamentos públicos e chegando a promulgar até 20 éditos por dia. Cláudio não suportava a sedição e isso o levou a condenar à morte muitos senadores romanos, insatisfeitos com o seu governo.

Cláudio também foi um grande construtor de obras públicas, tanto em Roma quanto nas províncias romanas: obras judiciárias, legislativas e administrativas. Ele abriu espaço para que homens ricos das províncias comprassem e adotassem a cidadania romana e se estabelecessem na capital do império para fazer fortunas. Permitiu até mesmo que esses novos romanos assumissem cargos de senadores, causando certa aversão pelo senado e a estes novos senadores. Isso levou Cláudio a solicitar ao senado a entrada da aristocracia gaulesa, como indicava a Tabula Lugdunensis. Cláudio tinha boas relações com o senado, mas criou um secretariado controverso para com os senadores, pois era cheio de pessoas que antes haviam sido escravas, de maneira que os senadores se sentiram humilhados.

No dia 13 de outubro do ano de 54 d.C., Cláudio foi assassinado por envenenamento. Historiadores dizem que quem planejou tudo foi Agripina, sua última esposa, em conjunto com seu servo Haloto, Xenofonte, seu doutor, e sua serva Locusta, responsável pelo envenenamento. Em seu lugar, assumiu o filho de Agripina, Nero. Após o funeral de caráter imperial, Nero, juntamente com o senado, deificou Cláudio.

O imperador Nero (54 d.C. a 68 d.C.)

Nero foi o quinto imperador de Roma. Seu nome de nascimento era Lúcio Domício Enobarbo e era descendente de uma das principais famílias romanas. Seu pai biológico era Cneu Domício Enobarbo; sua mãe, Agripina, a Jovem, era descendente da família imperial júlio-claudiana, filha de Germânico e neta de César Augusto. O imperador Cláudio, antes de morrer, nomeou Nero como seu sucessor. Após ser nomeado pelo senado imperador romano com 16 anos de idade, mudou o seu nome para Nero Cláudio César Augusto Germânico e ficou conhecido como Nero.

Governou o império de 13 de outubro de 54 a 9 de junho de 68 d.C., quando cometeu suicídio. O imperador Nero é uma das figuras históricas mais polêmicas de todos os tempos. Assumiu o império quando este tinha atingido grande esplendor. Nos cinco primeiros anos de governo, Nero se mostrou um governante competente; suas decisões políticas, militares e econômicas foram influenciadas por figuras próximas, como sua mãe Agripina, seu tutor Lúcio Sêneca e o prefeito do pretório, Sexto Afrânio Burro. Os assuntos do império eram tratados de maneira efetiva e o senado gozava de muita influência e poder nos assuntos do estado. A respeito das expansões, Nero deu pouca importância; fez apenas excursões militares na região da atual Armênia. Na política, Nero teve de usar a força armada para combater revoltas que surgiram em algumas províncias do império. No decorrer do seu governo, surgiram problemas entre sua mãe e seus assessores, Sêneca e Burro. Diante dos problemas, os assessores chegaram a colocar Nero contra sua mãe com a desculpa de evitar escândalo no império; Diante do problema, Agripina foi expulsa da residência imperial e, algum tempo depois, foi deposta do cargo de tesoureira do império. Posteriormente, Nero se envolveu em um relacionamento proibido com Popeia Sabina, esposa de Marco Sálvio Otão. Sabendo que sua mãe se posicionaria em oposição, ordenou o seu assassinato, alegando que esta conspirara contra ele visando a colocar Caio Rubélio Plauto no trono em seu lugar.

Nero também enfrentou muitos problemas com o senado por ter prometido devolver-lhes os poderes perdidos desde a época republicana sem, contudo, cumprir a promessa, o que motivou uma conspiração liderada por Pisão contra ele. Além das questões envolvendo o senado, surgiram problemas políticos externos. Após dez anos de seu governo, Nero estava com a popularidade muito baixa devido à sua vaidade. Apesar de ter criado várias leis que beneficiavam os mais pobres e necessitados no início do seu governo, ele estava sendo desprezado pela maior parte da população do império e até pelos intelectuais, classe à qual alegava pertencer.

Nero e a igreja do primeiro século

Nero foi o primeiro imperador romano a perseguir o cristianismo na história. Até então, havia vários conflitos entre o judaísmo e o cristianismo, mas o Império Romano julgava serem conflitos entre os judeus, portanto, do povo da província judaica, e o governo romano não intervinha. Os cristãos, por outro lado, eram considerados um povo diferente. Tinham uma forma de ensino totalmente contrário ao ensino dos romanos, e pareciam desleais e perigosos para o estado e para a sociedade. Por esse motivo, os romanos acusavam os cristãos de ateísmo, anarquia e prática de sacrilégios e traições. No dia 18 de junho de 64 d.C., a cidade de Roma foi consumida por um grande incêndio que durou seis dias e seis noites; foram destruídos dez dos 14 bairros da cidade.

Em meio ao sofrimento do povo romano, exigiu-se de Nero que os culpados pela catástrofe fossem encontrados e punidos com rigor. Em meio aos boatos, dizia-se que o próprio imperador, em um dos seus momentos de loucura, tinha ordenado o incêndio para servir de inspiração para compor novos poemas. Como a população suspeitava do próprio imperador, este passou a observar que, dos quatro bairros que não sofreram com o incêndio, dois eram povoados por judeus e cristãos. O imperador aproveitou a situação de hostilidade já existente e passou a acusar os cristãos de tal crime. O historiador Tácito (55-120 d.C.) relata que Nero, com base em provas falsas criadas por ele mesmo, condenou uma grande quantidade de cristãos. Os romanos gritavam: *Christianos ad leonen!* (“Os cristãos aos leões!”). Enquanto isso, os cristãos eram presos e conduzidos às arenas, onde serviam de divertimento para os romanos e, acima de tudo, para o imperador Nero, que se misturava ao público vestido de condutor de carruagem para não ser reconhecido. Além de toda essa crueldade, Nero autorizava que os vestissem com peles de animais para que os cães os matassem a dentadas. Outros foram crucificados, e outros foram mortos queimados nas fogueiras ao cair da noite para que se iluminasse o espetáculo criado para os romanos. Outros ainda foram decapitados. O historiador cristão Euzébio de Cesareia (263-340 d.C.) afirma que, durante essa perseguição, tanto Simão Pedro quanto o apóstolo

Paulo foram mortos. O caso do apóstolo Pedro, a história diz que ele não quis ser crucificado como o seu Senhor Jesus Cristo, e pediu que o crucificassem de cabeça para baixo, e Paulo foi decapitado. Para fugir da perseguição, os cristãos começaram a se refugiar nas catacumbas de Roma. Essa perseguição se limitou aos judeus e cristãos de Roma e não foi estendida ao restante do império.

As conspirações, as revoltas e a morte de Nero

Em 65 d.C., um senador romano chamado Caio Calpúrnio Pisão organizou uma conspiração contra Nero para derrotá-lo, contando com a ajuda de um tribuno da guarda pretoriana de nome Súbrio Flávio e do centurião Suplício Ásper. A intenção era restaurar a república. Todavia, o plano de conspiração foi descoberto e frustrado e todos os conspiradores foram executados.

No ano 66 a.C., a província da Judeia testemunhou uma revolta derivada de uma crescente tensão religiosa entre gregos e judeus. Nero enviou um general chamado Vespasiano para sufocar a rebelião. Este, todavia, só conseguiu deter a rebelião no ano 70 d.C., dois anos depois da morte de Nero. Em julho de 68 d.C., o senado aprovou que Galba fosse proclamado imperador e declarou Nero inimigo de Roma. A guarda pretoriana fora subornada e o prefeito Ninfídio Sabino, visando a ser o próximo imperador, capturou Nero e o obrigou a cometer suicídio, o que se deu no dia 6 de julho de 68 d.C. O fato de Nero não ter deixado herdeiros desencadeou um tremendo ciclo de guerras civis conhecido como o “ano dos quatro imperadores”, com grande combate entre os sucessores de Nero. Vespasiano foi proclamado imperador, marcando o fim da dinastia júlio-claudiana e o início da dinastia flaviana.

O ano dos quatro imperadores e a dinastia flaviana (68 e 69 d.C. a 96 d.C.)

O imperador Galba

Galba foi o primeiro dos quatro imperadores a assumir o trono do império. Seu nome completo era Sêrvio Sulpício Galba e reinou do dia 8 de junho de 68 d.C. até sua morte, em 15 de janeiro de 69 d.C. Galba foi nomeado como governador da Hispânia Tarraconense no ano 60 d.C. por Nero, onde começou a se deixar levar pela indolência e apatia pelo imperador. Nero, sabendo do desprezo de Galba, enviou cartas para outros subordinados para assassinarem Galba. Ele soube de antemão e se uniu à rebelião de Caio Lúlio Vindice contra Nero. Depois do suicídio de Nero, foi nomeado imperador com o apoio do senado, da guarda pretoriana e de Otão.

Seu governo começou bem, mas logo foi se enfraquecendo e perdendo os seus apoios devido à sua política de austeridade. Otão, desiludido com o imperador, organizou uma conspiração contra ele e Galba foi assassinado no fórum, levando a uma disputa acirrada pela sucessão do trono do império.

O imperador Otão

Seu nome completo era Marco Sávio Otão. Seu curto governo foi de 15 de janeiro a 16 de abril de 69 d.C.. Tinha sido nomeado por Nero governador da Lusitânia no ano 58 d.C. e permaneceu no cargo por dez anos. Otão ajudou Galba a assumir o império, mas depois resolveu promover o golpe de estado, dando continuidade à guerra civil e apoiando o assassinato de Galba, fazendo-se imperador de Roma. Depois de três meses de governo turbulento e em meio à guerra, foi derrotado pelo exército de Vitélio na batalha de Bedrico, onde cometeu suicídio devido à derrota. Vitélio foi nomeado imperador em seu lugar.

O imperador Vitélio

Seu nome era Aulo Vitélio Germânico e reinou a partir do dia 16 de abril até 22 de dezembro de 69 d.C.. Foi um homem com muito apetite, e tinha fama de ser muito cruel. No ano 68 d.C., Galba nomeou Vitélio como governador da província da Germânia Inferior, onde ganhou o afeto de seus soldados. E, por iniciativa dos comandantes das legiões do reino, no dia 1º de janeiro de 69 d.C., os seus soldados o tiraram do seu acampamento de Colônia Agripinense à noite e o proclamaram imperador. Logo depois, no dia 15 de abril do mesmo ano, Galba foi assassinado por Otão, que também assumiu o trono do império. Vitélio foi contra o exército de Otão e o derrotou, levando também Otão ao suicídio e assumindo o trono do império. Governou por nove meses, até ser derrotado pelo exército de Vespasiano, sendo também assassinado. O seu corpo foi jogado no Rio Tibre. Vespasiano assumiu o trono do império e fundou a segunda dinastia do Império Romano.

A dinastia flaviana (69 a 96 d.C.)

A segunda dinastia foi chamada de dinastia flaviana (69 a 96 d.C.). Seus imperadores foram Vespasiano (69 a 79 d.C.), Tito (71 a 81 d.C.) e Domiciano (81 a 96 d.C.). Essa dinastia é muito lembrada pela construção do famoso Coliseu de Roma e pelo fato dos seus governantes serem de uma linhagem de imperadores considerados muito rigorosos e capazes. Eles restauraram a dignidade do império. No período dessa dinastia, reforçaram o culto ao imperador e levaram tudo isso seriamente, aproximando o ritual de um absolutismo original, que não desagradava a plebe e nem os exércitos de fronteiras.

Os flavianos chegaram ao poder durante a guerra civil de 69 d.C., conhecida como o “ano dos quatro imperadores”. Após a morte de Nero, houve anarquia e as legiões das províncias tentaram levar ao poder Galba, Otão e Vitélio para serem imperadores. Estes morreram em rápida sucessão. Vitélio se tornou imperador em 69 d.C., mas as legiões das províncias orientais declararam Vespasiano como imperador no dia 1º de julho de 69 d.C. A partir daí, veio uma segunda batalha chamada de Batalha de Bedríaco, dando mais equilíbrio e força para os flavianos, que entraram em Roma no dia 20 de dezembro de 69 d.C. No dia seguinte, o senado romano declarou oficialmente Tito Flávio Vespasiano imperador de Roma, dando início à dinastia flaviana.

Vespasiano (69 d.C. a 79 d.C.)

Tito Flávio Vespasiano (69 a 79 d.C.) nasceu de uma família que estava se preparando há muito tempo para assumir o poderio de Roma. Anteriormente, era general de comando do exército de Nero e estava em campanha militar em algumas províncias romanas que se rebelaram, sobretudo a Judeia, que estava na mais profunda rebelião, não querendo mais continuar em submissão a Roma. Vespasiano deixou seu filho Tito no comando da repressão e foi para Roma, onde foi aclamado imperador pelo senado romano.

Dos dez anos de Vespasiano como imperador, há poucas informações concretas sobre seus feitos. Sabe-se que parte do seu primeiro ano de governo, enquanto Vitélio ainda se dizia imperador, foi passada no Egito em busca de consolidação da nova dinastia que ele fundara, a dinastia dos Flávios. Após Vespasiano ser empossado pelo senado romano como imperador de Roma, o seu nome completo passou a ser César Tito Flávio Vespasiano Augusto. Ao assumir o império, Vespasiano deu logo início a um programa de reforma financeira, julgada necessária por todos devido ao final da dinastia júlio-claudiana. Deu continuidade à bem-sucedida campanha militar na Judeia e aos seus ambiciosos projetos de construção, como o Anfiteatro Flávio, mais conhecido como o Coliseu de Roma.

Vespasiano também instituiu o imposto sobre a urina humana, um ingrediente muito usado na lavagem e no processamento de tecidos, lã e couro, algumas vezes também usado como elixir bucal. De acordo com algumas crônicas, o seu filho Tito chegou a repreendê-lo devido ao fato de ele ganhar dinheiro sobre os resíduos das pessoas. Entretanto, Vespasiano pegou uma moeda de ouro e a colocou perto do nariz de Tito, perguntando: “isto te incomoda?”. Tito disse: “não!”. Vespasiano respondeu: “no entanto, ela vem da urina”. Essa seria a origem da frase Pecunia non olet (“Dinheiro não tem cheiro”). Vespasiano

reformou o senado e a ordem equestre e desenvolveu um sistema educativo mais amplo. Reprimiu a sublevação da Gália, mas incompatibilizou-se com os meios senatoriais.

Vespasiano fez uma boa administração econômica durante o seu governo, aumentou significativamente os tributos anuais, tanto na capital do império quanto em todas as províncias, e implantou medidas econômicas bem mais severas. Dessa forma, o império atingiu níveis de progresso bem mais avultosos que antes nas finanças do estado. Com a economia em alta, ele teve condições financeiras para construir grandes obras como o Coliseu de Roma, o suntuoso templo para Júpiter Capitolino e muitas outras obras.

Vespasiano e a destruição de Jerusalém

Quando Nero ainda era imperador de Roma, por volta do ano 66 d.C., a Judeia havia se revoltado contra o Império Romano devido aos muitos tributos cobrados aos judeus. Além disso, o procurador romano da Judeia Gésio Floro exigiu que fosse tirado do Templo de Jerusalém o total de 17 talentos de ouro como tributo. Daí em diante, a revolta só crescia, motivada por tensões religiosas, e a seita dos Zelotes reclamava da supressão do domínio romano, dos abusos do procurador, dos muitos tributos cobrados e, principalmente, do dinheiro exigido do templo sagrado dos judeus. Então, eles começaram-se a cometer atos de violência contra os apoiadores do império e a escarnecer do procurador. Floro então entregou parte de Jerusalém aos seus soldados para que fosse saqueada e mandou crucificar alguns homens importantes da comunidade judaica. Mesmo com tudo isso, os judeus não se intimidaram e resistiram a todo tipo de repressão por parte do Império Romano. O imperador romano mandou sitiar Jerusalém em um cerco no verão de 66 d.C., que durou até o ano 70 d.C., quando os muros da cidade foram finalmente derrubados, já no comando do general Tito, a mando do então imperador Vespasiano.

No dia 30 de agosto do ano 70 d.C., houve a invasão de quatro legiões dos soldados romanos, cada uma com 70 mil soldados, para combater os rebeldes judeus. Houve também o mais sangrento combate do exército romano contra os judeus, quando mais de 100 mil pessoas foram mortas, os muros da cidade foram destruídos, o templo dos judeus foi derrubado e os poucos judeus que ficaram foram deportados para fora da província judaica ou escravizados. Anualmente, os judeus relembram a destruição do primeiro e do segundo templos durante o jejum de Tisha B'Av e choram sobre o muro das lamentações, a única parte do tempo dos judeus, como prova da aliança feita entre Deus e os judeus.

Os feitos, as grandes obras e a morte de Vespasiano

Há poucas informações sobre o reinado de Vespasiano depois do ano 71 d.C., mas, historiadores como Tácito, Suetônio, Flávio Josefo e Plínio, o Velho falam de seus feitos. Vespasiano fez reformas financeiras necessárias para o império após a queda da dinastia júlio-claudiana. Reformou o senado e a ordem orquestrada e desenvolveu um sistema educativo mais eficaz. O período do seu governo foi marcado por uma administração econômica, tanto na capital do império quanto nas províncias. Com o aumento do tributo anual, ele implementou medidas muito mais severas que as anteriores, o que permitiu atingir níveis de progresso invejáveis nas finanças do império. Por isso, foi fácil para ele a construção das obras mais ousadas, como a construção do Templo de Júpiter Capitolino e o Coliseu de Roma.

Vespasiano faleceu com uma inflamação intestinal que lhe causou um excesso de diarreia. Segundo o historiador Suetônio, as últimas palavras foram: *Vae, puto deus fio!*⁷ Seu filho Tito lhe substituiu no trono do império.

Tito (79 d.C. a 81 d.C.)

Tito Flávio Sabino Vespasiano era o seu nome de nascimento. Seu reinado começou em 23 de junho de 79 d.C., após a morte de Vespasiano, seu pai. Governou o Império Romano durante dois anos, dois meses e 21 dias, quando morreu com idade de 41 anos. Tito era o filho mais velho de Vespasiano e, quando seu pai faleceu, ele foi empossado como imperador de Roma.

Após assumir o Império Romano, mudou o nome para Tito Flávio César Vespasiano Augusto. Antes de ser proclamado imperador, alcançou renome como general comandante militar do exército romano. Sob ordem de seu pai, cumpriu o seu papel de general comandante do exército de Roma ao controlar os conflitos que já se estendiam há anos na província da Judeia, conhecidos como a primeira guerra judaico-romana, antes sob a responsabilidade de seu pai, que teve de se ausentar da frente do pelotão para assumir o império no ano 69 d.C., sendo o quarto imperador naquele ano conhecido como “o ano dos quatro imperadores” a assumir o Império Romano. E Tito ficou em seu lugar no comando do exército com a responsabilidade de reprimir o conflito. No ano 70 d.C., sitiou e destruiu a cidade de Jerusalém, cujo templo foi demolido no incêndio. Tito ganhou nome por essa vitória, sendo nomeado pelo imperador como tribuno no ano 71 d.C. Também foi recompensado com triunfo, comemorado com a construção do arco de Tito.

Como imperador, Tito recebe o elogio de vários historiadores como um bom imperador romano. Construiu vários edifícios públicos em Roma. Logo no início do seu reinado, no ano 79 d.C., houve a erupção do vulcão Vesúvio, que destruiu completamente as cidades romanas de Pompéia e Herculano. A estimativa é que tenham morrido mais de 16 mil pessoas nas duas cidades destruídas pela catástrofe, além de muitas outras pessoas afetadas nas cercanias das cidades de Oplontis e Estábia, causando grande preocupação para o imperador Tito, que

passou a oferecer ajuda aos sobreviventes. Logo no ano seguinte, antes que o império se recuperasse da erupção do Vesúvio, aconteceu mais um incêndio em Roma. Para a maior parte dos cristãos da Judeia, as tragédias eram certamente uma punição de Deus pela destruição do Templo de Jerusalém.

O reinado do imperador Tito não foi marcado somente por coisas ruins. Muitas coisas boas também aconteceram naquele período de dois anos, como a inauguração do Anfiteatro Flávio, o famoso Coliseu de Roma, cuja construção teve início no governo de Vespasiano e inauguração no ano 80 d.C. Além do Coliseu, foram inauguradas também as Termas ou Banho de Tito, obra feita exclusivamente para a população de Roma tomar banho. O próprio Tito tomava banho com sua família ao lado dos demais frequentadores.

No dia 13 de setembro de 81 d.C., aos 41 anos, o imperador Tito faleceu de uma febre súbita quando visitava a terra de seus antepassados, no território sabino. Antes de falecer, ele proferiu a seguinte frase: “não cometi senão um erro”.

Tito foi sucedido pelo seu irmão Domiciano, que não teve a mesma aceitação que Tito teve no seu curto reinado, que durou pouco mais de dois anos.

Domiciano (81 d.C. a 96 d.C.)

Tito Flávio Domiciano era o seu nome de nascimento. Era o filho mais novo do imperador Vespasiano e foi o substituto do seu irmão mais velho chamado Tito, quando este faleceu. Foi empossado como imperador de Roma em 14 de setembro de 81 d.C., e reinou até 18 de setembro de 96 d.C. Era habitualmente chamado de Domiciano e teve em sua juventude um grande aprendizado militar ao lado de seu irmão Tito, enquanto este era general de seu pai, o imperador Vespasiano, e fazia suas campanhas militares na Germânia e na Judeia

No dia seguinte à morte inesperada de Tito no dia 13 de setembro de 81 d.C., a guarda pretoriana proclamou Domiciano imperador de Roma em lugar de seu irmão falecido. O seu reinado foi considerado o mais longo desde o reinado de Tibério. Ele reinou durante um período de 15 anos e cinco dias sobre o Império Romano.

Domiciano foi tido pelos historiadores Tácito, Plínio, o Jovem e Suetônio como um imperador tirano, cruel e paranoico. Sua tirania era comparada com a dos imperadores Calígula e Nero. Já a historiografia moderna o descreve como um autocrata desapiedado, porém muito eficiente, afirmando que o seu reinado foi cheio de prosperidade e que seus programas culturais e econômicos foram uma base sólida para os imperadores do século II d.C.

Como imperador, Domiciano tirou os poderes do senado, tornando-o uma instituição obsoleta, e concentrou todos os poderes governamentais em suas mãos, derrubando assim a falsa democracia criada pelo seu pai, o imperador Vespasiano. Teve um governo de prosperidade e de incentivo à cultura. Seu governo abrangia os aspectos de uma vida cotidiana próspera da sociedade

romana. Teve muitos ambiciosos projetos econômicos, militares e culturais. A tendência do governo de Domiciano era eliminar a corrupção e o nepotismo, que eram exagerados nos governos anteriores. Prefeitos e governadores provinciais tiveram de administrar bem e seguir à risca a nova política imperial. Funcionários públicos, todos os ramos da administração imperial e toda a sociedade romana foram afetados pelos éditos publicados durante a sua administração. Muitas leis foram criadas e aplicadas de maneira rigorosa; os impostos eram cobrados com rigor e houve prosperidade. Os cargos públicos foram divididos entre pessoas de confiança e capacitadas e nada foi destinado a parentes. As campanhas militares do imperador Domiciano foram muitas. Ele viajou por todas as províncias ocidentais do império, permanecendo por três anos na Germânia e Ilíria, onde combateu tribos que ameaçavam os seus territórios. O poder central do governo Domiciano não se concentrava somente na capital, mas onde ele se encontrava.

[7 Ai! Acho que estou virando deus!](#)

Domiciano e os cristãos

Um dos projetos de Domiciano era elevar a glória de Roma ao mais alto nível possível. Ele admirava a sua cultura, o poder romano e os seus deuses. Era devoto de vários deuses e a sua divindade preferida era Minerva. Em homenagem a ela, colocou sua efígie em muitas moedas e construiu um templo dedicado a ela no fórum romano e no Capitólio. Domiciano também restaurou o Templo de Júpiter.

Naquele período, ele quis resgatar a divinização do imperador: queria que todos os seus súditos, além de adorarem os seus deuses, adorassem também o imperador. Apesar de não haver documentos romanos que atestem que ele tenha perseguido especificamente os cristãos, o historiador grego Dione Cássio, que foi pretor e cônsul em Roma, afirma que os cristãos sob o governo de Domiciano foram acusados e condenados por “ateísmo” a partir do ano 89 d.C. por só adorarem o único Deus verdadeiro na pessoa de Jesus o Cristo e não adorarem também os outros deuses romanos nem o imperador. Por essa razão, ele odiava os cristãos e os considerava um povo ignorante e bárbaro. Os cristãos eram perseguidos, maltratados e submetidos às torturas mais cruéis para que negassem o nome de Jesus e se curvassem em culto ao imperador. Como eles recusavam as condições dadas por ele, eram mortos de maneiras cruéis. Toda a perseguição se intensificou a partir do ano 93 d.C., quando Domiciano concluiu a repressão contra a classe alta, senadores, filósofos e críticos do império.

Os relatos dos historiadores Eusébio de Cesareia e Dione Cássio, com base nos escritos de Militão de Sarde e Tertuliano, contam que Domiciano, no ano 95 d.C., condenou à morte muitos cristãos, incluindo o seu primo Flávio Clemente, que era um homem influente na corte e foi executado por “ateísmo”. A esposa de Flávio Clemente, Flávia Domitila, foi exilada, também por “ateísmo”.

João Evangelista, que era pastor da igreja de Éfeso na Ásia Menor, também foi perseguido pelo imperador Domiciano por ser cristão e pregador do evangelho. Foi preso, torturado, condenado à morte e jogado dentro de um tacho de óleo quente para morrer. Entretanto, não foi consumido e saiu sem nenhuma queimadura no seu corpo. Decidiram enviá-lo à ilha de Pátimo, onde viveu como exilado por um período de quatro anos, quando teve a revelação do Apocalipse. O seu exílio começou no ano 95 d.C., portanto, no penúltimo ano de Domiciano, e se estendeu até o segundo ano do imperador Nerva. Provavelmente foi esse imperador quem permitiu que João retornasse do seu exílio para a cidade em que morava, onde morreu de morreu tranquilamente em seu leito.

Domiciano foi assassinado no dia 18 de setembro de 96 d.C. por uma conspiração palaciana organizada com o consentimento da guarda pretoriana. Suetônio afirma que o líder dos conspiradores era o fidalgo imperial Partênio. Os autores do assassinato foram Máximo, liberto de Partênio, e Estêvão, mordomo de Flávia Domitila. Com o assassinato de Domiciano, termina a dinastia flaviana e inicia a dinastia nerva-antonina.

Conclusão

Nesta obra, temos uma visão geral dos povos descendentes dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé (Gn 10.1). Tivemos o cuidado de detalhar as origens de cada um dos povos. Alguns destes, porém, por terem origem obscura, deixamos de lado e não detalhamos seus ancestrais por não termos certeza quanto a qual dos três filhos de Noé seriam seus ascendentes. Vale ressaltar, porém, que todos os povos pós-diluvianos têm origem nesses três personagens.

Ao concluir esta obra, esperamos que ela venha a trazer benefícios, compreensão e entendimento aos leitores com relação à história dos povos antigos, dos reinos e impérios da Antiguidade bíblica a partir de uma visão panorâmica e clara da época. Na atualidade, muitos escritores que são teólogos de renome têm se dedicado mais a escrever obras de cunho exclusivamente teológico, doutrinário, escatológico e cristocêntrico para a edificação da igreja. Isso é excelente, mas, no que se refere a história dos povos antigos, poucos são os que se preocupam em escrever. E esse tipo de escrito é muito bom para aumentar o conhecimento de quem gosta de ler sobre a história dos povos antigos.

Esperamos que pregadores do Evangelho que gostam de ilustrar suas mensagens citando fatos históricos e geográficos venham a se beneficiar com o conteúdo desta obra, pois é normal ouvir pregadores fazendo alusões geográficas, históricas e panorâmicas de forma totalmente em desacordo com a realidade da época.

Os povos e os reinos da Antiguidade que mencionamos neste livro foram aqueles sobre os quais tivemos condições de pesquisar com mais precisão. Quanto aos povos que habitaram Canaã antes da conquista feita pelos filhos de Israel, alguns ficaram de fora devido à falta de dados históricos. Gênesis 15.19-21 lista dez povos como habitantes de Canaã – queneu, quenezeu, cadimoneu, heteu,

perezeu, refains, hamorreu, cananeu, gigaseu e gebuseu. Não localizamos dados históricos suficientes sobre vários desses povos além do que encontramos nas escrituras sagradas. No livro de Êxodo, no capítulo 3, versículo 17, essa lista está reduzida a seis povos, que foram listados como cananeu, heteu, amorreu, perezeu, heveu e jebuseu. No capítulo 23, versículo 28, a lista diminui ainda mais e são citados somente três povos. Em Deuteronômio 7.1, assim como em Josué 24.11, a lista aparece com sete povos. No capítulo 2 desta obra, mencionamos sete povos descritos pelos escritores sagrados, com pequenos relatos históricos e geográficos sobre eles, que habitavam a Terra na época da conquista de Canaã pelos hebreus.

O mesmo que se deu com os povos pré-israelitas em Canaã ocorreu com os demais povos.

Bibliografia consultada

ATLAS DA BÍBLIA. 3ª edição. Tradução para o português de Edwino A. Royer. São Paulo: Edições Paulinas. 1987.

BÍBLIA de referência Thompson. Compilada e redigida por Frank Charles Tonpson.

BOYER, O.S. Pequena enciclopédia Bíblica. Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Ed. Vida Miami, Flórida E.U.A 7ª edição, impresso nas oficinas da Editora Betânia S/C, Belo Horizonte Mg. 1978.

Clássicos Jackson W. M. Jackson Inc.,Rio, 1950

DAVIS, John D. Dicionário da bíblia. 15ª Edição. Tradução e revisão de J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: Ed. Juerp, 1989.

HISTÓRIA DE HERÓDOTO (484 a.C. - 425 a.C.). Nueve Libros de la História Tradiução do Pe. Bartolomé Pou, S. J. (1727–1802) - Ed. eBookBrasil - Agosto 2006

JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus. Obra completa. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 1990.

RUESCAS, Jesus. História geral. São Paulo: Silvadi Editora Ltda.

SUETÔNIO. As vidas dos doze césaes. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012.

Sobre o autor

Raimundo Nonato Rocha do Lago é bacharel e mestre em Teologia, formado pela Universidade da Bíblia. Também é capelão voluntário pela União Internacional de Pastores e Capelães Voluntários (UNIPAS). É diácono e professor da escola dominical na igreja Assembleia de Deus, subsede da área 15, campo do Tirirical - São Luís - Maranhão, igreja pastoreada pelo ilustre pastor Osiel Gomes da Silva. Nonato Lago, como é conhecido, é casado com Sonia Maria Pinheiro do Lago e desse matrimônio nasceram quatro lindos filhos: Raquel Pinheiro do Lago, Natanael Pinheiro do Lago, Ismael Pinheiro do Lago e Isaque Pinheiro do Lago. Serve ao Senhor desde 25 de dezembro de 1981 e tem uma trajetória de vida respeitada diante do Senhor e da igreja. O texto áureo de sua vida é 1 Pe 3.15: “Antes santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós”.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Introdução](#)

[As crises do mundo antigo](#)

[I. Pequenos reinos da Antiguidade](#)

[Sinar \(ou Sinear\)](#)

[Dinastias do reino de Sinar](#)

[O reino de Ninrode](#)

[Elasar](#)

Elão

Moabe

Os reis de Moabe

Amom

Os reis dos amonitas

Edom

Reis e príncipes de Edom

II. Os reinos de Canaã

Canaã

Jabim, rei de Hazor

Os amorreus

Os reis dos amorreus

Hesbom

Seom

Basã

Os heteus

Os reis dos heteus

Os ferezeus

Os heveus

Os jebuseus

Os filisteus

III. O Egito

Por que Baixo Egito e Alto Egito

O povo egípcio, sua origem e população

Linguagem, cultura e religião dos antigos egípcios

A linguagem

Cultura e religião

O Egito sob as dinastias faraônicas

IV. O Egito sob o domínio dos faraós

Nomes de alguns dos faraós que regeram o Egito durante todo o seu período dinástico

Menés

Quéops, Quéfren e Miquerinos

Quéops (2589 a.C. a 2566 a.C.)

Quéfren (2558 a 2532 a.C.)

Miquerinos (2532 a 2505 a.C.)

Amenemete III (1860 a.C. a 1814 a.C.)

Amosi I (1550 a 1525 a.C.)

Tutimés III

Horemheb

Seti I

Ramsés II

Meneptá II

[Sisague I](#)

[Osorom I](#)

[Piankhi](#)

[Sô](#)

[Taraca](#)

[Psamétrico I](#)

[Faraó Neco II](#)

[Psamétrico II](#)

[Faraó Hofra](#)

[V. A Assíria](#)

[A religião dos assírios](#)

[O Império Assírio](#)

[As principais cidades da Assíria](#)

[Assur](#)

[Nínive](#)

[Calá \(Firmeza\)](#)

[Período dinástico assírio](#)

[Bel-Capcapi](#)

[Rimom-Hirari I \(1320-1300 a.C.\)](#)

[Salmanasar I](#)

[Tiglate-Pileser I](#)

Tiglate-Pileser II

Assur-Natsirpal

Assurbanipal (885-860 a.C.)

Salmanasar II (860-825 a.C.)

Rimom-Hirari III (810 – 781 a.C.)

Tiglate-Pilezer III (745 – 727 a.C.)

Salmanassar IV (727-722 a.C.)

Sargom (722 a 705 a.C.)

Senaqueribe (705 a 681 a.C.)

Esar-Hadom (680 a 668 a.C.)

[Assurbanipal II \(668 a 626 a.C.\)](#)

[Esar-Hadom II](#)

[VI. A Síria](#)

[O nome Arã](#)

[Arã-Naaraim](#)

[Arã-Damascus](#)

[Arã-Zobá](#)

[Arã-Maaca](#)

[Gessur em Arã](#)

[Arã-Bete-Reobe](#)

[Relações entre a Síria e Israel](#)

O reino de Zobá

O reino de Gessur

Damasco e a sua supremacia sobre a Síria

Os reis da Síria

Rezom (em hebraico, “importância”)

Heziom (em aramaico, “visão”)

Tabrimom (em aramaico, “Rimom é deus”)

Bem-Hadade I (em aramaico, “filho de Hadade, supremo deus da Síria”)

Bem-Hadade II

Hazael (em hebraico, “a quem Deus vê”)

[Bem-Hadade III](#)

[**VII. Os dois impérios babilônicos**](#)

[A economia do Império Babilônico](#)

[A cidade da Babilônia](#)

[A Babilônia](#)

[Linguagem, cultura e religião dos babilônios](#)

[Linguagem](#)

[Cultura e religião](#)

[Os soberanos da Babilônia](#)

[O primeiro Império Babilônico](#)

[Hamurabi \(em aramaico, “pai do seu povo”\)](#)

[O código de leis de Hamurabi](#)

[A queda do império de Hamurabi e os problemas do reino na gestão dos seus sucessores](#)

[Nabonassar \(747 a 741 a.C.\)](#)

[Merodaque-Baladã](#)

[O segundo Império Babilônico e os seus poderosos reis](#)

[Nabopalusur \(625 a 605 a.C.\)](#)

[Nabucodonosor II \(605 a 562 a.C.\)](#)

[O orgulho de Nabucodonosor II e sua queda diante do Senhor](#)

[Evil-Merodaque \(em babilônico, avilmarduk ou “homem do deus Merodaque”, 562 a 560 a.C.\)](#)

[Neringlissar ou Nergalassarusur \(560 a 556 a.C.\)](#)

[Nabonido ou Nabonaide \(556 a 539 a.C.\)](#)

[VIII. A Média e a Pércia](#)

[A Média E A PÉRCIA](#)

[Os habitantes da Média](#)

[A religião dos medos](#)

[A Média e a Assíria](#)

[Reis da Média](#)

[Faortes \(655 a 633 a.C.\)](#)

[Ciaxares \(633 a 593 a.C.\)](#)

[Astíages \(595 a 550 a.C.\)](#)

[A Pérsia](#)

[Os persas, modo de vida e religião](#)

[Modo de vida](#)

[Religião](#)

[O início do Império Medo-Persa](#)

[Teispes](#)

[Ciro I](#)

[Cambises I](#)

[Os poderosos reis do Império Medo-Persa](#)

[Ciro II \(539 a 529 a.C.\)](#)

[Cambises II \(529 a 522 a.C.\)](#)

Dario Histaspes (522 a 486 a.C.)

Xerxes I (486 a 465 a.C.)

Artaxerxes I (465 a 425 a.C.)

Xerxes II (425 a 424 a.C.)

Dario Codomano, o Dario III (336 a 331 a.C.)

IX. A Grécia

A população da Grécia

Fatos históricos que marcaram o início do poderio grego

História da Grécia Antiga

10 Período: a civilização do Egeu – Grécia pré-histórica (2600 a 1450 a.C.)

20 Período: micênico – idade do bronze (1600 a 1200 a.C.)

30 Período: idade das trevas (1200 a 800 a.C.)

40 Período: arcaico (776 a.C. a 323 a.C.)

A colonização

Desenvolvimento político, social e do comércio

Os legisladores

Os tiranos

A tirania dos trinta

50 Período: helenístico (323 a 140 a.C.)

O reino macedônico

Filipe II (359 a.C. a 336 a.C.)

[Alexandre o grande \(336 a 323 a.C.\)](#)

[Administração do império de Alexandre, o Grande](#)

[Alexandre, o Grande administrava o seu vasto império de acordo com três pilares:](#)

[O poderoso exército de Alexandre, o Grande](#)

[A morte de Alexandre, o Grande](#)

[O destino final do Império Grego-Macedônico](#)

[Divisão do reino grego-macedônico](#)

[X. A história da fundação de Roma](#)

[A Itália](#)

[O mito do nascimento de Rômulo, o fundador de Roma](#)

Roma Antiga

Período monárquico (753 a 509 a.C.)

Os patrícios

Os plebeus

Os clientes

Os escravos

Período republicano (509 a 27 a.C.)

Organização política e social da república romana

XI. O período imperial (27 a.C. a 476 d.C.)

As duas primeiras dinastias do Império Romano

[A sucessão de Júlio César](#)

[A dinastia júlio-claudiana \(14 a.C. a 68 d.C.\)](#)

[Otávio Augusto \(27 a.C. a 14 d.C.\)](#)

[Tibério \(14 d.C. a 37 d.C.\)](#)

[Calígula \(37 d.C. a 41 d.C.\)](#)

[Cláudio \(41 d.C. a 54 d.C.\)](#)

[O imperador Nero \(54 d.C. a 68 d.C.\)](#)

[Nero e a igreja do primeiro século](#)

[As conspirações, as revoltas e a morte de Nero](#)

[O ano dos quatro imperadores e a dinastia flaviana \(68 e 69 d.C. a 96 d.C.\)](#)

[O imperador Galba](#)

[O imperador Otão](#)

[O imperador Vitélio](#)

[A dinastia flaviana \(69 a 96 d.C.\)](#)

[Vespasiano \(69 d.C. a 79 d.C.\)](#)

[Vespasiano e a destruição de Jerusalém](#)

[Os feitos, as grandes obras e a morte de Vespasiano](#)

[Tito \(79 d.C. a 81 d.C.\)](#)

[Domiciano \(81 d.C. a 96 d.C.\)](#)

[Domiciano e os cristãos](#)

[Conclusão](#)

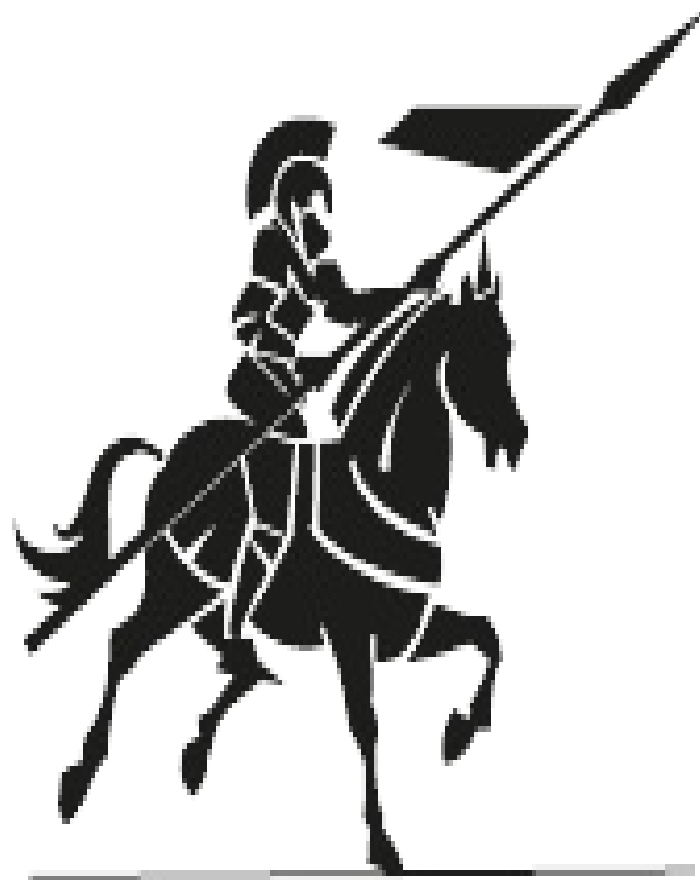
[Bibliografia consultada](#)

[Sobre o autor](#)

[Sumário](#)

[Sobre a Viseu](#)

Sobre a Visu



VISEU

Essa e outras obras em:

eviseu.com

facebook.com/editoraviseu

twitter.com/editoraviseu

instagram.com/editoraviseu

Contatos:

[*contato@editoraviseu.com*](mailto:contato@editoraviseu.com)

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

[*originais@editoraviseu.com*](mailto:originais@editoraviseu.com)